UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL –PPGAS

MARÍLIA MELO DE OLIVEIRA

"ACHAM QUE BROTAMOS DAS FONTES DESSA CIDADE?"

Uma etnografia sobre o cotidiano de sobrevivência de pessoas em *situação de rua* em Natal/RN.

NATAL - RN

2015

MARÍLIA MELO DE OLIVEIRA

"ACHAM QUE BROTAMOS DAS FONTES DESSA CIDADE?"

Uma etnografia sobre o cotidiano de sobrevivência de pessoas em *situação de rua* em Natal/RN.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof°. Dra°. Lisabete Coradini.

NATAL – RN

2015

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Oliveira, Marília Melo de.
"Acham que brotamos das fontes dessa cidade?": uma etnografia sobre o cotidiano de sobrevivência de pessoas em situação de rua em Nata/RN. / Marília Melo de Oliveira. – 2015.
119 f. -

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Natal, 2015.
Orientadora: Profª. Drª. Lisabete Coradini.

1. Etnologia – Natal, RN. 2. Pessoas desabrigadas – Natal, RN. I. Coradini, Lisabete. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA CDU 39(813.2)

MARÍLIA MELO DE OLIVEIRA

"ACHAM QUE BROTAMOS DAS FONTES DESSA CIDADE?"

Uma etnografia sobre o cotidiano de sobrevivência de pessoas em *situação de rua* em Natal/RN.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof°. Dra°. Lisabete Coradini.

Aprovada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof°. Dra° Lisabete Coradini – UFRN

Orientadora

_____

Prof°. Dra° Silvana de Souza Nascimento – USP

Examinadora Externa

_____

Prof°. Dra°. Lílian Leite Chaves – UFRN

Examinadora Interna

_____

Prof°. Dr. Jean Segata – UFRN

Suplente

À voz que me inspirou,

"A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajuda a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques, que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes, onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido de Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do Padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães de Areia. Uma voz que vem das filhas de santo do candomblé de Don'Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do Trapiche dos Capitães de Areia. Que vem do Reformatório e do Orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião, pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa-Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta. Que é como um samba alegre de negro, como o ressoar dos atabaques nas macumbas. Voz que vem da lembrança de Dora, valente lutadora. Voz que chama Pedro Bala. Como a voz de Deus chamava Pirulito, a voz do ódio o Sem-Pernas, como a voz dos sertanejos chamava Volta-Seca para o grupo de Lampião. Voz poderosa como nenhuma outra. Porque é uma voz que chama para lutar por todos, pelo destino de todos, sem exceção. Voz poderosa como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados. Voz que traz com ela uma festa, que faz o inverno acabar lá fora e ser primavera. A primavera da luta. Voz que chama Pedro Bala, que o leva para a luta. Voz que vem de todos os peitos esfomeados da cidade, de todos os peitos explorados da cidade. Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade. A cidade no dia de primavera é deslumbradoramente bela. Uma voz de mulher canta a canção da Bahia [...] Cidade negra e velha, sinos de igreja, ruas calçadas de pedra. Canção da Bahia que uma mulher canta. Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a canção da liberdade. Voz poderosa que o chama. Voz de toda a cidade pobre da Bahia, voz da liberdade".

Capitães de Areia

Jorge Amado

Agradecimentos

Ao meu pai, Vladir (em memória) e à minha mãe Rosa, por me guiarem nessa vida desde meu primeiro instante. Aos meus irmãos, Victor, Tatiana e Vinicius, que estão sempre ao meu lado – Agradeço especialmente à Vinicius pela elaboração conjunta dos mapas desta pesquisa, que demandou cuidado e horas da madrugada. Ao meu amor, Rafael, por compartilhar seu mundo comigo e por ter me acompanhado, em alguns momentos, entre as ruas da cidade. Ao meu cunhado Rostand, pela imensa colaboração. À Lourdes, minha avó, por seu carinho infinito. À Dió, por me ensinar a gritar mais alto. À Vera, pelo acolhimento aconchegante. A todos os familiares, pelo apoio e força sempre.

Aos amigos Natália e Pedro, pela preocupação e disposição em ajudar. Também pelos momentos de encontro e festejo, que fazem a caminhada mais leve.

À Lisabete Coradini, pelas contribuições, paciência e respeito. Ao Núcleo de antropologia Visual da UFRN (NAVIS/UFRN), em nome da Professora Lisabete Coradini, agradeço pelo espaço e instrumentos de pesquisa disponibilizados. À Rozeli Porto, Edmundo Pereira, Juliana Melo e Jean Segata, professores que colaboraram com esta pesquisa através das críticas e apontamentos, despertando-me ideias. Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN (PPGAS/UFRN), em nome da Coordenação, Secretaria, conjunto de professoras e estudantes pela construção coletiva. Em especial agradeço à Adriano e à Gabriela, pela atenção e disponibilidade sempre que precisei.

Ao Consultório de Rua, que me possibilitou iniciar as observações participantes em sua companhia. Ao Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH/UFRN), em nome do Núcleo Gentileza e todos os colegas que o compõe. Parabenizo a ambos pelo trabalho realizado com tanta dedicação e agradeço por terem me recebido ao grupo.

Por fim, o agradecimento especial é dedicado aos interlocutores desta pesquisa, pela confiança, conversas, ensinamentos, sorrisos, lágrimas e abraços compartilhados. Vocês são os meus mestres. Ao Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), em nome de Maria Lúcia e Vanilson Torres. A todos àqueles que pude conhecer nessa caminhada, entre ruas, esquinas, praças e canteiros: *"Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade".*

RESUMO

Através da observação participante, realizada na região administrativa leste de Natal/RN, esta pesquisa teve como objetivo principal compreender sobre o cotidiano de homens e mulheres que vivem em *situação de rua* na cidade. Como se relacionam com o espaço onde vivem? Nessa relação, quais os usos e estratégias de sobrevivência acionadas por esse segmento social? Esses foram alguns dos questionamentos que nortearam esta pesquisa, com o propósito de evidenciar as especificidades deste modo de vida e os desdobramentos possíveis que tal situação possa reverberar. Nesse sentido, houve um esforço de acompanhar as pessoas em *situação de rua*, seus itinerários e apreender suas narrativas. Ao longo da trajetória de pesquisa – que aconteceu de forma intermitente entre os anos de 2011 a 2015 – frequentei espaços de ocupação e trânsito desse grupo populacional no *meio da rua*, como também me inseri e me envolvi em eventos, fóruns, seminários, reuniões e articulações de sujeitos em *situação de rua* enquanto movimento político (MNPR/RN). São consideradas nesta pesquisa como pessoas em *situação de rua* àquelas que ocupam a rua como espaço principal de sobrevivência e ordenação do cotidiano: nas ruas dormem, alimentam-se, satisfazem as necessidades fisiológicas e de higiene, bem como é o local onde tiram o sustento. A rua é tomada nesta investigação no seu sentido amplo, incluindo todos os possíveis locais relativamente protegidos do frio, da chuva e da exposição à violência, portanto inclui tanto espaços abertos e públicos: como praças e parques; como também locais fechados e privados: albergues, depósitos abandonados, presídios, etc. Observou-se que em nenhum desses espaços os sujeitos em *situação de rua* se estabelecem de maneira fixa, ao contrário, vivenciam a itinerância, que em parte deve-se aos ordenamentos urbanos – que tende a estigmatizá-los e excluí-los dos lugares – e à própria necessidade de sobrevivência, pois ao viver no *meio da rua* práticas diferenciadas são acionadas, e estas divergem do modo de vida sedentário dominante.

Palavras-Chave: Pessoas em *situação de rua*. Etnografia. Estratégias de sobrevivência. Natal.

ABSTRACT

Through participant observation, held in the administrative region east of Natal / RN, this research aimed to understand about the daily life of men and women living on the streets in the city. How they relate to the space where they live? In this relationship, which uses and survival strategies triggered by this social segment? These were some of the questions that guided this research, in order to highlight the specificities of this way of life and the possible consequences that such a situation could reverberate. In this sense, there was an effort to keep up with people on the streets, their itineraries and seize their narratives. Along the search path - which took place intermittently between the years 2011-2015 - attended spaces of occupation and traffic of this population group in the street, as well as insert me and got involved in events, forums, seminars, meetings and subject of joints on the streets as a political movement (MNPR / RN). They are considered in this study as people on the street to those who occupy the street as their main space of survival and ordering of daily life: in the streets sleep, feed themselves, meet the physiological and hygienic needs, and is where draw sustenance. The street is taken in this research in its broadest sense, including all possible places relatively protected from the cold, rain and exposure to violence, thus includes both open and public spaces: as squares and parks; but also closed and private places: hostels, abandoned warehouses, prisons, etc. It was observed that in none of these spaces guys on the street are established in a fixed manner, in contrast, they experience the roaming, which in part is due to urban systems - which tends to stigmatize them and delete them places - and the very need to survive, because while living in the street differentiated practices are triggered, and these differ from the dominant mode of sedentary life.

Keywords: People on the streets. Ethnography. Survival strategies. Natal.

LISTA DE FOTOGRAFIAS:

Fotografia 1: Pessoa em *situação de rua* e estádio Arena das Dunas – Natal/RN **31**
Fotografia 2: Alexandro Gomes, em *situação de rua* na calçada em frente a estabelecimento comercial fechado – Natal/RN.....**58**
Fotografia 3: Alojamento de pessoas em *situação de rua* debaixo de uma passarela na Av. BR 101 – Parnamirim/RN.....**60**
Fotografia 4: "Calçada do Sopão" durante o dia – Natal/RN.....**69**
Fotografia 5: "Calçada do Sopão": teto vazado – Natal/RN.....**70**
Fotografia 6: "Calçada da Miranda" dia – Natal/RN.....**72**
Fotografia 7: "Calçada da Miranda" noite – Natal/RN.....**72**
Fotografia 8: "Calçada da Miranda": Colchões do "Rei" guardados na árvore Natal/RN.....**73**
Fotografia 9: "Calçada da Miranda": o "Rei" dormindo – Natal/RN.....**74**
Fotografia 10: Praça Augusto Severo – Natal/RN.....**80**
Fotografia 11: Coordenadores do MNPR no I Ato do MNPR/RN – Praça Augusto Severo, Natal/RN.....**81**
Fotografia 12: Pessoas em situação de rua no I Ato do MNPR/RN – Praça Augusto Severo, Natal/RN.....**82**
Fotografia 13: Homem em *situação de rua* no ato do MNPR/RN – Praça Augusto Severo, Natal/RN.....**83**
Fotografia 14: Fachada do "Espaço Ruy Pereira" – Natal/RN.....**84**
Fotografia 15: Dinâmica realizada com pessoas em *situação de rua* no espaço Ruy Pereira (1).....**85**
Fotografia 16: Dinâmica realizada com pessoas em *situação de rua* no espaço Ruy Pereira (2).....**86**
Fotografia 17: Cartaz elaborado por pessoas em situação de rua para o I Seminário Potiguar de População em Situação de Rua em Natal/RN (1).....**86**
Fotografia 18: Cartaz elaborado por pessoas em situação de rua para o I Seminário Potiguar de População em Situação de Rua em Natal/RN (2).....**87**
Fotografia 19: Comemoração dos aniversariantes do mês no espaço Ruy Pereira.....**87**
Fotografia 20: II Ato do MNPR na Praça dos Três Poderes, em Natal/RN – 19 de agosto de 2014.....**88**
Fotografia 21: Os pés – suporte para o cotidiano de sobrevivência no *meio da* rua.....**89**

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Regiões administrativas da cidade de Natal/RN.....**49**
Mapa 2: Localização – I) Calçada do Sopão II) Calçada da Miranda.....**67**
Mapa 3: Localização – III) Praça Augusto Severo IV) Espaço Ruy Pereira.....**78**
Mapa 4: Fluxo de pessoas em situação de rua em Natal/RN.....**79**

LISTA DE ABREVIATURAS / SIGLAS

CBTU – Companhia Brasileira de Trens Urbanos
COHAB – Companhia de Habitação Popular
COMUNICA – Superintendência de Comunicação
CRDH – Centro de Referências em Direitos Humanos
CREAS POP – Centro de Referência Especializado de Assistência Social para a População em Situação de Rua.
CRP – Conselho Regional de Psicologia
DEI – Departamento Estadual de Imprensa
FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social
MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MNPR – Movimento Nacional da População de Rua
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
PND – Plano Nacional de Desenvolvimento
SESC – Serviço Social do Comércio
SNAS – Secretaria Nacional de Assistência Social
SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TAM – Teatro Alberto Maranhão
UNESCO – Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....**13**

2 PESSOAS EM *SITUAÇÃO DE RUA* E O CONTEXTO CITADINO.....**31**

2.1 PESQUISANDO NA CIDADE.....32

2.2 DA EUROPA AO BRASIL: *MENDIGOS, VAGABUNDOS E* VADIOS.....37

2.3 ESPAÇO: PÚBLICO E PRIVADO, CASA E RUA.....41

2.4 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM NATAL/RN.....47

3 ITINERANCIAS EM CAMPO.....**58**

3.1 MAPEAMENTO E INSERÇÃO.....59

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS *PEDAÇOS* E *SITUAÇÕES* EMBLEMÁTICAS.....68

4 NARRATIVAS, TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS.....**89**

4.1 A CIRCULAÇÃO INTERMITENTE NA CIDADE E ENTRE AS CIDADES: VIDAS NÔMADES URBANAS.....92

4.2 USO DO ÁLCOOL, CRACK E OUTRAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.....101

4.3 SOBRE O ACESSO AO SISTEMA DE SAÚDE.....104

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**108**

REFERÊNCIAS.....**111**

ANEXOS.....**117**

1 INTRODUÇÃO

(...) O ser que na sociedade é chutado como uma barata – cresce de importância para o meu olho. Ainda não entendi porque herdei esse olhar para baixo. Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas. Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão – Antes que das coisas celestiais (...).

6. Retrato do artista quando coisa.
(Manoel de Barros)

Durante o transitar pelas cidades onde morei ou estive de passagem, observava atentamente e com curiosidade as pessoas que estavam percorrendo seus trajetos particulares. Cada qual demonstrando uma maneira de ser, pela forma de se vestir, pelo andar, pelas reações diante um acontecimento, pelas falas e depoimentos, entre outras singularidades que podemos fazer nota. Foram nesses percursos cotidianos que pude entrar em contato, mesmo que só pelo olhar, inicialmente, com uma diversidade de pessoas e formas de viver.

Em meio a essa diversidade, que podemos observar quando saímos de casa, chamou-me atenção, especialmente, as pessoas que fazem da rua um local de "moradia" e sobrevivência particular. A curiosidade surgia não apenas pelo fato de dormirem nas ruas, mas no sentido de saber quem são, quais as histórias que contariam e, principalmente, como fazem para tecer o cotidiano do *lado de fora*, no *meio da rua*, nas vias públicas, mesmo que transitando por espaços privados. Será que nesse contexto há lugar para realização da intimidade?

Como conseguem se alimentar e suprir as necessidades fisiológicas e de higiene? Será que estas pessoas trabalham, ou apenas "mendigam" e por isso são chamadas desta forma? Como fazem nos dias de chuva, em situações de doença e debilidade física? Desta forma o que *cresce de importância para o meu olho*, e para esta pesquisa, é compreender e evidenciar as especificidades deste modo de vida, bem como os desdobramentos possíveis que esta situação pode reverberar a esses sujeitos – portanto, esses questionamentos norteiam este trabalho. Tendo isso em vista, escolha desse tema deve-se tanto às inquietações teóricas e pessoais, como à escassez de análises voltadas para o tema na cidade de Natal, RN.

À medida que fui me envolvendo e mergulhando neste contexto de pesquisa, percebi que, independente dos diferentes históricos e projetos de vida dos sujeitos que vivenciam a

situação de rua, existem muitas dificuldades em sobreviver na rua, e elas se tornam maiores quando somado ao enfrentamento diário à violência e descaso dos órgãos públicos. Essas pessoas vivenciam a exposição dos seus corpos, ao mesmo tempo em que são invisibilizadas pela sociedade e pelos órgãos públicos – ao não ocuparem os espaços e não cumprirem as práticas da maneira que é socialmente legitimada. Por geralmente não serem percebidas como sujeitos de direitos, e sim como figuras que apenas compõe a paisagem urbana de maneira inerte – o que revela um olhar naturalizado – essas pessoas são tratadas ora com indiferença, ora com preconceito e violência.

Interessante observar: o que é explícito muitas vezes se torna invisível no cotidiano da cidade. Essa (in)visibilidade se estende e é reverberada nas pessoas em *situação de rua* por diferentes formas de violência: físicas e simbólicas. Podemos citar, como exemplo, a prática de higienização das cidades, adotada por empresas e órgãos públicos, especialmente em tempos de eventos turísticos; o preconceito sofrido ao tentar conseguir um emprego e ser recusado por morar na rua; o estigma ao tentar ser atendido no posto de saúde e ser recusado por estar sujo ou sem documentação; as agressões físicas por parte dos guardas municipais constantemente relatadas, entre outras situações. Essas são apenas algumas das violências cotidianas que estes sujeitos vivenciam.

No entanto, eu também pude perceber – e é importante deixar claro – que essas pessoas constroem suas *estratégias* para poder enfrentar o desafio que é viver na rua e, além disso, satisfazer os desejos e prazeres pessoais. Essas estratégias são arquitetadas através do saber apreendido no espaço onde vivem, que perpassa as relações estabelecidas nesse território com os seus semelhantes, com a polícia, com o transeunte, o dono do bar, os irmãos da "caridade", etc.

Dessa maneira, penso que os sujeitos em questão *"se fazem, são constituídos, feitos e refeitos, através das suas trajetórias existenciais"* e, *"embora sofram a ação do destino fica o registro de alguma vontade ou iniciativa dos seres"* (VELHO, 2003, p.8). Em paralelo a *"história de perdas"* – perda dos vínculos familiares e, ou vínculos trabalhistas, à exemplo – constantemente narradas, por alguns, como justificativa por tal situação, há também uma *"história adaptativa"* – das estratégias e artimanhas – que fala do esforço em resistir diante a condição vivenciada. Esta é expressa, sobretudo *"na capacidade de encontrar soluções de sobrevivência dentro de situações extremas"* (ESCOREL, 1999, p. 99).

A elaboração das *estratégias de sobrevivência* passa por uma trama, em que conta fatores como: o cenário local de políticas públicas; a arquitetura urbana da cidade; a rede de amizade e de informações que são tecidas; entre outros elementos situacionais que podemos dimensionar no campo de possibilidades para sua realização. Além das *estratégias de sobrevivência* individuais praticadas cotidianamente, atualmente existem ações coletivas de pessoas em *situação de rua* que passaram a se organizar enquanto movimento social (MNPR[1]), objetivando a construção e garantia de direitos.

Dentre o contexto de violência e violações dos direitos, pude constatar durante minha trajetória de pesquisa que na cidade de Natal (RN) – assim como em outras cidades – há quase uma ausência de políticas públicas voltadas para as pessoas em *situação de rua.* Dos poucos serviços existentes na cidade, voltados para esse segmento populacional, é perceptível a urgência de suporte: de infraestrutura, bem como de capacitação adequada à equipe técnica que se relaciona com esse público.

Essa foi uma questão colocada tanto pelos meus interlocutores que utilizam desses equipamentos - à exemplo, o Albergue Municipal que muitas vezes fecha as portas por falta de água; ou CREAS POP[2], que esteve um longo período desativado por falta de espaço disponibilizado – como pelos próprios profissionais desses equipamentos e serviços ao relatarem sobre as dificuldades que enfrentam.

Ademais, percebi que as práticas assistenciais, realizadas principalmente por órgãos municipais, acontecem muitas vezes de forma autoritária e dotada de preconceitos. Por isso a organização desse segmento populacional enquanto movimento social (MNPR) se faz bastante pertinente para que uma nova política seja construída de maneira mais horizontal, incluindo os subgrupos divergentes do padrão cultural dominante, ao invés de excluí-los.

Por estas questões, considero importante uma aproximação, de maneira crítica, diante a realidade vivida por essas pessoas – em *situação de rua* – a fim de desconstruir percepções

[1] Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Contextualizarei sobre tal movimento mais à frente.

[2] Centro de Referência Especializado de Assistência Social para a População em Situação de Rua. O CREAS POP é uma unidade pública e estatal, de referência e atendimento especializado à população adulta em situação de rua, no âmbito da Proteção Social Especial de Média Complexidade do SUAS. A unidade deve representar espaço de referência para o convívio grupal, social e o desenvolvimento de relações de solidariedade, afetividade e respeito. Na atenção ofertada no Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, deve-se proporcionar vivências para o alcance da autonomia e estimular, além disso, a organização, a mobilização e a participação social. Informações disponíveis em: http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/pse-protecao-social-especial/populacao-de-rua/centro-de-referencia-especializado-para-populacao-de-rua

naturalizadas que perpetram a *invisibilidade* e o *estigma* por estes sofridos, assim como a violência e violações dos direitos que lhes são cotidianamente negados. Acredito que uma problematização sobre tal cotidiano– dotado de práticas e códigos diferenciados em relação à sociedade sedentária que vive no espaço privado – possibilite:

> [...] não apenas que encontremos formas eficazes de ajudar este segmento social sem querer transformá-lo em nosso espelho, mas também que avancemos no conhecimento do homem e da sociedade (MAGNI, 1995).

Assim, pretendo que essa pesquisa de alguma forma contribua para uma nova percepção sobre as pessoas que estão em *situação de rua*, trazendo novos olhares, destituído de julgamento moral, indo além de uma perspectiva assistencialista e, ou, autoritária. Que possamos observar esse fenômeno não de forma homogeneizadora, e sim, considerando suas particularidades locais e as especificidades de cada sujeito. Para tanto, torna-se importante problematizar não só a situação em que essas pessoas vivem – e como vivem- como também refletir sobre o modelo de vida que levamos nas nossas cidades.

Alguns fatos que são duramente subjugados pela sociedade e pela mídia hegemônica com preconceito, intolerância e outras formas de violência, podem estar representando uma realidade social da qual não temos conhecimento, pois tais situações e acontecimentos nos são apresentados geralmente de maneira superficial. Dessa maneira, esse estudo visa contribuir, sobretudo, para a formulação de novas abordagens que considere a condição e a realidade social de forma menos maniqueísta ou, que ao menos possamos perceber que a moral legitimada – assim como o discurso dos agentes e das instituições – também serve para excluir.

Portanto, ao tratar sobre os que estão em *situação de rua* – ou qualquer outro grupo e situação que seja comumente percebido através do olhar desatento e preconceituoso – considero ser necessário desvendar os mapas sociais aos quais fomos socializados, e assim *"recorrer a outro modo de olhar essas pessoas, naquilo que tem de indizível e inalcançável, desalojando-nos, também a nós, das nossas "casas" cognitivas, afetivas, valorativas e morais"* (AMORIM, NOBRE, COUTINHO E GOMES, 2014, p.1).

"Esfarrapado, mendigo, morador de rua, virador, habitante da rua, nômade urbano..."

Desde as cidades pré-industriais e, especialmente no período após Revolução Industrial, a presença do sujeito em *situação de rua* chamou a atenção de muitos pensadores e romancistas (BURSZTYN, 2000). À exemplo, na prosa poética *"Os olhos dos pobres* [3]*",* de Charles Baudelaire (1821-1867), é retratado uma família em farrapos que surge entre os detritos de um novo cenário nas ruas de Paris, os esplendorosos Bulevares. No Brasil, Jorge Amado (1912-2001) escreve o romance *Capitães de Areia* (1937), no qual descreve, de maneira muito sensível, a vida de menores abandonados que passaram a viver pelas ruas na cidade de Salvador.

Assim como Baudelaire e Jorge Amado, diversos autores já retrataram a figura do *esfarrapado,* do *mendigo,* do *pedinte,* do *sem-teto,* do *morador de rua,* sempre acompanhada de uma descrição sobre a cidade, sobre a rua e, especialmente, sobre o contexto local, das práticas, do movimento urbano, dos transeuntes e "*acontecimentos verbais e não verbais"* (ROCHA E ECKERT, 2003).

Por ser tratar de um segmento social bastante heterogêneo, constituído por atores diversos – andarilhos, egressos de sistema penitenciários, pessoas com transtornos mentais, desempregados, etc. – existe uma gama variada de denominações que fazem referência aos sujeitos em *situação de rua*. Além das que já foram mencionadas acima – que denotam à temática e à imagética da pobreza, das desigualdades e da exclusão social – outros autores e pesquisadores utilizaram categorias que deram ênfase à condição e às práticas desses sujeitos, uma vez estando em *situação de rua*: *Viradores*/*Viração* (BURSZTYN, 2000; GREGORI, 2000), *Habitantes de rua e Nômades Urbanos* (MAGNI, 1997, 2009, 1998).

Sobre o uso de termos, conceitos e categorias, Sarah Escorel (1999) coloca que estes revelam:

> [...] as representações sociais existentes e a abordagem do pesquisador e, sobretudo, as identidades sociais criadas pelo poder simbólico da nomeação, que confere uma

[3] ANEXO 2.

> existência social, que atribui um modo de ser em sociedade aos indivíduos, grupos ou classe (TELLES APUD ESCOREL, 1999, p. 23).

Considerando tais questões, é interessante observar que em cada nacionalidade, a partir das representações sociais locais construídas em cima desse ser em *situação de rua*, é designado categorias politicamente adequadas para se referir a esses sujeitos. Na França, por exemplo, como indica Claudia Turra Magni (1995), o termo utilizado é "*pessoas sem-domicílio (PSD)"* ou "*sem domicílio-fixo* (SDF)" que segundo Magni são:

> [...] termos que partem de uma perspectiva exterior ao grupo, que o identifica a partir da negatividade semântica: a ausência ou carência em relação a algo que se apresenta como um valor social básico – neste caso, o lar a residência [...] (MAGNI, 1995, p. 2).

No Brasil a designação atual é de "*pessoas em situação de rua*" ou "*população em situação de rua*" com o objetivo de ressaltar que estas pessoas vivem uma *situação* que pode ser transitória, ou não. Escolhi usar o termo em *situação de rua* neste trabalho por compreender que a condição de viver na rua pode corresponder a um momento em um processo e não a um estado definitivo (TOSTA, 2000).

Pretendi não optar pelas relações de causalidade e efeito, como por exemplo: *ausência de moradia/morador de rua/sem-teto*; *morador de rua*/*mendigo/pedinte*. Tais associações reproduzem noções unificadas e naturalizadas dos indivíduos em questão, desconsiderando a multiplicidade de históricos, desejos e projetos de cada um. Durante minha trajetória em campo pude constatar que não é a falta de um domicilio que define o estar em *situação de rua*, bem como não significa que por estar nessa condição a pessoa passe o dia numa calçada, mendigando, pedindo esmola. Não podemos generalizar situações e pessoas, nem reforçar construções sociais estigmatizantes.

Pessoas em *situação de rua* no Brasil

A atenção da sociedade, e do poder público, direcionada para o segmento social de pessoas em *situação de rua*, com o propósito de pensar na construção de garantias sociais é

ainda muito recente no Brasil. A preocupação atual das gestões públicas, voltadas para este grupo populacional, surge como consequência de lutas sociais, ocorridas nos últimos anos, requerendo a existência de políticas públicas mínimas, que até pouco tempo eram inexistentes.

Atualmente, no Brasil, existe o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Este movimento tem como marco do seu surgimento o 4° Festival de Lixo e Cidadania, que ocorreu em 2005. Nesta ocasião, pessoas em *situação de rua* de Belo Horizonte se movimentaram e convidaram pessoas que viviam a mesma situação em outros estados. Esse encontro possibilitou o lançamento do MNPR como expressão dessa participação organizada em várias cidades. O MNPR foi impulsionado, entre outros fatores, em repúdio à Chacina da Praça da Sé, que aconteceu em 19 de agosto de 2004, em São Paulo, episódio no qual sete moradores em *situação de rua* foram assassinados. Essa data ficou marcada como o dia de luta do MNPR em todos os locais do país onde o movimento atua.

De acordo com Ana Costa (2005, p.6), somente no final da década de 80 e início da década de 90, que a Constituição Federal brasileira assegurou que os direitos sociais deveriam ser garantidos como fundamentais a todo cidadão e, com a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) de 1993, regulamentou os artigos 203 e 204 da Constituição Federal, reconhecendo a Assistência Social como política pública. Foi a partir dos direcionamentos dessa nova legislação que o poder público passou a ter a tarefa de manter serviços e programas de atenção à população em *situação de rua* (COSTA, 2005, p.6).

No entanto, vale ressaltar que, até o ano de 2009, a mendicância – termo então utilizado para referir-se às pessoas em *situação de rua* – era considerada uma transgressão penal no Brasil, de acordo com o artigo 60[4] da *Lei de Contravenções Penais.* O Governo Federal de 2009, junto com os movimentos sociais, em que o MNPR atuou como protagonista, construíram uma frente para que esse artigo fosse revogado, sendo substituída pela Lei nº 11.983. Essa Lei revogada, que declarava a mendicância como um crime, era um dos dispositivos que reforçava no imaginário social, e no senso comum, a ideia de que as pessoas em *situação de rua* seriam pessoas ociosas e violentas e por isso deveriam não só serem excluídas do meio social e vias públicas, como também mereceriam ser penalizadas.

[4] ANEXO 1

Esse é um pensamento ainda arraigado no senso comum da sociedade, não só brasileira, como as que vivem sob a lógica capitalista pois, nesse contexto, os sujeitos sociais são percebidos apenas como força de trabalho e potenciais consumidores. Os que se encontram desencaixados dessa lógica, de não poder oferecer sua força de trabalho, nem devolver o salário através do consumo, estarão propensos a serem estigmatizados socialmente, contribuindo para o "*trinômio da exclusão": expulsão, desenraizamento e privação*, ao qual se refere Alcook (1997) e Castel (1998).

A Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS) realizou em 2005 o I Encontro Nacional sobre a População em Situação de Rua, onde foram discutidos, em conjunto com os movimentos sociais mais representativos, os desafios, estratégias e as recomendações para a formulação de políticas públicas nacionalmente articuladas para essa parcela da população. Surge como ação prioritária a realização de estudos que possam quantificar e permitir a caracterização socioeconômica dessas pessoas para então encaminhá-las às políticas necessárias (BRASIL, 2008).

Tendo como base as prioridades que foram discutidas, entre agosto de 2007 e março de 2008, foi realizada pelo Instituto Meta a Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua. Para este trabalho foi feito um acordo de cooperação entre as Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) (BRASIL, 2008).

Esse primeiro censo, realizado a nível nacional, teve como público alvo pessoas com dezoito anos completos ou mais, vivendo em *situação de rua*. Abrangeu o conjunto de 71 cidades brasileiras, do total, 48 municípios com mais de 300 mil habitantes e 23 capitais, independente do porte populacional. Não participaram os municípios de São Paulo, Belo Horizonte e Recife, pois já estava sendo conduzida pesquisa semelhante, pelo mesmo instituto de pesquisa que, no entanto, aconteceu por iniciativa municipal (BRASIL, 2008).

Dessa forma, em maio de 2008, a partir dos resultados da Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua, e das reflexões e debates que se sucederam entre diversos grupos e setores da sociedade, com preponderância para o MNPR, o Governo pôde elaborar um documento apresentando a Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua, como forma de orientar a construção e execução de políticas públicas.

De acordo com o que é apresentado nesse documento, as pessoas em *situação de rua* caracterizam-se como um grupo populacional heterogêneo, constituído por pessoas que possuem em comum a garantia da sobrevivência por meio de atividades produtivas desenvolvidas nas ruas, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a não referência de moradia regular - utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009)

Ainda segundo esse documento, as pessoas que estão nesta situação tornam-se um grupo comum à medida que fazem das ruas o seu espaço principal de sobrevivência e ordenação das suas identidades. A relação dessas pessoas com a rua é estabelecida segundo parâmetros temporais e identitários diferenciados. Apesar de não podermos homogeneizar essas pessoas, o ponto de intercessão entre elas, é o fato de estabelecerem no espaço público da rua *"seu palco de relações privadas"* (BRASIL, 2008).

Tal definição, embora proponha a superação do estigma sobre os sujeitos em *situação de rua* e oriente na elaboração de ações e políticas de garantia de direitos alienáveis, ainda não toca – e nem poderia, posto que se trata de uma legislação – a complexidade desses modos de existência (AMORIM, NOBRE, COUTINHO E GOMES, 2014, p.2).

De acordo com o que é observado por Maria Lúcia Lopes da Silva (2006) essa *situação de rua* pode ser colocada num *continuum* tendo como referência o tempo de rua, pois à medida que aumenta o tempo, se torna mais problemático, para esses sujeitos, saírem dessa condição. Como essa população sofre sucessivas desvinculações com as esferas sociais (família, trabalho, saúde, educação, entre outros), à proporção que o tempo passa, fica mais difícil reconstruir esses laços, tendo em vista o estigma por estes sofrido.

A população em situação de rua é composta por pessoas e histórias de vidas diversas. Durante a pesquisa de campo que venho realizando, pude observar pessoas que vieram de outros estados e municípios, assim como da própria cidade de Natal/RN; pessoas desempregadas; egressos de sistemas prisionais e psiquiátricos, pessoas que fazem uso em abundância do álcool e outras substâncias psicoativas, e etc. Aliado a isso, se entrelaça especificidades que perpassam a população nesta situação, como gênero, raça/cor, idade – elementos que optei por não me aprofundar nesta pesquisa – e, de forma geral, contextos de vulnerabilidade.

Para realizar a pesquisa nacional censitária e por amostragem da população em situação de rua, em 2007, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome teve como premissa que a tendência maior de concentração de pessoas em *situação de rua* seria em municípios mais populosos e capitais dos estados, pois têm-se a ideia de que nesses locais há maior concentração de recursos, serviços e possibilidades. Nesse mesmo raciocínio, justifica-se a maior concentração desse segmento populacional nos centros da cidade, local mais favorável para sua sobrevivência.

De acordo com este censo – onde foi estabelecido como universo de pesquisa os municípios com população igual ou superior a 300.000 habitantes, as capitais de estado e Distrito Federal – a população em *situação de rua* é predominantemente masculina. Esse dado é facilmente constatado durante uma rápida observação pelas ruas da cidade. Durante a pesquisa de campo que realizei, percebi uma maior presença masculina tanto nas ruas, quanto no Movimento da População de Rua de Natal.

Mais da metade da população de pessoas em situação de rua entrevistadas na pesquisa realizada pelo Instituto Meta – só foram entrevistadas pessoas com 18 anos completos, ou mais – estão na faixa etária entre 25 e 44 anos e se declararam pardas e pretas. Grande parte dessa população (70,9%) exerce atividade remunerada, no entanto os níveis de renda são baixos, e instáveis, por causa da informalidade dos serviços. A maioria sabe ler e escrever (74%), porém, destes, 95% não estuda atualmente (BRASIL, 2008).

A maioria (69,6%) da população pesquisada afirma que costuma dormir na rua. Um grupo menor (22,1%) costuma dormir em albergues e outras instituições. Acontece também dessas pessoas alternarem a dormida, entre a rua, albergue e outros espaços, como instalações abandonadas, e para os que trabalham, o local do serviço. Entre aqueles que manifestaram preferência em dormir em albergue, apontaram a violência e o desconforto como principal motivo da não preferência por dormir na rua. Entre aqueles que têm como preferência dormir na rua, apontaram a falta de liberdade, os horários e a proibição do uso de álcool e outras substâncias como principal motivação da não preferência pelo albergue (BRASIL, 2008).

Entre os problemas de saúde mais citados entre a população em situação de rua, destacam-se a hipertensão, complicações psiquiátricas/mentais, HIV/Aids, tuberculose, diabetes e problemas de visão e cegueira. Muitos precisam de medicamentos, porém há muita dificuldade em consegui-los, bem como ser atendido em postos de saúde. As complicações

acontecem em decorrência do estigma e processos burocráticos, como portar documentos de identificação e ter endereço fixo.

Muitos que estão em situação de rua não possuem qualquer documento de identificação. Durante o cotidiano nas ruas, essas pessoas acabam perdendo estes documentos ou são roubadas. Outros, que são foragidos da polícia, demostram receio em ser identificados. De forma geral, a falta de documentação dificulta a obtenção de emprego formal, o acesso a serviços e programas governamentais e o exercício da cidadania (BRASIL, 2008).

Caminhos da pesquisa

O meu interesse em realizar pesquisa sobre as pessoas em *situação de rua* surgiu durante a graduação em Ciências Sociais, na UFRN. No ano de 2011 participei de um grupo de estudos sobre cinema e então, nesta época, nasceu a ideia de ir para rua fazer um documentário com essas pessoas. Esse desejo foi compartilhado entre o grupo e, nesse ínterim, apareceu uma oportunidade de inserção no campo. Conhecemos a equipe do Consultório de Rua[5], que se caracteriza por ser um grupo itinerante e multidisciplinar que atua com medidas de redução de danos, voltada para usuários de álcool e outras substâncias psicoativas. Soubemos que essa equipe tem como público alvo as pessoas *em situação de rua*.

Ainda em meados de 2011, eu e mais duas integrantes do grupo de estudos sobre cinema passamos a acompanhar o trabalho do Consultório de Rua em duas calçadas localizadas na região administrativa leste da cidade de Natal – conhecida como "centro da cidade". Nesses locais havia – como até hoje ainda existem – uma concentração de pessoas em *situação de rua*. Como chegávamos entre o fim da tarde e início da noite – horário em que os pontos comerciais estavam fechando – observávamos o espaço das calçadas ser (re) ocupado por esses sujeitos. Percebi que o transitar diurno nas calçadas, geralmente incessante, entre o espaço público (rua) e privado (pontos comerciais) se transfigura ao longo do dia. A noite, as calçadas são utilizadas, especialmente, como local de descanso (ou dormida) pelos

[5] Programa realizado pela prefeitura de Natal/RN, seguindo uma diretriz do Ministério da Saúde (regulada pela portaria 122/11). Tem como objetivo ampliar o acesso da população em *situação de rua* e ofertar, de maneira mais oportuna, atenção integral à saúde, por meio das equipes e serviço de atenção básica. Este programa enfrenta muitas dificuldades pela falta de equipamentos disponibilizados pela prefeitura de Natal/RN como, por exemplo, a falta de carros que serve tanto para levar a equipe técnica à rua (durante o trabalho realizado à noite a situação fica mais complicada), como para fazer encaminhamentos aos postos de saúde, quando necessário.

"habitantes da rua" (MAGNI, 1997). Cada um marcava seu espaço na calçada, estendendo seu colchão ou papelão – que servia como cama.

Ao final – decorrido quase seis meses frequentando os respectivos locais semanalmente – o documentário[6] não foi produzido, no entanto, pude aproveitar a inserção para realizar minha investigação empírica de monografia[7]. Ao longo das conversas informais que estabelecemos, apresentávamos e colocávamos o nosso desejo em construir o documentário com eles. Explicávamos a ideia para saber se eles tinham interesse em se expor e contar um pouco sobre o cotidiano na rua e suas histórias de vida. A conversa surgia a partir desse disparador. De forma geral, fomos muito bem recebidas, muitos queriam participar. Percebi que os momentos de diálogos serviam tanto como um desabafo, como representavam um espaço de visibilidade diante o cotidiano de indiferença vivenciado pelos sujeitos em *situação de rua*. Não houve registro audiovisual nesse primeiro momento – que se estendeu até meados de 2012 – no entanto tomei como nota escrita as situações vivenciadas.

Em um segundo momento – já em 2013 – pude dar prosseguimento a esta pesquisa. Conheci por ocasião, Vanilson Torres[8], morador em *situação de rua* por mais de 20 anos e líder do Movimento da População de Rua (MNPR) que acabava de surgir[9] em Natal-RN. Eu estava no prédio da Superintendência de Comunicação (COMUNICA) da UFRN quando ele foi conceder uma entrevista no programa Xeque Mate[10], para contar sobre a realidade desse segmento populacional em Natal. O que direcionou minha atenção a sua pessoa foi a camiseta que ele estava vestido, representando o MNPR. Antes de começar a entrevista aproveitei para me aproximar e saber um pouco sobre ele. Apresentei-me, disse que estava realizando uma pesquisa sobre as pessoas em *situação de rua* e que tinha muito interesse em conversar e saber um pouco mais sobre o movimento social que estava surgindo na cidade.

Ele foi muito simpático, prontamente contou-me sobre sua história de vida e como surgiu o MNPR em Natal, movimento este que já existia de forma sólida desde 2005 em outras capitais do Brasil. Tomei conhecimento, a partir desta conversa, que Vanilson é uma

[6] Não conseguimos os equipamentos necessários para a realização do documentário dentro do tempo que havíamos planejado. O grupo acabou se dispersando por este motivo e por causa das demandas e projetos paralelos de cada um.
[7] Este trabalho de monografia teve como título "Moradores em situação de rua e a ressignificação do espaço na área central de Natal, RN" (OLIVEIRA, 2012).
[8] Apresento um pouco da sua história de vida ao final do Capítulo 1.
[9] No primeiro momento desta pesquisa (2011/2012) esse movimento ainda não existia em Natal/RN. Surgiu apenas no final do ano de 2012. Falarei sobre esta questão ao final do Capitulo 1.
[10] Entrevista disponível no acervo da COMUNICA/UFRN.

liderança política de fundamental importância para a emergência do MNPR na cidade. Fiquei muito impressionada com sua desenvoltura e entusiasmo ao falar sobre a *situação de rua*, apesar das dificuldades vividas durante seu longo trajeto de sobrevivência nesta condição. Após nossa conversa – que aconteceu momentos antes da entrevista em uma sala reservada onde ele foi recepcionado e maquiado – eu decidi assisti-lo. Desde então ele tornou-se um dos principais interlocutores desta pesquisa.

Fui informada por Vanilson sobre o trabalho que o Centro de Referências em Direitos Humanos (CRDH), junto com a UFRN, vinha desenvolvendo com a população em *situação de rua* em Natal/RN, especialmente o suporte oferecido para o surgimento do MNPR na cidade, ao mobilizar a realização de atividades: atos, seminários, fóruns, oficinas e audiências públicas para tratar sobre a questão.

Dessa forma, procurei o CRDH/UFRN e coloquei meu interesse em poder acompanhar suas atividades junto ao grupo populacional em questão. Soube que estavam iniciando a realização de encontros semanais do CRDH com pessoas em *situação de rua* na Associação Amigos de Ruy Pereira[11], no bairro da Ribeira[12]. Logo passei a participar dessas reuniões, e de alguns acontecimentos que surgiram a partir desse movimento.

Além desse espaço, que com o tempo se fortaleceu bastante como campo de politização e empoderamento – fundamental para a consolidação no MNPR/RN – realizei observação participante na Praça Augusto Severo[13], localizada em frente à Associação Amigos de Ruy Pereira, onde a presença de pessoas em *situação de rua* é marcante. Pretendo falar com mais detalhes sobre esses espaços, onde fiz observação e pude interagir com os interlocutores desta pesquisa no Capítulo 2 desta dissertação.

No momento em que me voltei para a pesquisa sobre pessoas em *situação de rua*, comecei a ficar atenta a todos os assuntos que surgiam sobre o tema nos diversos espaços:

[11] A Associação Amigos de Ruy Pereira fica na rua Dr. Barata que, assim como a Praça Augusto Severo, localiza-se bairro da Ribeira, em Natal/RN. Apresento tais espaços no capítulo 2.

[12] Bairro histórico da cidade de Natal/RN (é o 2° bairro que a cidade teve). Compreende duas áreas: a Ribeira histórica e o Alto da Ribeira. Este bairro faz limite com o Rio Potengi, com os bairros de Santos Reis e Rocas (ao norte), Tirol e Petrópolis (ao Leste) e Cidade Alta (ao sul).

[13] A Praça Augusto Severo localiza-se no bairro da Ribeira, em Natal/RN. Seu nome é uma homenagem ao norte-riograndense pioneiro da aviação. Ao seu redor foram construídos prédios tradicionais, como o Teatro Alberto Maranhão, o Cine Polytheama (primeiro cinema de Natal), a Antiga Escola Domestica de Natal, a Antiga Escola de Direito, o Colégio Salesiano São José, a Estação Rodoviária de Natal (hoje transformada em Museu) e um terminal de ônibus para todas as localidades da cidade. Hoje essa praça recebe alguns eventos realizados pela prefeitura, pelo governo e por entidades privadas em parceria com a prefeitura e governo do estado.

virtuais (jornais, redes sociais, blogs), acadêmicos (seminários), políticos (atos, fóruns, assembleias, audiência pública) e artísticos (peças de teatro, filmes, músicas e poesias – inclusive, ao perceber os dotes artísticos de muitos em *situação de rua*, resolvi trazer algumas poesias construídas por eles para esta dissertação).

Durante o processo de pesquisa acompanhei de perto os itinerários e os lugares de passagem (ruas, praças, calçadas, albergues) dos meus interlocutores, caminhando pela cidade, durante o dia e a noite, durante a semana e também nos fins de semana, para entender a regularidade e a repetição dos tempos. Devido a essa especificidade – pois meus interlocutores que se caracterizam por certo nomadismo urbano (MAGNI, 1995) – escolhi fazer *observação participante* (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000; ZALUAR, 2009) *multissituada* (BOURDIEU, 2006), ao invés de ater-me a uma única localidade.

Gostaria de ressaltar que não pretendi descrevê-los numa totalidade, missão que seria impossível. A ideia foi poder me inserir nas variadas instâncias onde pudesse me relacionar com os sujeitos desta pesquisa. Essa foi uma estratégia que se fez ao longo do percurso em campo, a partir dos encontros que surgiram, e também do desejo pessoal de mergulhar o quanto fosse possível.

De acordo com Bourdieu (2006) a pesquisa *multissituada* apresenta-se como uma estratégia de *vigilância epistemológica*. A possibilidade de o pesquisador poder movimentar-se em diferentes espaços, durante o processo de pesquisa, contribui para perceber a variedade de posicionamentos dos sujeitos envolvidos, como também serve de alerta para discursos institucionalizados. Além do mais, a minha inserção e frequência em determinados espaços me conferiu uma posição privilegiada para uma aproximação, especialmente quando me inseri ao MNPR – nesse instante, ao me colocar e ser requisitada nesse lugar, passei a me perceber como pesquisadora/colaboradora.

Ao compartilharmos experiências – conversas, momentos de indignação, situações boas e ruins, abraços e afetos – pude conversar de forma aproximada e compreender assuntos geralmente tabus, como o uso de substâncias ilícitas; as histórias que revelam práticas violentas e homicídios; a traição da companheira ou companheiro; entre outros fatos. Desta maneira tratamo-nos com maior proximidade e menor desconfiança.

Durante meu percurso de observação participante junto à população em *situação de rua*, me relacionei também com profissionais de outras áreas: da psicologia, do serviço social, do direito, redutores de danos, entre outros, que trabalham e/ou estudam sobre o segmento populacional em questão. Houve uma troca de experiência que trouxe reflexões muito valiosas diante o universo das práticas sociais, no qual todos estão envolvidos e posicionados: pesquisadores e sujeitos investigados.

No entanto, apesar de não ter me fixado em um único local, considero a região administrativa Leste[14] (área central) da cidade de Natal/RN como local principal da observação participante realizada. Como eu já havia realizado um mapeamento inicial na área central da cidade e percebido a existência de uma concentração de pessoas em *situação de rua*, mantive essa área como a principal da pesquisa.

Desta forma, a pesquisa propriamente dita aconteceu de forma mais intensa – em um primeiro momento – 1) na Calçada do Sopão e 2) na Calçada da Miranda. Em um segundo momento – 1) na Praça Augusto Severo e 2) no Espaço Ruy Pereira, espaço cedido, através da mediação do CRDH/UFRN, para o MNPR em Natal/RN que, com o auxílio desses mediadores, realizou encontros semanais com pessoas em *situação de rua* nesse local, todas as sextas-feiras, no período da tarde[15]. Houve momentos em que foi preciso realizar mais de um encontro durante a semana, como também aconteceu de não haver encontro – por motivos de viagem de integrantes do MNPR e devido a datas como feriados. Localizo devidamente esses espaços, através de mapas, no capítulo 2, onde exponho o meu processo em campo.

Além desses quatro pontos de encontro com os meus interlocutores de pesquisa, participei ativamente de eventos – relacionados aos sujeitos em *situação de rua* – que também aconteceram na área central da cidade. Estes eventos foram: I Ato da População em Situação de Rua de Natal/RN, realizado na Praça Augusto Severo; I Seminário Potiguar de População em Situação de Rua, realizado na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); Fóruns do MNPR; Audiência Pública com a população em situação de Rua na Câmara dos Vereadores; II Ato da

[14] Esta região compreende os bairros: Lagoa Seca, Alecrim, Bairro Vermelho, Tirol, Cidade Alta, Ribeira, Rocas, Petrópolis, Mãe Luiza, Areia Preta e Santos Reis.

[15] É importante informar que, nos últimos seis meses, os encontros do MNPR já não acontecem mais nesse espaço, que deixou de ser cedido. Eles estão sem local próprio, mas conseguiram espaço para encontros, discussões e demais atividades que vem acontecendo (com cursos de informática, formações políticas e alfabetização) no prédio do Instituto Federal DE Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), localizado no centro da cidade, precisamente na Av. Rio Branco – onde se concentra bastante estabelecimentos comerciais e também próximo ao Albergue Municipal.

População em Situação de Rua de Natal/RN, realizado na Praça dos Três Poderes. Por último, acho interessante citar que fiz visitas ao Albergue Municipal – no entanto não pretendi aprofundar a dinâmica deste último local nesta dissertação. A observação participante, realizada nesses eventos citados, ocorreu no período entre agosto de 2013 e agosto 2014.

Optei por me concentrar na escuta e observação das práticas, por isso, preferi não aplicar qualquer tipo de questionário, em detrimento de atentar-me ao que a própria dinâmica observada em campo poderia me revelar. Além disso, acredito que conversas com um tom menos formal possibilita relacionar o campo à teoria, de forma a observar mais o agenciamento dos sujeitos, pois, assim como coloca Bourdieu (2006), devemos *"sair da regra para a estratégia*" durante o fazer etnográfico. Entretanto, pude contar com informações obtidas através de questionários construídos por integrantes do CRDH, que entrevistaram formalmente pessoas em *situação de rua* em grande parte das regiões da cidade de Natal.

Posicionei-me na pesquisa de forma dialógica, colocando minha perspectiva sobre determinada questão, durante as conversações estabelecidas, quando fui solicitada, ou quando senti necessidade. Por exemplo, nas situações de conflitos relatadas, e vivenciadas por mim, que foram inúmeras, principalmente no que diz respeito à relação entre esses sujeitos e representantes institucionais do albergue, da guarda municipal, entre o próprio grupo que vive em situação de rua, e em alguns momentos durante os encontros no Espaço Ruy Pereira. Pretendo detalhar essas questões, e aprofundar as devidas discussões em outro momento.

Não foquei em um sujeito ou grupo específico que esteja em *situação de rua*, minha atenção foi direcionada para as narrativas e para a observação atenta de gestos e situações reveladoras em que vivem, por onde orbita uma série de questões problemáticas, como: a relação com o espaço citadino, o uso de substâncias psicoativas; a violência e violação dos direitos, sendo esta última uma problemática que envolve diversas discussões, como a questão do estigma sofrido, da invisibilidade decorrente, e dos atos autoritários do poder público, etc.

Ao longo desse período de investigação empírica, no qual me deixei ser *afetada* (FAVRET-SAADA, 1990), utilizei um conjunto de técnicas para a obtenção das informações: anotações de frases e expressões durante o campo; quando obtive consentimento, realizei captação sonora, fotográfica e filmagens de alguns diálogos informais, que foram transcritos

posteriormente[16]. Perdi o receio que tinha de fotografá-los e filmá-los, quando percebi que eles solicitavam esse registro, e perguntavam se colocaríamos no *Facebook*[17], pois queriam que outras pessoas o enxergassem também – o que me revelou a representatividade da imagem em suas vidas.

Os dados captados durante o processo etnográfico, especialmente o audiovisual, também pôde me auxiliar na rememoração de algumas situações, pois, assim como coloca Cláudia Turra Magni (1995), que fez pesquisa sobre os *Habitantes da Rua*, nesse estudo são os dados não verbais que merecem atenção redobrada, logo, seu registro não pode se restringir ao diário de campo, mas deve contar também com uma documentação visual detalhada. Optei por gravar a autorização do uso da imagem, ao invés solicitar assinatura, pelo fato de muitos se sentirem constrangidos em escrever. Identifiquei os interlocutores desta pesquisa através de nomes fictícios, com o intuito de preservá-los.

Em paralelo a essas questões, realizei revisão bibliográfica de alguns autores que fizeram pesquisa sobre o tema – seguindo um viés antropológico – no qual destaco: Claudia Turra Magni (1995, 1997, 1998), Sarah Escorel (1999, 2003) e Simone Miziara Frangella (2009).

Para finalizar esta introdução, devo dizer que a dissertação está dividida em três capítulos, nos quais serão aprofundadas questões que considerei mais substanciais para a compreensão sobre a temática de pessoas que vivem em *situação de rua*.

No primeiro capítulo são apresentadas questões relativas ao contexto citadino, local predominante de pessoas em *situação de rua*. Foi importante um estudo sobre o conceito de *espaço*, sob a perspectiva de Michel de Certeau (1998); *Casa e Rua* (DAMATTA, 1997); concepções sobre a *cidade* (ARGIER, 2011; MAGNANI, 1993; CORADINI, 1995; ROLNIK, 2004, BERMAM, 1986), entre outros autores que fizeram parte do referencial teórico.

[16] Vale lembrar que só fiz uso do recurso audiovisual no segundo momento de pesquisa.

[17] No *Facebook* tem páginas do MNPR de todos os estados em que existe este movimento: https://www.facebook.com/groups/327712997402962/ (em anexo apenas a página do MNPR de Natal/RN). Além disso, tem a página do Fórum Potiguar da População em Situação de Rua: https://www.facebook.com/groups/447461222025931/ e a página de Natal Invisível https://www.facebook.com/invisivelnatal?fref=ts. Alguns moradores em situação de rua possuem perfil no *Facebook* e utilizam espaços na cidade onde é disponibilizado acesso livre e gratuito à *internet*, como, por exemplo, o SESC do centro da cidade e pontos de cultura.

No segundo capítulo apresento a trajetória da pesquisa de campo e observação participante realizada na cidade de Natal/RN e arredores. Localizo os principais espaços de observação e interlocução com os sujeitos desta pesquisa, bem como a relação destes com o espaço no qual transitam.

No terceiro capítulo trago fragmentos de narrativas para problematizar questões referentes ao cotidiano dos sujeitos em *situação de rua*

Por último, as considerações finais resumem os dados e análises desenvolvidas neste trabalho, apresentando minhas interpretações e conclusões sobre o caso pesquisado. A análise aqui desenvolvida não tem a pretensão de esgotar a discussão proposta, mas apontar algumas possibilidades interpretativas e fomentar futuras teorizações.

CAPÍTULO 2



Fotografia 1: Pessoa em *situação de rua* e estádio Arena das Dunas – Natal/RN. (Fonte: Catarina Santos)

Não somos lixo!

Não somos lixo e nem bicho. Somos humanos.
Se na rua estamos é porque nos desencontramos.
Não somos bicho e nem lixo. Nós somos anjos, não somos o mal.
Nós somos arcanjos no juízo final. Nós pensamos e agimos, calamos e gritamos.
Ouvimos o silêncio cortante dos que afirmam serem santos.
Não somos lixo. Será que temos alegria? Às vezes sim
Temos com certeza o pranto, a embriaguez. A lucidez dos sonhos da filosofia
Não somos profanos, somos humanos.
Somos filósofos que escrevem suas memórias nos universos diversos urbanos.
A selva capitalista joga seus chacais sobre nós. Não somos bicho nem lixo, temos voz.
Por dentro da caótica selva, somos vistos como fantasmas. Existem aqueles que se assustam.
Não somos mortos, estamos vivos. Andamos em labirintos. Depende de nossos instintos
Somos humanos nas ruas, não somos lixo.

(Carlos Eduardo – Pessoa em situação de rua da cidade de Salvador/BA).

2 PESSOAS EM *SITUAÇÃO DE RUA* E O CONTEXTO CITADINO

(...) E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrôs
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs (...).

A cidade.
(Chico Science)

2.1 PESQUISANDO NA CIDADE

Segundo Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013, p. 1) a cidade é: "estrutura e relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia (...) é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência", são múltiplas as temáticas que a cidade pode suscitar. Dessa forma, por ser um espaço onde coexistem tantas questões, não podemos analisar a cidade a partir de um eixo classificatório único, é necessário variar os ângulos, é preciso treinar o olhar, superando momentaneamente a condição de usuário; senão, corre-se o risco de apenas responder aos múltiplos e incessantes estímulos da metrópole (MAGNANI, 2000, p.4).

Ademais, por a cidade acontecer através de um movimento contínuo de arranjos e desarranjos por meio dos sujeitos em interação, não devemos percebê-la como uma totalidade demarcada por fronteiras rígidas. Ao contrário, a cidade é concebida em processo de (re) configurações, e só é possível descrevê-la etnograficamente a partir das *situações* vividas pelos seus habitantes. Nesse sentido, o antropólogo Michel Argier coloca que:

> A cidade não é considerada "uma coisa" que eu posso ver, nem "um objeto" que eu possa apreender [...] Ela transforma-se num todo decomposto, um holograma perceptível, "apreensível" e vivido em situação [...] O próprio ser da cidade surge, então, não como um dado mas como um *processus*, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de "fazer a cidade" (ARGIER, p.38/39, 2011).

É através das *situações* observadas que podemos realizar uma descrição etnográfica e, a partir daí, apreender algum sentido quando relacionamos a *situação* ao contexto cultural, histórico, sociológico, etc. Desse modo, pesquisar sobre pessoas em *situação de rua* é desde o

primeiro momento um ato de observar a cidade, especialmente o que acontece nas vias públicas – no *meio da rua* – pois é nesse contexto que tais sujeitos se concentram e corporificam suas experiências cotidianas, se encaixando em locais subutilizados da cidade para poder resistir aos mecanismos que tendem a excluí-los. Nesta perspectiva, trata-se de um estudo que remete à antropologia urbana.

As pesquisas realizadas sob a ótica do urbano, na Antropologia, surgiram sob fortes influências sociológicas. Entre estas influências, Georg Simmel (1858-1918) destaca-se como um dos principiantes a formular contribuições para as discussões nessa área, numa vertente mais antropológica.

Ao refletir nos seus ensaios acerca das transformações sociais que ocorreram entre o fim do século XIX e século XX – marcadamente o intenso crescimento dos principais centros urbanos ocidentais – Simmel elabora seu pensamento sobre *o moderno* e a *cidade moderna*. As grandes cidades são caracterizadas, segundo o autor, como locais privilegiados para a *realização do moderno,* na qual a experiência dos seus habitantes é marcada por uma relação de *proximidade corporal* e *distância espiritual*, sendo esta personificada através do *comportamento blasé* – uma atitude de reserva e indiferença.

De acordo com o que Simmel (2009) expõe em *"As Grandes Cidades e a vida do Espírito"* o *comportamento blasé* se desenvolve como uma espécie de defesa psíquica mediante os múltiplos estímulos ao qual os sujeitos encontram-se continuamente expostos no contexto das metrópoles. Além disso, este comportamento estaria intimamente relacionado à disseminação da economia monetária. Dessa forma, ao pensar o moderno Simmel coloca o dinheiro como símbolo da modernidade, capaz de reduzir as relações ao valor de troca – portanto, o dinheiro seria o ponto de partida para suas análises. A metrópole é pensada por ele como o local onde se concentra essas trocas e onde predomina a produção para o mercado. Neste sentido, baseando-se em Simmel, Heitor Frúgoli coloca que:

> [...] O dinheiro é o signo por excelência da modernidade, equivalente universal que converte qualidade em quantidade, daí seu caráter indiferente, que ao mesmo tempo aproxima e afasta, alarga círculos sociais e os torna dele dependentes, circula sem parar e, ao mesmo tempo, é o ponto fixo em torno do qual homens e objetos orbitam continuamente. O dinheiro afina o entendimento e propicia o aplainamento de sentimentos, estabelecendo marcas indeléveis do estilo de vida moderno: objetividade, exatidão, calculabilidade, pontualidade, praticidade e padronização (FRÚGOLI, 2007, p.14/15).

Ao construir sua teoria sobre a configuração social – pensada no contexto da vida moderna – Simmel busca não tomar a sociedade como algo natural/fixo, ao contrário, ele pensa os agrupamentos como algo continuamente constituído (e dissolvido) pelos indivíduos, através das interações reciprocas (FRÚGOLI, 2007). Essa compreensão sobre a constituição social permite-nos pensar de maneira relacional, considerando a possibilidade de novos arranjos, ou seja, das transformações que podem ocorrer a partir das práticas de interação realizadas no cotidiano, em que residem os processos microssociológicos. Um dos principais legados que Simmel deixou, e que a antropologia voltada para os estudos urbanos pôde se basear, foi justamente esse olhar para os processos microssociológicos.

Concomitante à Simmel inclui-se a essa lista de influência sociológica, referente aos estudos no contexto urbano, autores como: Max Weber (1864-1920), Robert Ezra Park (1864-1944) e Louis Wirth (1897-1952). Esses autores pretendiam analisar problemáticas referentes ao crescimento acelerado das cidades, fazendo relação com o processo de industrialização e com o modelo capitalista vigente no contexto ocidental. Como é possível observar, o desenvolvimento progressivo da cidade trouxe novas questões sociais a serem pensadas, entre elas, no que concerne à formas de moradia (sub-habitação) e planejamento urbano, novas formas de organização e interação social (VELHO, 2000).

Ezra Park e Wirth fizeram parte da Escola de Chicago, que se destaca como propulsora dos estudos nos centros urbanos, combinando conceitos teóricos e pesquisa de campo de caráter etnográfico:

> A Escola de Chicago foi a primeira a tomar a cidade como laboratório privilegiado de análise da mudança social e a formular uma "concepção 'espacializada' do social e, reciprocamente, socializada do espaço" (CUIN & GRESLE APUD FRUGOLI, 2007, p. 17).

Como a cidade de Chicago, nos Estados Unidos, crescia rapidamente por conta do alto índice de imigração na região, o próprio município tornou-se campo fértil para pesquisas voltadas para essa temática. Atrelado a esse movimento, a pobreza era um problema presente. A empiria característica dessa escola voltava-se para os conflitos que surgiam numa sociedade cada vez mais heterogênea, do ponto de vista étnico-cultural e econômico. Essas questões, associadas a uma desigualdade social crescente, se materializava na cidade pelas fronteiras segregativas, a separação em bairros e guetos.

Ezra Park – que foi aluno de Simmel – propunha uma reflexão sobre a cidade a partir de duas dimensões constitutivas: uma organização física e uma ordem moral, com a preocupação de poder traçar as espacialidades ou territorialidades específicas onde as respectivas relações teriam lugar (FRÚGOLI, 2007). Nesse sentido, Park desenvolveu as noções de *regiões morais* para estudar determinadas áreas urbanas caracterizadas por práticas e opções sexuais consideradas *desviantes*. Apesar dessa noção não ser mais usual na antropologia urbana, ela apontou caminhos quanto aos processos de segregação espacial urbana e as distâncias morais que nelas se reproduzem.

Outra referência laboratorial de microssituações que cabe referir como fundadora dos estudos urbanos é a Escola de Manchester, na qual se destaca Max Gluckman, que atentou para observação dos processos de transformações sociais e o dinamismo das relações entre fronteiras simbólicas de grupos e as sociedades (ROCHA, ECKERT, 2013, p.16). Da escola de Manchester e de Chicago fica uma enorme contribuição para antropologia no que concerne ao método, que enfatizava a observação direta, numa perspectiva mais situada nos atores sociais localizados no espaço da metrópole.

O pressuposto de uma distância etnográfica antropológica a partir de então passou a ser reformulado. Nesse panorama das metrópoles, cada vez mais adensada e cheia de conflitos, surgem estudos sobre *delinquência e marginalidade* (WACQUANT, 2001), *estigma* (GOFFMAN, 2013) e *desvio* (BECKER, 2008; VELHO, 1985).

Erving Goffman (2013) faz referência ao termo de *estigma* utilizado pelos gregos ao inabilitar moralmente os sujeitos, apenas pela aparência física, e discriminá-los. Durante as interações sociais, que são estabelecidas nos ambientes privados ou espaços públicos, o encontro com "outras pessoas" acontece sem ser previsto, sem atenção ou reflexão particular, como coloca o autor.

Dessa forma, segundo Goffman, quando uma pessoa nos é apresentada, ou quando olhamos um desconhecido, os primeiros aspectos de reconhecimento deste *"outro"* seriam os seus atributos exteriores e seu comportamento, a "*performance"*, a sua "*identidade social virtual*", e não a *"real"*. Nossas preconcepções se transformam em expectativas normativas, exigências rigorosas que classificam os sujeitos em *"normais"* e *"anormais",* sendo este último o grupo diverso dos estigmatizados do qual a população em *situação de rua* faz parte.

Nesse sentido, Goffman (2013) apresenta diversos tipos de *desviantes:*

> (...) os que se agrupam numa subcomunidade ou meio podem ser denominados de *desviantes sociais* e sua vida corporada pode ser chamada de *comunidade desviante.* Eles constituem um tipo especial, mas somente um tipo de destoante (...) Se deve haver um campo de investigação chamado de "comportamento desviante", são os seus desviantes sociais, conforme aqui definidos, que deveriam, presumivelmente, constituir o seu cerne. As prostitutas, os viciados em drogas, os delinquentes, os criminosos, os músicos de jazz, os boêmios, os ciganos, os parasitas, os vagabundos, os gigolôs, os artistas de show, os jogadores, os malandros das praias, e o mendigo impenitente da cidade seriam incluídos (...) São essas pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social (GOFFMAN, 2013, p. 120/121).

Ao falar dos *desviantes sociais*, Goffman (2013) insere os *"mendigos"* à lista, depois de uma série de sujeitos que, na verdade, compõem o grupo de pessoas em *situação de rua*, e que eu pude me deparar durante minhas idas ao campo: mulheres que estão em *situação de rua* e se prostituem, assim como também é relatado o uso de substâncias psicoativas entre as mulheres, homens, travestis e idosos; egressos de sistemas prisionais ou que cometeram algum tipo de delinquência; entre outros. O que pretendo dizer é que, ao pensar sobre o segmento populacional em *situação de rua*, as figuras sociais acima mencionadas, ou algumas delas, podem pertencer a um único sujeito que vive na rua.

A existência de pessoas em *situação de rua* é uma questão predominante nas cidades, e, de forma mais intensa, nos grandes centros urbanos, porém, é uma realidade naturalizada e imperceptível ao transeunte e ao poder público. Podemos relacionar esse tipo de comportamento, que é capaz de tornar esses sujeitos invisíveis, à *atitude blasé*, sugerida por George Simmel (2009), quando adotamos um estado de reserva e indiferença diante das relações cotidianas vividas na metrópole. Dessa forma, perante as situações de desigualdades extremas, é adotada uma postura capaz de invisibilizar realidades evidentes, como é o caso das pessoas em *situação de rua*, que vivem expostas e, por isso, vulneráveis, nos espaços da cidade.

Ao viver na e da rua, essas pessoas precisam lidar com outras práticas e regras morais, com outros padrões de higiene, outro modo de se vestir (preferem roupas leves, que possam lavar facilmente). Pelo fato dos sujeitos em *situação de rua* se afastarem, inevitavelmente, de uma norma de posturas e condutas sociais que são exigidas, estes são considerados pelo senso comum como *"vagabundos"*, *"malandros"*, etc, ou seja, são enquadrados como sujeitos

desviantes (GOFFMAN, 2013; BECKER, 2008; VELHO, 1985) e por isso são invisibilizados por parte da população urbana que, para manter-se, nega a existência de uma realidade desigual e segregadora.

2.2 DA EUROPA AO BRASIL: *MENDIGOS, VAGABUNDOS* E *VADIOS* NA CIDADE

As pessoas em *situação de rua* se constituem como um segmento social particular presente no espaço urbano, que habita as ruas e locais públicos, bem como lugares impensáveis ao planejamento urbanístico e ao imaginário coletivo dos citadinos (FRANGELLA, 2009). Espaços vazios embaixo de viadutos, canteiros das pistas de trânsito, bancos de paradas de ônibus, calçadas, entre outros infindáveis locais são apropriados e (re) significados por estes sujeitos, que se situam e transitam entre as fronteiras liminares[18] da ordem urbana.

A existência de pessoas ocupando as vias públicas com a finalidade de abrigo e "moradia" particular não é uma realidade recente. Segundo Marcel Bursztyn (2000, p. 19) "viver no *meio da rua* [...] se não é tão antigo quanto a própria existência das ruas, da vida urbana, remonta, pelo menos, ao renascimento das cidades, no início do capitalismo". No entanto, ao longo da história houveram diferentes percepções sobre a questão, que muito tem a dizer sobre o modo como esse segmento populacional é identificado pelo senso comum atualmente.

A antropóloga Cláudia Turra Magni, em sua pesquisa intitulada *Povo da rua: um estudo sobre o nomadismo urbano* (1995) evidencia algumas das representações sociais – no contexto europeu – conferidas aos que hoje tomamos como pessoas em *situação de rua.* Esta

[18] Victor Turner pensa o conceito de *liminaridade* como uma fase intermediária das práticas ritualísticas na qual os seus praticantes liberam-se das exigências normativas, pois nessa fase estariam despidos das ordenações sociais impostas. Turner (2008, p. 12) coloca que: "Nesse ínterim da "liminaridade", existe a possibilidade de se ficar de fora não somente da sua própria posição social, mas de todas as posições sociais, e de se formular uma série potencialmente ilimitada de arranjos sociais alternativos [...] O fato de este perigo ser reconhecido em todas as sociedades toleravelmente ordenadas fica claro na proliferação de tabus que cerceiam e constrangem aqueles que escapam da estrutura normativa [...]". Apesar de não se tratar de uma prática ritualística, baseio-me nesse conceito para referir-me à *situação de rua* como uma condição em que é necessário ocupar espaços e elaborar estratégias diferenciadas para a sobrevivência que normalmente fogem das exigências normativas impostas pela ordenação urbana cotidiana, e por este motivo tais sujeitos são constrangidos e reprimidos. Victor Turner ainda coloca que: "O período ou fase liminar que se interpõe, está, portanto, *betwixt and between* as categorias da vida social comum. Tentei, então, ampliar o conceito de liminaridade para que ele pudesse abranger qualquer condição fora da, ou nas periferias da vida cotidiana [...]" (2008, p. 47).

autora coloca que houve um período da França em que a ausência de domicílio era designada de forma pejorativa como uma situação de *vagabundagem*, que passou a ser reprimida em toda a Europa Ocidental a partir do século XIV. Algumas medidas legais eram tomadas, como: aprisionamento e castigos físicos, marcação à ferro, enforcamentos, entre outras práticas que variavam de acordo com cada região. Também eram exigidos trabalhos forçados e não remunerados, como saneamento de fossas, limpeza das ruas e reparação de fortificações da cidade (MAGNI, 1995).

No entanto, apesar de tais medidas punitivas e repressoras serem efetivadas como justificativa para inibir a *vagabundagem* e, ou, *mendicância*– termos usuais – ainda após dois séculos esse segmento social não só continuava a existir, como se tornava cada vez mais populoso entre as ruas e becos da cidade. O caráter místico e sagrado que o mendigo tivera no período Medieval – em que a Igreja estimava a caridade entre os pobres e necessitados como uma garantia de redenção dos pecados e entrada no céu – já não se matinha no período Moderno, quando este ser se tornara suspeito, vadio e criminoso, adquirindo um caráter ético essencialmente negativo e moralmente condenável perante a sociedade dominante (STOFFELS APUD MAGNI, 1995, p.5).

Com a emergência do pensamento humanista houve um maior questionamento sobre a concepção que a igreja cristã tinha sobre a caridade, tendo em vista que esta prática servia apenas aos ricos para absorverem-se dos pecados. Nesse movimento, além das medidas punitivas anteriormente citadas, iniciou-se um processo de higienização social, por meio do enclausuramento institucional em presídios, hospitais psiquiátricos ou até mesmo retirando os sujeitos que viviam nas ruas para fora da cidade. Segundo Magni (1995):

> As estratégias higienistas dos séculos XVII e XIX, na qual estavam empenhados médicos, sanitaristas, juristas, arquitetos, empregadores das manufaturas, associou simbolicamente desinfecção e submissão [...] Vistos como àquele que espalha doenças, micróbios, tuberculose, o vagabundo rompia com o modelo familiar que se impôs com a representação vitoriana. No fim do século XIX surgiram medidas enérgicas contra a itinerância, como "e lei discriminado os nômades e instituindo um passaporte com controle sanitário e carteira de identidade". Epidemias (cólera, tifo) apavoravam os higienistas; e a especulação imobiliária aliou-se ao sanitaristas, médicos, arquitetos, planejadores e industriários na tarefa de desaglomerar e sanear o espaço urbano, afastando as classes populares para os *faubourgs*, fora da cidade (MAGNI, 1995, p.7).

Tais práticas apontadas por Magni (1995), referentes ao cenário europeu, não difere do que ocorreu no Brasil. Dentro do contexto de surgimento das cidades brasileiras, o homem livre e pobre é personagem presente. De acordo com Carlos Lessa (2000, p.13) "Os melhoramentos urbanos no Rio do século XIX e as primeiras estradas cafeeiras (da Polícia e do Comércio) foram construídas com *'vadios*' arregimentados à força". Eram chamados por *"vadios",* aqueles que não tinham residência reconhecida, nem meio de subsistência comprovado. Estas pessoas viviam em moradias precárias e exerciam trabalhos informais, geralmente prestando serviços braçais.

Segundo Lessa (2000), a polícia exercia um sistema ampliado de controle social, vigiando e punindo a livre circulação na cidade, especificamente a população pobre urbana. Sob a alcunha de *vadiagem* ou *mendicância*, essas pessoas eram detidas. Como já foi exposto na introdução desta dissertação, a "*mendicância"* era considerada uma transgressão penal no Brasil, o que validava ações de cunho criminalizatório e repressivo, assim como aconteceu na França.

A Lei de Contravenções Penais, que considerava a mendicância como crime, era um dos dispositivos que reforçava no imaginário social a ideia de que as pessoas em situação de vulnerabilidade – a qual os que vivem em *situação de rua* estão inseridos – seriam sujeitos criminosos, violentos e ociosos, por isso, seria necessário excluí-los, negando-lhe qualquer direito à liberdade e ocupação da cidade de forma digna. Apesar desse pensamento não ser mais legitimado por meio da lei, ainda continua presente tanto no senso comum, quanto em algumas práticas institucionais autoritárias e higienistas.

Ao fazermos uma leitura rápida sobre o processo de surgimento das cidades, tanto no Brasil, quanto em outros países de economia capitalista, principalmente àqueles que viveram regime escravocrata, podemos perceber que nesse processo houve difícil inserção do pobre no mercado de trabalho formal, no consumo e em qualquer tipo de seguridade social. Por isso, ainda segundo Lessa (2000, p. 13) a cidade foi a "universidade que ensinou a esse mesmo pobre a sobrevivência nas brechas da sociedade e a prospectar estas transformações, adaptando-se a elas". A cidade, desta forma, é percebida como uma floresta "onde as classes pobres precisam caçar a existência" (PERROT APUD MAGNANI, 1995).

À medida que a industrialização foi gerando equipamentos que dispensavam os trabalhos braçais e manuais do "*homem pobre"*, novas formas de subsistência passaram a

existir, entre elas: o guardador de carro e limpador de para-brisa – o "flanelinha"; o vendedor ambulante – o "camelô"; o "panfleteiro"; o catador de materiais recicláveis e etc. Esses e outros trabalhos informais aproveitam a rua como espaço da labuta. Nesse contexto, situa-se a população em *situação de rua*, que não só tem a rua como espaço do trabalho precarizado, exercendo essas atividades mencionadas, como também da "moradia" e ordenação das identidades.

Como aponta Marcel Burszty (2000) as novas configurações do trabalho nas ruas apontam para um interessante paradoxo: ao mesmo tempo em que pessoas em *situação de rua* são excluídas do modo de vida institucionalizado das cidades, a prática de reciclagem que levam nas ruas presta um serviço de reaproveitamento do que é despejado, transformando resíduos em matéria-prima para um novo processamento industrial. Sobre tais questões, Bursztyn coloca que:

> Os trabalhadores da rua, em particular os catadores de materiais recicláveis, possuem importantes características necessárias ao mundo do trabalho da pós-modernidade. São ecléticos, versáteis, dependem pouco da proteção pública e se auto-empregam. Agregue-se a esses aspectos uma importante função que desempenham: a reinserção no circuito formal da economia de um grande volume de materiais que são despejados no lixo. São, nesse sentido, elos positivos da economia de recursos naturais e redução da degradação potencial (BURSZTYN, 2000, p. 256).

Por ser a cidade alicerçada a partir de uma produção que vai além das necessidades de consumo imediato, a geração de excedentes que lhe é característica, bem como o descarte que é ocasionado pela lógica do consumo, se constitui como uma fonte de recurso para a "*viração*" (GREGORI, 2000) cotidiana dos que habitam a rua como condição de sobrevivência. Ao pesquisar sobre a dinâmica socioespacial da população em *situação de rua*, Maria Cecília L. dos Santos coloca que:

> Milhões de pessoas vivem em cidades de plásticos e de papelão, localizadas nas áreas centrais das principais metrópoles contemporâneas [...] As cidades de plásticos e papelão são construídas a partir do lixo e do descarte que nossa cultura industrial e tecnológica produz diariamente. A população em situação de rua enfrenta a experiência de mergulhar vertiginosamente nas sobras do consumo excessivo de nossa sociedade e com elas construir abrigos frágeis, movidos pela necessidade de sustentar a própria vida" (SANTOS, 2009, p.139).

Dessa forma percebe-se que os dejetos da população sedentarizada, além de servir como um instrumento de trabalho – a reciclagem – também é tomada como suporte para o abrigo e manutenção da própria existência na rua.

2.3 ESPAÇO: CASA E RUA, PÚBLICO E PRIVADO

Inicialmente, nas Ciências Sociais, o *espaço* era concebido como algo natural e estático, que independia da ação do homem – e assim era percebido também pelos grupos sociais – no entanto, novas abordagens teóricas passaram a considerar o carácter relativo da noção de *espaço* (CORADINI, 1995), bem como a importância de um estudo capaz de contextualizá-lo, levando em conta que em cada lugar existe uma dinâmica própria, conforme as diferentes apropriações realizadas pelos indivíduos, isoladamente ou em grupos.

De acordo com essa perspectiva de análise, Michel de Certeau (1998) coloca que o *espaço* se realiza a partir das práticas realizadas no *lugar*, pois se circunscreve pelo movimento dotado de significações. Nas palavras de Certeau "o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres" (CERTEAU, 1998, p. 202). Ainda segundo o autor, o conceito de *espaço* – diferente do conceito de *lugar*, que seria uma configuração instantânea de posições estáveis – é uma produção que resulta de "operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais" (CERTEAU, 1998, p. 202).

Dessa maneira, considerando tais questões apresentadas por Certeau, é importante ressaltar que o (s) *espaço* (s) não se constituem de forma homogênea nem estável, ao contrário, encontram-se em constante processo de construções e denotações através das ações e posicionamentos múltiplos dos sujeitos sociais. Por isso, para construir uma análise em determinado espaço, deve-se considerar as práticas; as atividades que acontecem em conformidade com um contexto de relações, assim como o aspecto processual, dinâmico e diverso no uso do *espaço*. A partir da utilização dos espaços é que podemos identificá-los, distingui-los e nomeá-los.

Isto torna evidente a relação do ser humano – enquanto ser social – com o *espaço*, onde ao mesmo tempo em que o constrói, impregnando-o de sentidos, também é coagido por ele e por suas regras, numa dialética constante. No entanto, vale ressaltar que tais regras "estão permanentemente em construção. Mas ao fazê-lo, a sociedade está também construindo um conjunto de relações sociais úteis a seus intérpretes" (SANTOS E VOGEL, 1985, p. 49).

Logo, tendo como pressuposto de que todo *espaço* é construído por uma rede de relações, e que não é algo absoluto, mas relativo, este se constitui como um campo importante no estudo das representações sociais (CORADINI, 1995), inclusive no que concerne à questão dos que vivem em *situação de rua*. O deslocamento errante que caracteriza esse grupo populacional desencadeia processos que forçam a reformulação de signos no espaço urbano.

Dessa forma, partindo desta perspectiva que foi exposta, podemos pensar a cidade como campo por excelência do "*espaço praticado*" (CERTEAU, 1998) e transformado constantemente, local de diferentes acontecimentos.

No século XVII as cidades europeias, principalmente Londres e Paris, são reestruturadas seguindo um projeto amplo de reforma urbana, desencadeada por Haussmann, então prefeito de Paris. Neste projeto foram destruídas centenas de moradias, deslocando milhares de pessoas de suas casas e pondo abaixo bairros inteiros. Segundo Marshall Berman (1986, p. 146) *"Paris, após séculos de vida claustral, em células isoladas, se tornava um espaço físico e humano unificado"*. Ainda segundo o autor:

> Um novo bulevar, ainda atulhado de detritos [...] exibia seus infinitos esplendores [...] Ao lado do brilho, os detritos: as ruínas de uma dúzia de velhos bairros – os mais escuros, mais densos, mais deteriorados e mais assustadores bairros da cidade, lar de dezenas de milhares de parisienses – se amontoavam no chão. Para onde iria toda essa gente? Os responsáveis pela demolição e reconstrução não se preocupavam especialmente com isso. Estavam abrindo novas e amplas vias de desenvolvimento nas partes norte e leste da cidade; nesse meio tempo, os pobres fariam, de algum modo, como sempre haviam feito. A família em farrapos, do poema baudelairiano, sai de trás dos detritos, para e se coloca no centro da cena. O problema não é que eles sejam famintos ou pedintes. O problema é que eles simplesmente não irão embora. Eles também querem um lugar sob a luz (BERMAN, 1986, p. 148).

De acordo com Berman (1986, p. 149) as transformações físicas e sociais que haviam retirado as pessoas pobres do contato com os demais da sociedade, agora os trazem de volta diretamente à vista de cada um. Ao destruir as velhas e pobres habitações da época medieval,

Haussman, sem se dar conta, torna visível a pobreza urbana até então encoberta. Nesse sentido, Berman coloca que:

> Os bulevares, abrindo formidáveis buracos nos bairros pobres, permitiram aos pobres caminhar através desses mesmo buracos, afastando-se de suas vizinhas, arruinadas, para descobrir, pela primeira vez em suas vidas, como era o resto da cidade e como era a outra espécie de vida que aí existia (BERMAN, 1986, p. 149).

Os bulevares foram protagonistas no projeto de Haussmann, pois ali criaram uma nova realidade: um espaço privado em cena pública, onde as pessoas podiam dedicar-se à própria intimidade, sem estar fisicamente só. Esse planejamento da modernidade possibilitou que as pessoas, ao desfrutarem do espaço público, pudessem observar os outros, ao mesmo tempo em que eram observados, como também tornou possível o encontro próximo de atores sociais muito diferentes. Logo, segundo Magnani (2000), as imagens das ruas de Paris, em meados do século XIX, seriam uma referência para pensar a rua enquanto símbolo e suporte da sociabilidade.

A dimensão pública adquire vários significados ao longo dos séculos. Coradini (1995, p. 24) coloca que foi nesse período que se tentou definir a vida pública, ganhando uma nova versão, centralizada em torno da burguesia. Neste momento, a vida pública significava não apenas uma região da vida social fora do âmbito familiar, mas um domínio que incluía desconhecidos, estranhos e uma diversidade muito grande de pessoas (CORADINI, 1995, p. 25).

Anos depois do projeto de modernidade realizado por Haussmann, a fim de adequar o desenho urbano às novas transformações do desenvolvimento capitalista, acontece, segundo Magnani (2000 p. 02) outro movimento de reforma, a do urbanismo racionalista. Le Corbusier surge como seu representante, propondo que é "preciso garantir espaços cuidadosamente separados para morar, circular, divertir-se, trabalhar [...]" (LE CORBUSIER, APUD MAGNANI, 2000). O espaço, acompanhando o movimento e as práticas, passa a se fragmentar e a hierarquizar-se cada vez mais.

> A hierarquização dos espaços-funções deve incrementar o rendimento funcional da totalidade. Morar melhor, trabalhar melhor, divertir-se melhor; onde melhor é sinônimo de mais. E aí está o que vem a ser a proposta de viver modernamente. O

> planejamento urbano racionalista acaba se transformando numa espécie de taylorismo urbano, que segrega, particulariza e disciplina os espaços. E as atividades, por consequência. Tudo para se obter maior produtividade e eficiência. Ao mesmo tempo, se elevam cada vez mais os índices-padrão deste rendimento porque esta é a maneira de seguir criando fronteiras frente uma prática "democratizante". Nada impede parodiar Le Corbusier: a cidade é uma máquina de viver (para esse tipo de concepção da vida urbana e do papel do planejamento) [...] (SANTOS E VOGEL, 1985, p. 135).

Nesse sentido, assim como coloca Rolnik (2004, p. 19) podemos definir a cidade hoje como uma aglomeração de indivíduos cujos movimentos e percursos são permanentemente dirigidos. Do mesmo modo que houve a reforma de planejamento urbano racionalista, para se adequar às novas necessidades do capitalismo, uma série de práticas foram racionalmente ordenadas e disciplinadas. Nessa relação entre espaço e práticas sociais, o movimento que daí advém, se constitui em fluxos, que também passa a ser regulado.

Essa ordenação do tempo em que se processa o cotidiano, a rotina, a repetição diária dos movimentos, e que é traduzida na história de forma linear, é uma das características da cidade. Segundo José de Souza Martins (2000, p. 84) "a vida cotidiana se instaura quando as pessoas são levadas a agir, a repetir gestos e atos numa rotina de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio".

A regulação do tempo, de forma linear e repetitiva, parte do presente no cotidiano das cidades (ROLNIK, 2004) – como a carga horária de trabalho, as regras de trânsito, o pagamento de impostos – define, as ações referentes as dimensões da vida pública e da vida privada. Nesse processo segregador, particularizador e disciplinante, os espaços da "rua" e da "casa" são colocados em campos opostos, onde as diferentes práticas e regras morais se relacionam e são legitimadas em cada uma dessas esferas, que remetem ao domínio do público e do privado.

A rua e a casa, o público e o privado, não são apenas espaços geográficos, mas espaços sociológicos que denotam diferentes significados. Segundo Da Matta (1997), a casa e a rua, no contexto cultural brasileiro são "entidades morais" e espaços de ação social que determinam comportamentos, emoções, relações, ou seja, formas de subjetivação. Dessa forma, o espaço da rua é tomado pelas ordenações imperativas, legitimado pela autoridade da lei. A rua, ao mesmo tempo em que representa o visível, a exposição, também é o local onde passamos despercebidos e geralmente tratamo-nos com indiferença, a qual Simmel (2009)

designa como *atitude blasé*. Na rua vivemos a desconfiança e o medo em relação ao "outro", o desconhecido.

A Rua é o espaço do imprevisível, da insegurança da vulnerabilidade e do perigo constante, o que exige vigilância e agilidade. Quanto a essas questões, Berman (1986) coloca que o homem na rua moderna – arquitetada através do planejamento urbano iniciado por Haussman – passou a apreender novos comportamentos para lidar com a multiplicidade de acontecimentos e pessoas existentes no contexto citadino:

> O homem na rua moderna, lançado nesse turbilhão, se vê remetido aos seus próprios recursos – frequentemente recursos que ignorava possuir – e forçado a explorá-los de maneira desesperada, a fim de sobreviver. Para atravessar o caos, ele precisa estar em sintonia, precisa adaptar-se aos movimentos do caos, precisa aprender não apenas a pôr-se a salvo dele, mas a estar sempre um passo adiante. Precisa desenvolver sua habilidade em matéria de sobressaltos e movimentos bruscos, em viradas e guinadas súbitas, abruptas e irregulares – e não apenas com as pernas e o corpo, mas também com a mente e a sensibilidade (BERMAN, 1986, p. 154).

A rua, como local onde nos tornamos vigilantes, receosos, cuidadosos, pode designar também certa solidão, pois cada um está por si. A rua é o local que abarca, em um mesmo momento, múltiplos acontecimentos. É o espaço onde podemos observar a heterogeneidade da cidade. Na rua a vida social acontece ao ritmo do fluxo constante e na simultaneidade. O tempo da rua, especialmente da vida moderna, é dinâmico, acelerado, demarcado pelos acontecimentos, pelo abrir e fechar das lojas, pelo horário de funcionamento dos órgãos públicos, pelo trânsito nas "horas de pico". A calçada é parte da rua que intermedia dimensões opostas, o público e o privado.

Numa inversão, a casa simboliza o espaço da privacidade, da intimidade, dos vínculos afetivos e acolhimento. Se sentir "em casa" significa que estamos bem, à vontade, confortáveis e tranquilos. Para muitas pessoas, a casa representa ter um lugar no mundo. As regras e o tempo da casa diferenciam-se dos que existe no *meio da rua*. Contudo, segundo Magnani (2000, p.2) "a rua que interessa e é identificada pelo olhar antropológico é recortada desde outros e variados pontos de vista, oferecidos pela multiplicidade de seus usuários, suas tarefas, suas referências culturais, seus horários de uso e formas de ocupação".

Deste modo, ainda conforme Magnani (2000), a rua rígida na função tradicional, onde as práticas como o fluxo, ou lugar de passagem, lhe são atribuídos, podem por vezes

configurar-se de outras formas, através das práticas dos sujeitos que conferem sentido ao lugar. Nesse sentido, a rua como espaço mais associado ao público, à lei, a impessoalidade, ao comportamento *blasé* e ao tempo linear – dos compromissos diários – pode por vezes virar casa (SANTOS E VOGEL, 1985), quando, por exemplo, pessoas em *situação de rua* fabricam a própria casa, no espaço público a partir da reutilização do lixo; ou mesmo quando dormem, se alimentam, cumprem suas necessidades fisiológicas e de higiene em tal espaço.

A dimensão da vida pública também pode, ocasionalmente, tornar-se privada e vice-versa, quando por exemplo, no período de campanha eleitoral oligarquias políticas debatem suas vidas pessoais, suas provocações individuais, ao invés de apresentar as propostas do plano de governo de forma articulada aos interesses coletivos. Ainda como aponta Magnani (2000, p. 3) "classificações com base em múltiplos eixos não produz tipologias rígidas porque não opera com espaços ou significados unívocos e sim com sistemas de relações".

A prática social dos atores, que operam esses sistemas de classificação, abrindo-os ou fechando-os é o que mantém e enriquece a diversidade da dinâmica urbana, a qual além de ser uma propriedade das cidades, deve ser reconhecida como princípio que as torna cidades (SANTOS E VOGEL, 1985, p. 78).

As categorias de diferenciação, a qual os espaços remetem à diferentes formas de comportamentos – pois além de tudo seguem às regras estabelecidas em nome da "ordem" de organização social – é interessante para a formulação de um quadro de análise da vida social desde que sejam problematizadas e relativizadas conforme as situações. Como colocam Santos e Vogel (1985):

> Os dados da percepção distintiva masculino/feminino, do visível/invisível, do público/ privado, do formal/informal, bem como do dentro/fora, são codificados diversamente, nas diferentes culturas. São significantes privilegiados cuja combinação e significados variam contextualmente (1985, p. 50/51)

A casa, a rua, a calçada, sala e a praça constituem porções que são referenciadas no espaço. Esses fragmentos não existem isoladamente e sim em articulações, pois "um sistema de espaços só existe em conexão com um sistema de valores, ao passo que ambos são impensáveis sem a correlação necessária com um sistema de atividades" (SANTOS E VOGEL, 1985, p. 67/68).

Numa inversão das regras, ocupar o espaço físico da rua, como local de "moradia", subtende também abarcar um espaço simbólico, com lógicas de funcionamento diferenciadas do espaço privado da casa. A partir do uso do espaço público da rua como local de sobrevivência, os sujeitos em *situação de rua* acabam por (re) significar a lógica de ordenação constituinte da vida social e, dessa forma, subvertem a própria vida. Essa realidade constitui-se como uma contradição do projeto de modernidade e da vida urbana, que racionaliza os espaços, e suas respectivas atividades com o intuito de obter maior produtividade, eficiência e rendimento.

2.4 PESSOAS EM *SITUAÇÃO DE RUA* EM NATAL/RN

Não só nas grandes cidades em extensão territorial e populacional – como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba e Salvador – é possível observar uma grande quantidade de pessoas dormindo no "*meio da rua*". Embora a cidade de Natal não seja a que concentre os maiores índices[19] de pessoas nesta situação, essa não deixa de ser uma realidade menos problemática quando comparada aos demais municípios e capitais, pois o estigma, a violência e violação dos direitos que esses moradores precisam enfrentar durante o cotidiano são muito semelhantes. Os tabus que cerceiam, constrangem e por vezes criminalizam àqueles que desviaram da estrutura normativa é um aspecto presente nos espaços urbanos.

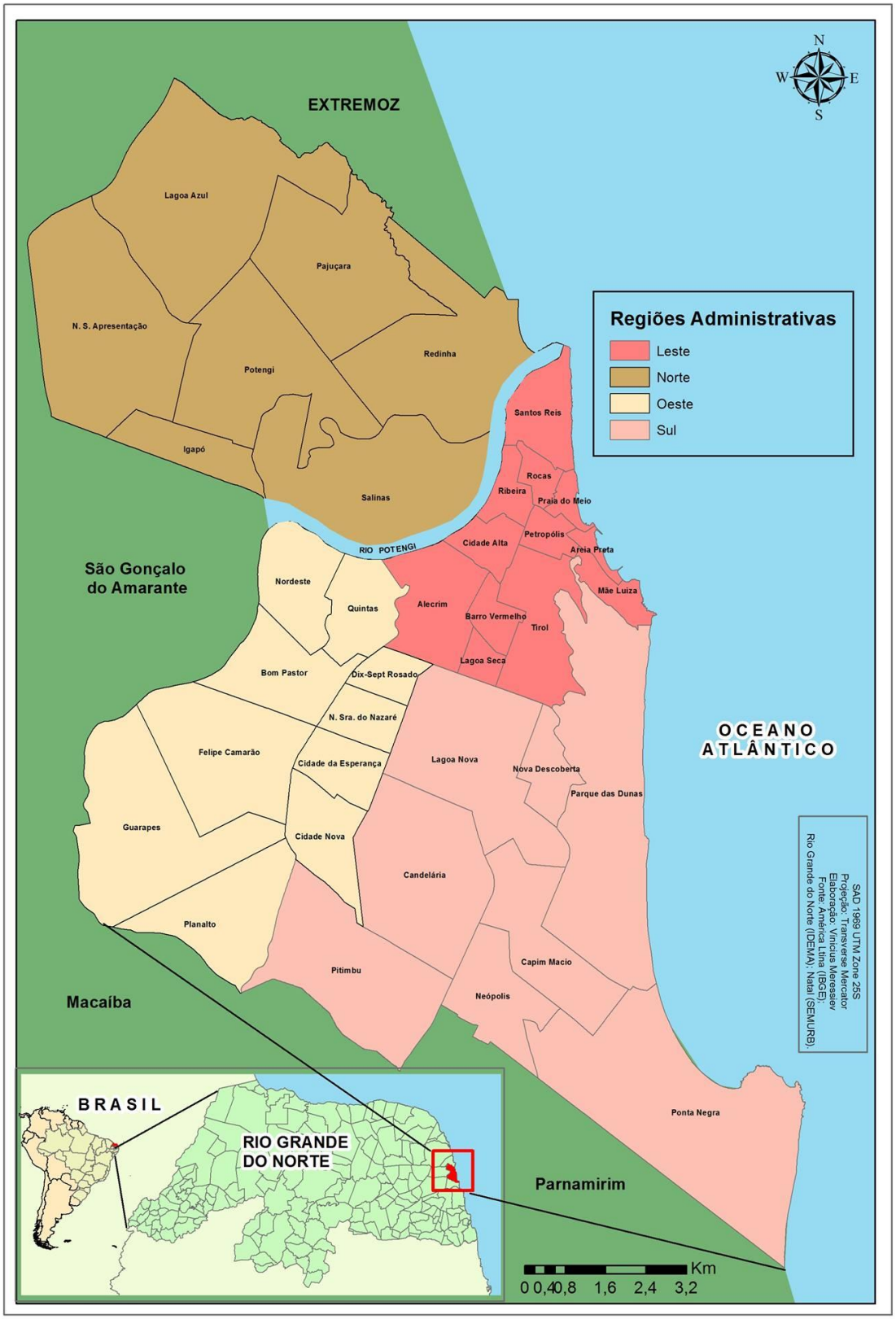
Diferente do que ocorreu no processo de desenvolvimento urbano brasileiro marcado pela intensa migração campo-cidade – no momento atual as pessoas que se encontram em *situação de rua* não correspondem mais a este perfil. Os resultados do estudo revelaram que grande parte dos sujeitos em *situação de rua* nasceram no mesmo município em que se encontram, ou se deslocaram de municípios situados no mesmo estado. No entanto, cabe ressaltar que, embora não possamos limitar tal fenômeno à temática do êxodo, é importante perceber que essas pessoas estão constantemente se deslocando, não só na cidade, como entre as cidades, mesmo que as capitais e principais centros urbanos não sejam necessariamente o destino almejado.

[19] De acordo com a pesquisa realizada pelo MDS no ano de 2009 a cidade de São José dos Campos é a que consta o maior índice de pessoas em *situação de rua* (0,274%.). Enquanto em Natal o índice é de 0,029%. As cidades mencionadas acima possuem tais índices: São Paulo (não participou do censo do MDS, pois já havia sido realizada pesquisa semelhante por outra instituição); Rio de Janeiro 0,075%; Brasília 0,071%; Curitiba 154% e Salvador 114%.

Pretendo apresentar aqui um breve histórico sobre a capital norte-rio-grandense no que se refere ao seu processo de urbanização, bem como expor algumas questões mais recentes, com o objetivo de contextualizar os sujeitos dessa pesquisa dentre os aspectos espaciais, políticos e sociais no qual vivenciam a *situação de rua.*

Localizada no litoral oriental do estado do Rio Grande do Norte, a cidade de Natal apresenta uma área aproximada de 172 km², considerada totalmente urbanizada. Esta área possui trinta e cinco bairros distribuídos em quatro Regiões Administrativas – Norte, Oeste, Leste[20] e Sul. Limita-se com o município de Extremoz, a norte; o de Parnamirim, ao sul; o oceano Atlântico, a leste, e com os municípios de São Gonçalo do Amarante e Macaíba, a oeste. Esta cidade é banhada pelas águas do rio Potengi[21], que a corta no sentido oeste-leste, dividindo-a geograficamente em zona norte e zona sul. O rio Potengi desempenhou papel importante tanto para a fixação do sítio urbano, quanto para a economia da cidade, no entanto hoje ele encontra-se poluído.

[20] Como já foi indicado na introdução desta dissertação, escolhi alguns espaços na Região Administrativa Leste para realização da observação participante. Detalharei sobre tais espaços no capítulo 2.
[21] Rio Potengi foi a nomeação dada pelos indígenas que aqui habitavam. Significa rio de camarões.



Mapa 1: Regiões administrativas da cidade de Natal/RN.

Estimam-se em torno de 876.620[22] pessoas vivendo na cidade de Natal/RN, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico (IBGE). É importante destacar que nesse senso ainda não foram incluídos àqueles que vivem em *situação de rua*[23]. A inclusão dessas pessoas na pesquisa censitária nacional, realizada pelo IBGE, é uma das reivindicações do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), pois esta seria uma maneira de dar visibilidade a esse grupo populacional afim de serem reconhecidos oficialmente pelo Estado, contribuindo para a implementação e efetivação de políticas públicas, bem como no processo de desconstrução de estigmas.

A única pesquisa nacional realizada nesse sentido foi feita pelo MDS (BRASIL, 2009), entre 2007 e 2008, e nela foram levantadas 223 pessoas vivendo em *situação de rua* na cidade de Natal – representando uma porcentagem de 0,029% em relação a população total da cidade, na época. Atualmente estimam-se muito mais do que 223 pessoas vivendo nesta condição, entretanto ainda não houve novo censo para que esses dados fossem atualizados com maior precisão, ainda que considerando o nomadismo que caracteriza esse grupo populacional.

Quanto a formação urbana da cidade, esta ocorreu lentamente. Esse processo iniciou-se a partir da invasão portuguesa em terras potiguares. Em 25 de dezembro de 1599 Natal é fundada e regida pela lógica do sistema colonial português. A ocupação teve início no que hoje considera-se por região administrativa leste – área eleita como lócus desta pesquisa. Praticamente toda esta região localiza-se próximo à costa marítima e a desembocadura do rio Potengi, por isso constituiu-se para a Coroa Portuguesa como um ponto estratégico para a exploração e defesa, bem como para exportação dos produtos aqui extraídos e entrada dos produtos vindos da Europa.

---

[22] Projeção de crescimento feita a partir dos últimos dados do IBGE (2010). Tais dados contabilizaram uma população de 803.739 em 2010 e apontaram 862.044 pessoas para o ano de 2014. Ao fazer uma média de crescimento para o ano de 2015 pode-se esperar o número acima apresentado.

[23] Com o intuito de incluir a *população em situação de rua* no censo nacional, o IBGE realizou pesquisa experimental (por amostra) na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2013. O relatório da pesquisa foi apresentado em julho de 2014 durante a reunião do Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da População em Situação de Rua, realizado na Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). De acordo com a socióloga e representante do IBGE, Sônia de Oliveira, com o levantamento foi possível identificar, por exemplo, o melhor modelo de metodologia, abordagem e a estrutura administrativa necessária para que esta população seja incluída no senso nacional: "Uma das conclusões desta pesquisa é que os recenseadores do IBGE para a população sem situação de rua devem ser exclusivos. Também verificamos que o melhor horário para as entrevistas é no início da noite". O maior desafio apresentado pela pesquisa é o fato de que essas pessoas não são domiciliadas. Disponível em: http://www.sdh.gov.br/noticias/2014/julho/ibge-apresenta-resultado-de-pesquisa-experimental-sobre-populacao-em-situacao-de-rua

Até o final do século XIX o núcleo central de Natal se restringia praticamente aos bairros: Cidade Alta (onde a cidade originou-se) – que adquiriu inicialmente um caráter residencial e, em seguida, a instalação de um comércio restrito e voltado para a elite aí residente; e Ribeira – que evoluiu em função do comércio impulsionado pela construção do cais do porto, no entanto os que aí residiam eram os trabalhadores desse comércio e os pescadores (COSTA, 2000, p. 112). Além desses dois bairros, haviam povoados na área externa ao sítio urbano da cidade, onde a população desenvolvia atividades agrícolas e pecuárias. São eles:

> Rocas, que concentrava pescadores e trabalhadores do cais; Refoles, que concentrava agricultores e operários da fábrica de sabão ali existente; Baldo, que era o limite sul da área urbana [...]; Passo da Pátria, que concentrava semanalmente uma pequena feira e servia de ancoradouro; Barro Vermelho, que concentrava sítios e tinha tradição de festas juninas; Quintas, área já bem mais distante do núcleo urbano, era formada por inúmeras chácaras e sítios (COSTA, 2000, p. 115)

Nesse período, de fim do século XIX, a infraestrutura urbana ainda era muito deficiente:

> Não existia calçamento e nem transporte coletivo, toda circulação no interior da cidade era feita a pé ou a cavalo. Em 1890, foi criado a Empresa de Carros de Aluguel, que fazia a linha da Cidade Alta para a Ribeira. Eram carruagens de quatro rodas, puxadas a cavalo e tinham como finalidade apenas passeios, mediante contrato [...] A iluminação pública foi inaugurada somente em 1859, com sessenta lampiões de azeite, distribuídos pelas principais ruas da Cidade Alta e Ribeira [...] o abastecimento de água encanada só surgiu em 1882. As pessoas que podiam manter uma pena tinham água de segunda a sábado em suas casas; as demais apanhavam água dos chafarizes existentes nos cruzamentos das principais ruas (SELVA APUD COSTA, 2000, p. 114).

No começo do século XX, depois de três séculos de existência, Natal ganha seu terceiro bairro, a Cidade Nova – localizado na parte alta, foi o primeiro bairro a ser ocupado de forma planejada. Essa área era anteriormente formada por sítios e chácaras, pertencentes, na sua maioria, a pessoas ilustres da economia e da política local que, entre elas, idealizaram a construção do bairro, através da institucionalização do seu primeiro plano de expansão para a cidade (COSTA, 2000, p. 115). Vivia-se uma época de mudanças e modernização, por isso:

> A elite republicana capitaneada pelo chefe do executivo estadual, Pedro Velho, redesenhava o espaço urbano de Natal, buscava definir lugares de habitação para os novos donos do poder. [...] Uma oposição acirrada que, corretamente, denominou o novo bairro de Cidade das Lágrimas, denunciando as desocupações de centenas de "habitações", provocando a "favelização" da Praia do Meio e do Passo da Pátria. Na verdade, a propalada ideia de cidade moderna, com a criação do terceiro bairro, escondia o desejo, por parte das elites, de construir o "muro da exclusão" (NATAL APUD LIMA, 2014, p. 167).

É nesse contexto que a expansão territorial da cidade de Natal aconteceu, sobre o signo "da segregação social, quando na sua origem delimita o centro (Fortaleza dos Reis Magos), para os portugueses e para os Potiguaras[24], a periferia (margem esquerda do Rio Potengi) " (NATAL APUD LIMA, 2014, p. 167). Tal modelo de ocupação, foi forjada sob "a remoção e expulsão de mais de trezentas cabanas e choupanas para a abertura desse novo espaço de morar das elites" (NATAL APUD LIMA 2014, p. 167). Dessa forma, o processo de urbanização da cidade de Natal não difere dos demais no que concerne à dominação e hierarquização do território.

A criação de Cidade Nova estimulou a expansão urbana no sentido das dunas e do mar, determinando, desta forma, uma divisão socioespacial, institucionalizada pelo poder público, na medida em que certos espaços se destinavam à burguesia local. Além desse aspecto, a formação desse bairro incitou o surgimento dos bairros: Petrópolis e Tirol na área planejada; e do Alecrim, situado ao sudoeste da Cidade Alta. Criado em 1911:

> O Alecrim [...] abrangia as populações dos lugarejos de Refoles, Barro Vermelho Baldo e Quintas. O bairro teve uma expansão rápida, pois, com o acesso para o sertão pela estrada que ligava a Macaíba, passou a ser bairro receptor de pessoas vindas do interior, passando, com isso, gradativamente a ter uma importância comercial significativa para a cidade (SELVA APUD COSTA, 2000, p. 116).

Na década de 1920 o crescimento populacional de Natal aumenta quase cem por centro por consequência das secas que aconteceram no interior. Não só nesse período, mas ao longo da história, os maiores índices de crescimento demográfico da cidade foram registrados nos períodos de longas estiagens. Porém, mesmo com este aumento populacional não houve uma expansão urbana significativa, pois, a cidade ainda se encontrava dividida basicamente em:

[24] Grupo indígena nativo do estado do Rio Grande do Norte que habitava o litoral do Estado no início da colonização europeia.

> Cidade Baixa, formada pelo bairro Ribeira; Cidade Alta, núcleo inicial da cidade; Cidade Nova (Petrópolis e Tirol) que representava a "boa moradia", com ruas largas e arborizadas; e Alecrim, habitado principalmente por pequenos comerciantes, trabalhadores em geral e pela população pobre [...] A Cidade Alta constituía-se o bairro mais populoso, concentrando a maior parte da administração pública e áreas de lazer; a Ribeira se destacava pelo seu intenso comércio, notadamente o atacadista; a Cidade Nova, bairro planejado, essencialmente residencial, lá se concentrava a burguesia da cidade; o Alecrim, bairro mais periférico, abrigava a população de menor poder aquisitivo (COSTA, 2000, p. 116).

Somente na década de 1930 que Natal passa a ter um plano urbanístico, denominado *Plano Geral de Obras*, impulsionando a formulação de metas para a construção de uma infraestrutura básica que tanto a cidade necessitava. Esse plano abrangia aspectos relacionados ao:

> [...] abastecimento d'água, esgotamento sanitário, anteprojeto de melhoramentos urbanos e abertura de avenidas e construções de praças. Somente após trezentos e trinta e noves anos de fundada, é que Natal passa a possuir todos os elementos urbanos que devem compor uma cidade como ruas, praças, bairros, abastecimento d'água, luz, escolas, transportes, serviço, etc. (COSTA, 2000, 117).

A partir dos anos 1940 Natal passou a viver uma nova fase na vida urbana que, entre outros motivos, resulta do papel que a cidade desempenhou na Segunda Guerra Mundial, devido à posição estratégica que ela ocupa no contexto do continente americano (COSTA, 2000). Com a chegada de dez mil soldados americanos, foram instalados no seu território equipamentos aeronáuticos, bem como uma Base Aérea e Naval. Além disso, foi construída uma estrada asfaltada ligando Natal a Parnamirim, iniciando um intenso fluxo migratório de trabalhadores provenientes do interior do Rio Grande do Norte e outras localidades.

Nesse período Natal ainda não estava preparada para corresponder as novas necessidades por serviços, empregos e especialmente por espaços de moradia. A demanda por instalações de hotéis e de casas para alugar contribuíram para o aumento repentino dos preços e, por consequência, gerou uma grande especulação imobiliária. A concentração populacional, ocasionada pelo crescimento acelerado, impedia que o uso do solo fosse feito de forma adequada, aumentando os problemas de infraestrutura urbana como habitação e saneamento (COSTA, 2000, p. 120).

Nesse movimento de urbanização, algumas políticas foram executadas pelos setores públicos e privados, como: a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

(SUDENE), que acelerou ainda mais o fluxo migratório para Natal; o programa habitacional, que elabora o primeiro Plano de Habitação Popular em convênio com o governo americano; a intensificação da atividade industrial, com destaque para a produção de algodão, confecções e alimentos; o crescimento da atividade terciária, estimulando o desenvolvimento do setor financeiro; a atividade extrativa de petróleo; a atividade turística e as "novas" demandas de serviço (COSTA, 2000).

As transformações no espaço urbano de Natal tornaram-se mais visíveis a partir de 1975, por consequência da política de habitação e projetos de investimento urbano para obras de infraestrutura. Porém tal política dá continuidade a uma lógica de expansão urbana segregadora, pois, enquanto na zona norte da cidade – área que ao longo da história é esquecida quanto a implementação de serviços de infraestrutura – eram construídos conjuntos populares, através da COHAB-RN; na zona sul – área mais privilegiada – eram construídos conjuntos habitacionais, através do INCOOP e a Caixa Econômica Federal (CEF), destinados à população com melhor poder aquisitivo

Já no final da década de 1980 a economia da cidade de Natal é marcada por uma ascendência vertiginosa no ramo turístico, baseado no binômio "sol e mar" (CORADINI, 2008). Esse cenário contribuiu para consolidar o processo de urbanização da capital potiguar, pois houve muitos investimentos voltados para este setor, movimentando ainda mais a construção civil, colaborando com a valorização imobiliária, além de intensificar o fluxo migratório para a cidade em detrimento das oportunidades de emprego que a nova atividade passou a oferecer.

Obedecendo às linhas estabelecidas no II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), destinadas ao Nordeste – no que consta: "A ordenação da ocupação da orla marítima preservando-se o patrimônio histórico e valorizando-se a beleza paisagística, com vistas ao desenvolvimento do turismo interno e internacional" (BRASIL APUD COSTA, 2000, p. 126) – o governo cria o Projeto Via Costeira, composto por uma estrada na via litorânea ligando as praias próximas ao centro da cidade (referente à Região Administrativa Leste, aqui mencionada) à Praia de Ponta Negra (Região Administrativa Sul). Segundo Ademir Costa (2000), alguns segmentos sociais se manifestaram contra tal projeto:

> [...] Na visão desses segmentos, a implantação do projeto comprometeria as condições ambientais da cidade, com impactos negativos sobre o clima, a água e o

> ar, como também seria uma forma de apropriação da área pelo capital imobiliário [...] (VIDAL, APUD COSTA, 2000, p. 127).

Todos os estudos desaconselhavam tal construção, mas mesmo assim o projeto foi implantado na década de 1980, transformando a rota via costeira em área de interesse turístico, atendendo aos interesses das classes empresariais do ramo hoteleiro. O empreendimento envolveu empresas locais e nacionais, no entanto não se estabeleceram critérios de concessão da extensão territorial. Muitas áreas públicas foram cedidas à iniciativa privada, que retém a terra como reserva de valor em benefício próprio, com a cumplicidade do poder público (COSTA, 2000, p. 128).

Entre os problemas que este projeto trouxe, foi a dificuldade de acesso da população às praias, pois em quase toda extensão beira-mar foram instalados muitos hotéis. Praticamente não existem paradas de ônibus nessa via, os meios de transporte público são escassos e a iluminação é muito precária para quem pretender transitar por essa região à noite. Sendo assim, esse é um espaço praticamente exclusivo dos hóspedes hoteleiros.

Podemos perceber, desta forma, que ao longo da história o poder público figura como parte determinante no processo de construção do espaço urbano para a parcela privilegiada da sociedade natalense. As intervenções urbanísticas são projetadas privilegiando o fluxo de capital e por último considera a população residente no espaço. Neste contexto, as pessoas em *situação de rua* enfrentam maiores dificuldades.

O Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) do Rio Grande do Norte, instaurado por meio da parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PROEX-UFRN) vem tecendo diálogos com a população em *situação de rua* em Natal e adjacências, através do Núcleo Gentileza, que é responsável por casos de violações no âmbito da Saúde Mental e População em Situação de Rua (BEZERRA, 2014). Sobre essa aproximação, Bezerra coloca:

> O contato que o CRDH/UFRN teve com a população em situação de rua de Natal, deu-se a partir de uma demanda encaminhada pelo Conselho Estadual de Direitos Humanos em janeiro de 2012. Foi realizada a denúncia de práticas de violação institucional por parte de órgãos de atendimento à população em situação de rua. Logo, percebe-se que o quadro potiguar de violações via precarização das políticas de atendimento à essa população não é destoante em termos da situação nacional (BEZERRA, 2014, p.79).

Em 2012, através da iniciativa do Núcleo Gentileza e parceiros[25], foi realizado na Praça Augusto Severo, localizada no bairro da Ribeira, o evento "Vivências de Rua, sou (in) visível para você? ", que teve como proposta dar evidência aos sujeitos em *situação de rua* na cidade. Este evento contou com a presença de Maria Lúcia, coordenadora do Movimento Nacional da População de Rua, que colaborou para que fosse eleito um representante da população em *situação de rua* no estado Norte-Riograndense. A partir desse dia surge o MNPR/RN, coordenado por José Vanilson Torres.

José Vanilson, 43 anos, é natural de Natal. Vive por mais de 27 anos em *situação de rua* nesta cidade. Segundo Vanilson, sua história é muito complexa:

> Minha mãe faleceu quando eu tinha 11 anos de idade. Eu fazia a sexta série, e depois disso perdi o caminho, a bússola e acabei parando de estudar. Meu pai juntou-se com outra mulher e acabou vendendo a nossa casa no bairro do Amarante para o genro dela. Saí de casa porque eu comecei a apanhar muito. Vim para a Catedral Metropolitana, que na época ainda estava em construção. Depois disso comecei a andar pela cidade. Vim sair das ruas agora...há 6 ou 7 meses! Faz parte da população em situação de rua, ainda, a discriminação, a violência, o preconceito, a fome, né? Por que ainda é um público invisível, infelizmente. Mas tá mudando (...) tem gente aparecendo com uma visão diferente. Não foi fácil sair das ruas. As coisas começaram a mudar a partir do evento "Vivências de Rua, sou (in) visível para você? ". Antes disso, a coordenadora do antigo albergue da Ribeira fez uma eleição para eleger o prefeito do albergue e eu me candidatei. Foi na mesma época da eleição para prefeito da cidade. Começou com uma brincadeira. Na época eu fiz uma paródia da música "morango do nordeste" e com isso fiz propostas de campanha. Nessa época eu não conhecia nada sobre os direitos e o movimento da população em situação de rua. Eu era leigo em 2012. Eu resolvi tomar uma atitude e conversei com Maria Lúcia, que também morou nas ruas e foi dependente química...ela veio para colocar um núcleo em Natal. Eu falei com ela, tomei a atitude de apresentar propostas. Nessa mesma época passei a representar o RN num curso de capacitação de lideranças da saúde, em Brasília. Tudo aconteceu muito rápido...em 2 anos. Mas acho que tudo na vida é atitude. Graça a Deus a população em situação de rua tem muita veia artística.

Em 2013 Vanilson voltou a estudar, terminou o ensino fundamental e começou o ensino médio. Ele sempre destaca a importância que o MNPR/RN passou a ter na sua vida:

> Eu nunca tinha andado de avião ... pensei: Poxa, Deus quer algo comigo...agorinha eu estava no papelão e agora tô aqui, nesse avião. Depois dessa viagem já foram 14. Em seminários, cursos e palestras. Tem sido muito bom pra mim, porque tenho buscado aprender para defender essa população. A rua é madrasta, mas também é uma escola. Na rua aprendemos a solidariedade. As vezes você chega em alguém

[25] Como o Projeto de Pesquisa e Extensão do Departamento de Psicologia da UFRN – Direitos Humanos e População em Situação de Rua na cidade de Natal: investigando limites e possibilidades de vida"

> que tem dinheiro e a pessoa não te dá comida, mas você chegar num morador de rua ele dá. Minha vida hoje é de lutas. Esse movimento mudou minha história, porque...até então, antes de entrar nele, eu estava destruído psicologicamente, emocionalmente e fisicamente. Minha autoestima estava muito baixa. Nas ruas as drogas servem de anestésico, por causa do frio, da fome...mas dizer que muita gente está na rua por causa das drogas é uma mentira!

Desde o evento ocorrido em 2012 o CRDH/UFRN passou a auxiliar nas articulações necessárias para que o MNPR/RN pudesse se organizar e se fortalecer enquanto movimento social na cidade. Dessa forma, foi viabilizado um espaço na Associação Amigos de Ruy Pereira, localizado no bairro da Ribeira para que as atividades desse movimento político pudessem acontecer. Esse lugar foi estratégico, pois além de situar-se no centro da cidade – local de maior concentração de pessoas em *situação de rua* – o Albergue Municipal localizava-se muito próximo. Ademais, a praça Augusto Severo, sitiada em frente ao espaço, é de grande circulação dos sujeitos em questão, principalmente durante o dia, enquanto o Albergue encontra-se fechado.

A fim de chamar atenção das pessoas em *situação de rua* que por ali transitavam, algumas estratégias foram praticadas (Bezerra, 2014): além de Vanilson e Wandiclei – vice coordenador do movimento – repassarem as informações do MNPR/RN para os colegas em condição de rua, desencadeando uma rede de comunicação sobre, foi necessário estabelecer diálogos com a rede de atendimento voltada para esse público. O CRDH/UFRN realizou reuniões com a direção e equipe de funcionários do Albergue, bem como procurou ouvir a população usuária do serviço, o que contribuiu para traçar as suas principais ações: além de atendimento jurídico, social e psicológico, seria urgente que os sujeitos em situações de rua compreendessem sobre as políticas públicas que devem ser garantidas a eles (BEZERRA, 2014, p. 81).

CAPÍTULO 3



Fotografia 2: Alexandro Gomes, em *situação de rua* na calçada em frente a estabelecimento comercial fechado – Natal/RN. (Fonte: autoria própria)

Rap da Rua.

Sorrir? Quero! Posso? Não! Porque cama, calçada, lençol, papelão
O poder não liga para nós. Bem alto gritamos, mas eles não querem ouvir a nossa voz.
Nômades nós somos, é preciso! Pá-Pá-Pá, corremos perigo!
O Deus do céu cuida da gente: é dono do passado, futuro e presente
Dormir nas ruas: incertezas. Um aberto, outro fechado, olhando as redondezas
Lutar não é esperar! Mudanças virão, temos que continuar a lutar
Lutar não é esperar! Mudanças virão, temos que continuar a lutar, lutar, lutar, lutar...

(José Vanilson Torres – Viveu em situação de rua por 27 anos em Nata/RN)

3 ITINERÂNCIAS EM CAMPO

(...)Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar (...)

(Antônio Machado)

3.1 MAPEAMENTO E INSERÇÃO

Iniciei essa pesquisa me dedicando a pensar como eu poderia me aproximar das pessoas em *situação de rua* que frequentam as praças, calçadas, esquinas, espaços desocupados, entre outros lugares da cidade de Natal-RN. Não queria me aproximar apenas como uma transeunte que passa, olha e vai embora. No entanto, comecei observando-os nas ruas enquanto me deslocava pela cidade, e entre as cidades – Natal e Parnamirim[26] – dentro de ônibus, carros e principalmente a pé, nos mais distintos horários.

Diversas vezes me surpreendi com a criatividade de alguns sujeitos em *situação de rua* que, ao aproveitar espaços da cidade para abrigar-se, acabam por (re) significar lugares que são planejados para outras funções. À exemplo, na capital potiguar um homem de meia idade que dormia dentro dos arbustos no canteiro central da Av. Engenheiro Roberto Freire[27]; como também um outro homem que armou uma rede para dormir em um ponto de ônibus da Av. Senador Salgado Filho[28].

Já em Parnamirim – região metropolitana de Natal – observo diariamente um homem que dorme, à noite, abaixo do banco de uma parada de ônibus na Av. BR 101 e que durante o dia seus objetos pessoais permanecem empilhados debaixo do assento. Ao entardecer, ele fica sentando de costa para a rua, só aguardando o momento de poder se acomodar. Também pude

[26] Terceiro município mais populoso do Rio Grande do Norte, pertence a Região Metropolitana de Natal, localizando-se ao sul da capital. Atualmente vive um intenso crescimento econômico, especialmente no setor imobiliário, se tornando uma verdadeira extensão de Natal. Segundo dados da ONU (2010), o IDH deste município é o maior do estado norte-rio-grandense. Além dessas informações, Parnamirim é o município onde resido.

[27] É uma das principais avenidas localizada em área nobre da cidade, pois permite acesso as praias e principais pontos turísticos da Zona Sul. Inicia no bairro Capim Macio e termina na Vila de Ponta Negra. Via bastante arborizada, nela se concentram vários estabelecimentos comerciais, como o Shopping Cidade Jardim, supermercados, restaurantes, bares, instituições de ensino superior e grande parte dos hotéis da cidade.

[28] Uma das maiores avenidas da capital potiguar, nela se concentram vários estabelecimentos comerciais e o maior shopping do estado – o Midway Mall – e uma unidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN).

observar a presença de um grupo de pessoas em *situação rua* que se alojam debaixo de uma passarela nessa mesma avenida. No local tem sofá, fogão e outros objetos domiciliares.



I

Fotografia 3: Alojamento de pessoas em *situação de rua* debaixo de uma passarela na Av. BR 101 – Parnamirim/RN. (Fonte: autoria própria).

Durante esse momento inicial, de mapeamento, foi possível notar a presença de pessoas em *situação de rua* em diferentes regiões e pontos da cidade– sobretudo ao longo das principais avenidas. Em Natal destacam-se as avenidas: Bernardo Vieira; Sen. Salgado Filho; Prudente de Morais; Afonso Pena; Alm. Alexandrino de Alencar; Deodoro da Fonseca, Hermes da Fonseca; Integração; Capitão –Mor Gouveia; Coronel Estevam; Bacharel Tomaz Landim; Dr. João Medeiros Filho e Presidente Café Filho. Em Parnamirim, destacam-se as avenidas Piloto Pereira Tim, trecho da rodovia BR 101 que corta Parnamirim; e a Avenida Castor Vieira Regis, paralela à rodovia BR.

O propósito do mapeamento foi perceber de que modo acontece a inserção desse segmento social no meio urbano da cidade de Natal. Dessa forma consegui constatar que, assim como em outras capitais e municípios, é na região central[29] da capital potiguar onde pode ser observado um maior adensamento de sujeitos em *situação de rua*, e isso tem relação com o fato de que é nessa área – do "centro" – onde tradicionalmente os que estão à margem se "abrigam":

[29] A "região central" que menciono aqui refere-se à Zona Administrativa Leste da cidade de Natal/RN, citada na introdução e caracterizada ao final do capítulo 1.

> [...] o mundo do "centro" é principalmente o mundo dos "camelôs, prostitutas, velhos aposentados, políticos, solitários anônimos, pivetes, pregadores da palavra de Deus, vendedores ambulantes, colegiais, pessoas em transito... (CORADINI, 1995, p. 12).

A região central é a área mais antiga da cidade de Natal. Como apresentei no capítulo anterior, ao longo da sua história essa área foi se constituindo como *lócus* dos variados tipos comerciais, bem como de fixação de prédios e uma diversidade de equipamentos e espaços públicos que, de forma pauperizada, dão sustentação para o cotidiano de sobrevivência dos que estão em *situação de rua*: inúmeras praças com alguns banheiros públicos; restaurantes populares; atualmente um Albergue Municipal[30] para os que se encontram nesta *situação*; terrenos baldios; casas e prédios abandonados; necessidade de mão de obra barata para desempenhar serviço braçal no cais do porto, na feira, nos depósitos; além da possibilidade de realizar "bicos" derivados do comércio, historicamente intenso nessa região.

Considerando tais aspectos, a concentração principal desses sujeitos nessa área se resume por este território propiciar possibilidades mínimas de "tocar" a própria vida, tendo em vista que no "centro" estão os trabalhos ocasionais, a circulação de dinheiro, a facilidade em conseguir comida e poder realizar alguns serviços para satisfação dos desejos e das necessidades, mesmo que de maneira ínfima. Em resumo, o centro da cidade é:

> [...] o lugar no qual se concentram e se entrecruzam fluxos de capital, de signos indenitários, de negociações concretas e simbólicas, e que permite com mais propriedade a formação das heterogêneas espacialidades. Embora cada área do centro tenha sua peculiaridade histórica e econômica, assim como uma dinâmica específica, a permanência dos moradores de rua nelas ocorre de maneira bem similar (FRANGELA, 2009, p.22).

É importante ressaltar que no início da pesquisa eu observava o que me parecia evidente, o que era aparente, e que mesmo assim muita gente olha, mas não vê: sujeitos que ao dormirem ou pedirem esmolas no "meio da rua" estampam sua condição para quem passa. Eu só consegui identifica-los através dessa associação espacial e situacional: coabitar a rua, em determinados horários, realizando atividades que costumeiramente são praticadas em espaços privados. Assim como coloca Simone Miziara Frangella "A indicação de sua *situação*

[30] Unidade de Acolhimento Albergue Municipal José Augusto da Costa, localizado atualmente na Rua Princesa Isabel, bairro Cidade Alta.

de rua passa a ser geográfica e socialmente associada às maneiras que propiciam sua resistência e permanência nesta" (2009, p. 35).

Dessa maneira, minha compreensão primeira sobre quem são as pessoas em *situação de rua* ia pouco além de uma calçada – saindo delas, o que faziam e como eu poderia identifica-las? Mais tarde, à medida que fui conhecendo-os pude desconstruir – em mim – a compreensão de senso comum que percebe esses sujeitos como seres inertes na calçada, apenas a mendigar e a dormir no chão. Ao contrário da fixação em determinados espaços, as pessoas em *situação de rua* vivenciam constantes deslocamentos durante o processar da vida cotidiana, pois na rua – diferente da casa – não há possibilidade de viver de forma sedentária.

Apesar de que, a prática de "mendigar" seja um dos mecanismos acionados para sobreviver na rua – afinal são situações de extremas dificuldades financeiras – existem àqueles que vivem em s*ituação de rua* e tem vergonha ou preferem não pedir, como é o caso de R. Teixeira, 48 anos e 12 vivendo na rua: *"Já fiquei várias vezes sem comer porque tenho vergonha de pedir"*. Além disso, possuir um imóvel domiciliar não é garantia de que determinado sujeito não passe a viver em *situação de rua*, pois pude conhecer alguns que declararam ter residência própria e ainda assim vivenciam tal condição.

Destarte, percebi que enquanto alguns estão dormindo no *meio da rua*, na calçada, outros estão dormindo no Albergue Municipal[31]; outrem possivelmente conseguiu algum trocado ao longo do dia para dormir num hotel barato no centro; alguns outros conseguem um lugarzinho no canto onde trabalham, geralmente de maneira informal; tem também os que conseguem abrigo em instituições religiosas; existem os apenados, que em regime semiaberto, precisam voltar para a penitenciária à noite. As condições diferem de uns para outros, assim como a inconstância de tal situação configura a cada dia, ou mesmo instante, uma disposição diferente em relação à própria vida, e, por conseguinte, ao espaço onde se encontram.

A visão homogeneizadora e estereotipada da *situação de rua* não permite perceber pessoas com trajetórias distintas e complexas, que, no entanto, experienciam a instabilidade, a exposição e as privações ao viverem sob tal condição. Justamente por isso, ao contrário de serem sujeitos estagnados nas calçadas, são andarilhos que realizam a *viração* (GREGORI, 2000) de cada dia na rua, em busca da sobrevivência diária.

[31] A partir do momento que ele passou a existir, que foi muito recentemente – em 23/12/2011. Quando iniciei a minha observação participante na rua o Albergue Municipal para pessoas em *situação de rua* ainda não existia.

Desse modo, a rua figura como elemento principal que compõe o cotidiano das pessoas em *situação de rua*. É o espaço em que habitam e sobrevivem "por meio de modalidades que lhe permitem 'satisfazer' suas necessidades vitais" (ESCOREL, 1999) pois, assim como colocou Ana, 36 anos e 12 vivendo nas ruas: *"a rua foi sempre o meu abrigo, não teve outro lugar pra mim"*. Tal qual consta na pesquisa nacional sobre a população em situação de rua "Rua: aprendendo a contar" (BRASIL, 2009), o termo *rua* aqui é considerado em seu sentido amplo, incluindo todos os possíveis locais relativamente protegidos do frio e da exposição a violência e que poderiam servir desta forma, como abrigo. Portanto a "rua" inclui, por exemplo, espaços públicos como parques e praças, ou privados como presídios e depósitos abandonados.

* * *

Retornando aos meus percursos iniciais, o que me chamava especial atenção era a grande quantidade de pessoas que dormem lado a lado no chão, mesmo em dia de chuva, nas calçadas em frente aos estabelecimentos fechados – lojas, restaurantes, centros empresariais, igrejas, etc. Isso só foi possível observar à noite, particularmente de madrugada. Percebi que a noite, quando o comercio fecha e o movimento nas ruas da cidade diminui, a condição das pessoas em *situação de rua* que dormem nesses locais se torna mais visível. Assim como coloca Melo (2011):

> Enquanto uma parte da população que vive na cidade se prepara para dormir em suas casas ou encontrar forças para iniciar uma nova semana, as ruas guardam um fluxo, dinâmica e rotina diferenciada, repleta de especificidades ainda pouco conhecidas (MELO, 2011, p. 10).

Os *pedaços*[32] (MAGNANI, 2003) – calçadas, passarelas, paradas de ônibus, depósitos abandonados, etc – passam a ser ocupados de forma diferenciada por essas pessoas, com maior intensidade a partir das 18:30 se estendendo até às 5 horas da manhã[33], já que nesse momento a movimentação de transeuntes entre o espaço público (rua) e o privado

[32] Guilherme Cantor Magnani (2003) traz a noção de *pedaço* para referir-se ao espaço intermediário entre o público e o privado, onde se desenvolve a sociabilidade. Utilizo aqui dessa noção para referir-me especificamente aos espaços urbanos por onde os sujeitos em *situação de rua* circulam e apropriam-se de maneira diferenciada, não só para sociabilidade, como também para dormir e realizar demais atividades íntimas durante o cotidiano de sobrevivência na rua.

[33] Fato que observei durante as idas ao campo, como também foi confirmado através dos interlocutores desta pesquisa.

(lojas/estabelecimentos) diminui, ou mesmo cessa. Nessa ocasião, muitos aproveitam para estirar seu papelão – ou até mesmo colchonetes – e acomodam-se: para dormir; conversar com os colegas que também frequentam tal pedaço; aguardar o "sopão", que é distribuído em determinados pontos; usar substâncias psicoativas e, ou, realizar demais atividades que lhes sejam costumeiras.

Hoje me lembro da indagação de Maria Lúcia, ex-moradora de rua, durante o I Seminário Potiguar da População em Situação de Rua: *"Acham que brotamos das fontes dessa cidade?".* É o que muitos podem pensar ao se deparar durante a madrugada com tantas pessoas estiradas no "passeio público", mas a verdade é que a *cidade dos invisíveis* se destaca no momento em que a maioria dorme em casas de concreto, ao invés do papelão e asfalto.

Ao amanhecer, os sujeitos em *situação de rua* que dormem nas calçadas precisam se retirar, logo se dispersam, procuram outro destino, vão em busca de preencher seu tempo e garantir a sobrevivência diária: uns vão *pastorar* carros e, ou, *flanelar*; outros vão carregar e descarregar caixas nas feiras e depósitos; muitos são requisitados para distribuir panfletos; alguns vão bater ponto em serviços, como de jardinagem; tantos outros perambulam pela cidade sem saber o que fazer; aqueles outros acabam lidando com coisas ilícitas, etc.

Desta forma, percebi que ao amanhecer e ao anoitecer acontece uma produção situacional dos espaços bastante contrastante, que varia também de acordo com os dias da semana, assim como é demonstrado na fala de Alexandro Gomes, 36 anos e a 20 vivendo na rua: *"Chego na calçada pra dormir de 18:30/19 horas, quando a loja fecha, não pode dormir a hora que você quiser. Mas hoje (sábado) pronto, ela (a frente do estabelecimento onde se encontra) fecha às 14 horas ... se você quiser dormir o dia todinho depois das 14 horas, dorme ... e amanhã (domingo) você dorme o dia todinho (porque os estabelecimentos não abrem). "*

Durante o dia as calçadas parecem favorecer os proprietários dos estabelecimentos, devido ao grande fluxo de pedestres que caminham pelas ruas e transitam entre suas fronteiras – casa e rua; público e privado. Além disso, muitas vezes os proprietários acionam estratégias para assumir o poder sobre determinado território, impedindo que pessoas em *situação de rua* permaneçam em tal local. Essas estratégias são elaboradas para funcionar não somente durante o dia, como também à noite: como exemplo, a contratação de seguranças privados; a

colocação de objetos pontiagudos no chão; dispositivos que jorram água em plena madrugada nas calçadas, etc.

Por tais questões elencadas acima, privilegiei estabelecer um encontro à noite, no horário de maior concentração nas calçadas. Como essas pessoas assumem algumas atividades durante o dia – em relação a sua força de trabalhado, por exemplo – seria mais complicado identificar àqueles que não estariam encaixados no estereótipo *morador de rua* x *meio da rua*. No entanto, não queria chegar "invadindo" o local onde essas pessoas dormem – talvez, esse fosse um momento único de descanso e reclusão que durante o dia, o movimento da cidade torna ainda menos propício.

Após o mapeamento realizado durante minhas observações passei algum tempo imaginando estratégias menos invasivas para o encontro. Além disso, fiquei um pouco receosa de sair sozinha à noite, pelas ruas da cidade, para encontrar-me com eles. Dessa forma, procurei alternativas para não ir sozinha. Vislumbrei possibilidade de acompanhar alguma das entidades religiosas que geralmente prestam algum tipo de apoio a essas pessoas, levando comida, roupas, etc. Porém, não achei uma boa ideia, pois não queria ser associada a nenhuma religião, ou possível olhar de julgamento.

Paralelamente, surgiu a oportunidade de realizar a observação participante junto com a equipe do Consultório de Rua[34], o que foi essencial para minha inserção em campo. Eles também já haviam mapeado alguns locais na cidade de Natal onde existe uma concentração de pessoas em *situação de rua*, além de saber os horários e pontos em que geralmente acontece a distribuição do "sopão", sendo este um momento muito propício para o encontro.

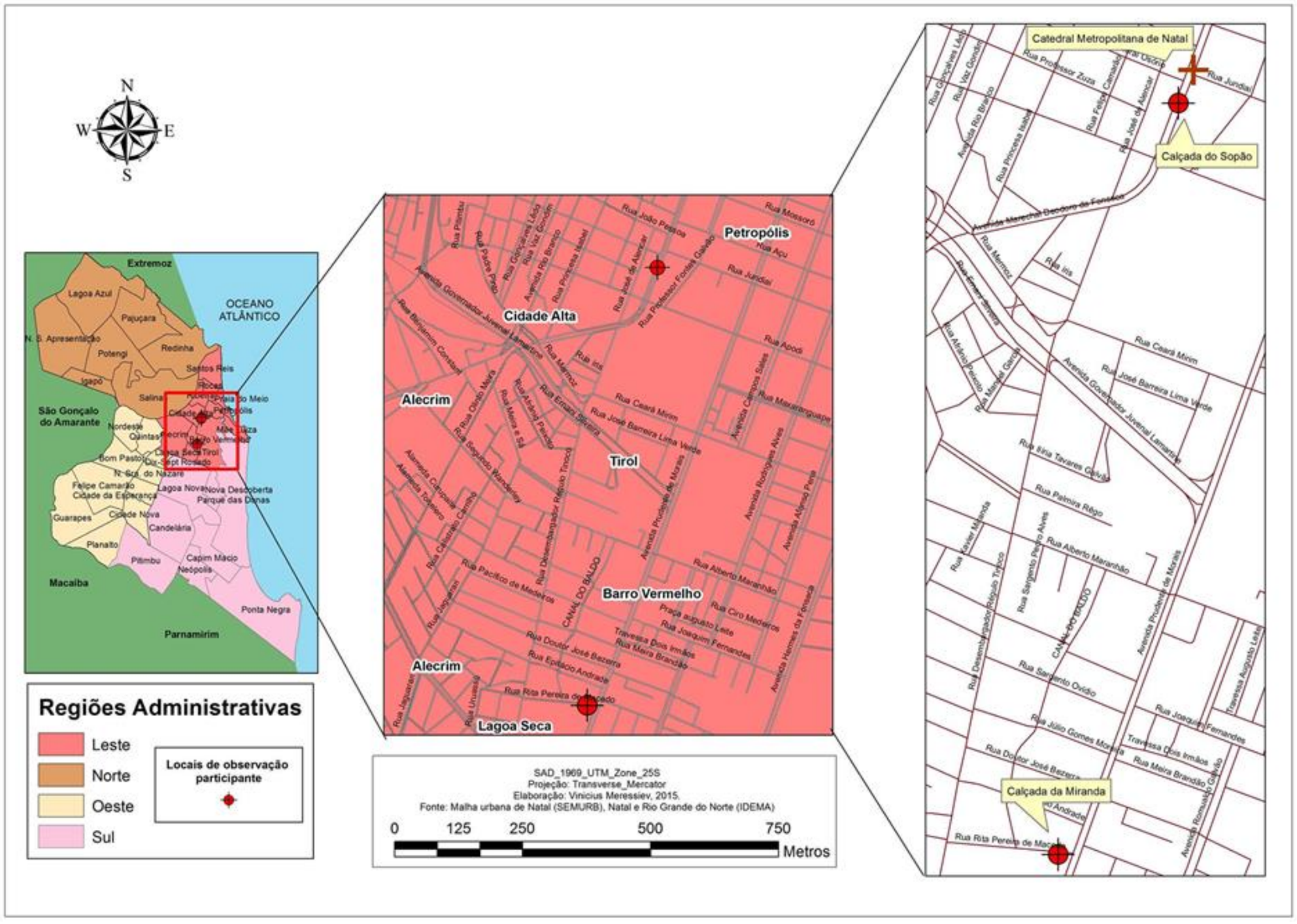
Esta equipe se dividiu em grupos e determinou dias e horários para cumprir suas atividades junto ao grupo populacional em questão. Desta forma, seria um momento "esperado", de que chegariam pessoas "estranhas" ali, que os procurariam para orientar sobre medidas de redução de danos e que eles também poderiam recorrer, quando necessitassem de encaminhamento para atendimento médico, psicológico, ou até mesmo uma simples conversa.

Por eu já ter percebido que o centro da cidade aglutina pessoas em *situação de rua*, escolhi dois locais nessa região dos quais o Consultório de Rua atuaria. Foram eles: I)

[34] Caracterizo o Consultório de Rua na Introdução deste trabalho (página 10).

"Calçada do Sopão"[35], onde iniciei minha observação participante e, logo em seguida me desloquei para II) "Calçada da Miranda"[36]. É importante destacar que houve dois momentos de investigação. O *primeiro momento* desta pesquisa aconteceu especialmente entre esses dois espaços, demonstrado no mapa que segue – **Mapa 2**.

[35] Calçada da esquina paralela à Catedral Metropolitana de Natal, mais conhecida como Catedral Nova, localizada na Av. Deodoro da Fonseca, no bairro Cidade Alta.
[36] Calçada em frente à loja Miranda Computações, localizada na Av. Prudente de Morais, no bairro Lagoa Seca.



Mapa 2: Localização – I) Calçada do Sopão II) Calçada da Miranda

Vale ainda ressaltar que ao evidenciar nesta secção os principais lugares onde realizei observação participante, não pretendi *"fixar um sistema de moradia"* (MAGNI, 1995), posto que esse segmento populacional se caracteriza justamente por sua mobilidade intensa. No entanto, considero importante perceber os atores sociais de maneira relacional, localizando-os e observando-os através das situações e interações cotidianas que se processam no espaço. Como argumenta Magnani (2007) é preciso:

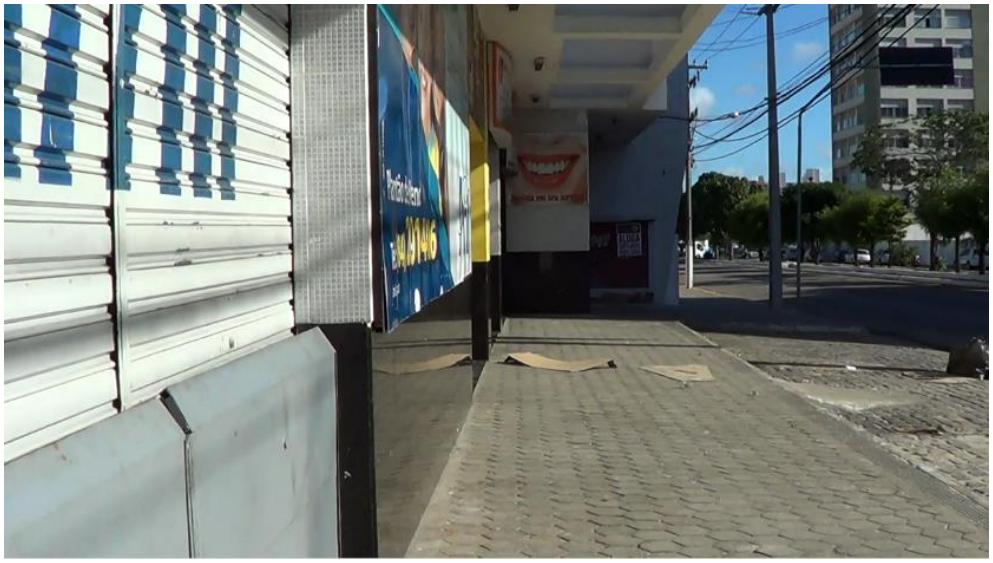
> Levar em conta tanto os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores, etc.) quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço (MAGNANI, 2007, p. 19).

Desse modo, a proposta é partir da inserção dos sujeitos em *situação de rua* no espaço urbano por meio da etnografia dos *pedaços* por onde circulam na cidade, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca.

Como pode ser visualizado no **mapa 2**, as calçadas I) e II) ficam relativamente próximas uma da outra – a uma distância de dez quarteirões – contudo, apesar da proximidade pude observar nesses dois locais dinâmicas bem diferentes, no que concerne ao modo de apropriação do espaço, bem como no que se refere a relação entre esses sujeitos e os moradores – dos edifícios e casas – e os profissionais que trabalham nos estabelecimentos comerciais que se situam ao redor.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS *PEDAÇOS* E SITUAÇÕES EMBLEMÁTICAS

(I) "Calçada do Sopão":



Fotografia 4: "Calçada do Sopão" durante o dia – Natal/RN. (Fonte: autoria própria)

Iniciei a observação participante acompanhando o primeiro dia de atuação do Consultório de Rua neste local. Cheguei antes do horário combinado, que seria às 19 horas – momento anterior à distribuição das sopas (às 21 h). Como ainda era dia pude observar que, conforme ia anoitecendo alguns homens que estavam "flanelando" e pastorando os carros da rua começavam a se direcionar para a "Calçada do Sopão". Foram chegando também pessoas que eu ainda não havia percebido nas proximidades. Alguns apenas sentavam no chão, outros estiravam o papelão na calçada e deitavam por cima, fazendo a mochila ou sacola de travesseiro. Uns conversavam entre si, outros pareciam cochilar enquanto a sopa não chegava. Essa calçada é coberta pelo alpendre dos estabelecimentos comerciais. A iluminação à noite fica por conta dos postes e dos carros que passam na avenida.

Quando todo grupo do Consultório de Rua chegou, fomos ao encontro dessas pessoas. A coordenadora da equipe pediu permissão para que pudéssemos sentar junto a eles. Em seguida, apresentaram a proposta do projeto e entregaram camisinhas como uma das medidas de redução de danos possível. A partir desse momento nos aproximamos e dialogamos com os que ali estavam. Ao conversar com algumas pessoas que aguardavam o "sopão", tomei conhecimento que ali também chegavam homens e mulheres que moravam em comunidades próximas, como a do Passo da Pátria[37].

Um casal me relatou que por causa da difícil condição financeira costumava pegar a comida ali distribuída. Eles não se identificaram como estando em *situação de rua*, porém

[37] Comunidade situada às margens do Rio Potengi, na zona leste da cidade de Natal/RN. Grande parte da comunidade vive em estado de pobreza.

vivenciam condições de vulnerabilidade social muito semelhante. Como este casal, existem tantos outros que não conseguem se fixar totalmente numa moradia por não ser capaz de custear a manutenção de uma vida domiciliada (contas de água e energia, alimentação, etc.), dessa forma esses indivíduos – ou grupo familiar - passam a se alimentar na rua, através de doações e por meio das instituições.

Nessa calçada as pessoas em *situação de rua* apareciam mais no momento em que era servido o alimento. A rotatividade desses sujeitos – praticamente só homens – no local era muito grande, o que dificultava conseguir reencontra-los nos dias seguintes. Pude compreender esse contexto quando me relataram que em determinado horário da madrugada cai água do teto justamente para impedir que eles ali se alojem. Devido a esses e outros procedimentos, praticados pelos donos dos estabelecimentos localizados naquela calçada, o relacionamento com estes acontecia de forma conflituosa e coercitiva.

Algum tempo após eu tomar conhecimento sobre esse fato, pude observar que não existe mais cobertura na frente das lojas dessa calçada, atualmente o teto é vazado, impossibilitando a proteção contra chuva.



Fotografia 5: "Calçada do Sopão": teto vazado – Natal/RN. (Fonte: autoria própria).

Aqui pude conhecer Diego, 28 anos, natural do Rio Grande do Sul. Ele encontrava-se deitado no chão, mas como percebi que ele estava acordado, resolvi me aproximar. Perguntei

se poderíamos conversar, me apresentei, expliquei sobre a pesquisa que pretendia fazer e então ele aceitou conversar comigo. Sentamos no chão e ele foi contando sobre sua vida: *"Depois que minha mãe faleceu eu resolvi sair de casa. Já vivi na rua em São Paulo, Fortaleza e Maranhão antes de chegar aqui. Estou em Natal dormindo na rua fazem seis meses".* Diego carregava uma mochila com alguns pertences e dizia ter os documentos pessoais.

Dessa maneira fui conhecendo os outros que se encontravam no local. Nesse mesmo dia conheci Fabiano, 42 anos, natural da capital potiguar, disse viver nas ruas da cidade a cerca de vinte anos. Apesar de tê-lo encontrado mais de uma vez nessa calçada, foi muito complicado estabelecer um diálogo, pois ele sempre estava sob efeito alcoólico. Fabiano falou que costumava pegar o sopão nessa calçada a noite e às 7 horas da manhã pegava o "bate-gute" (iogurte) que era servido em frente ao Serviço Social do Comércio (SESC), ao lado do Banco do Brasil[38].

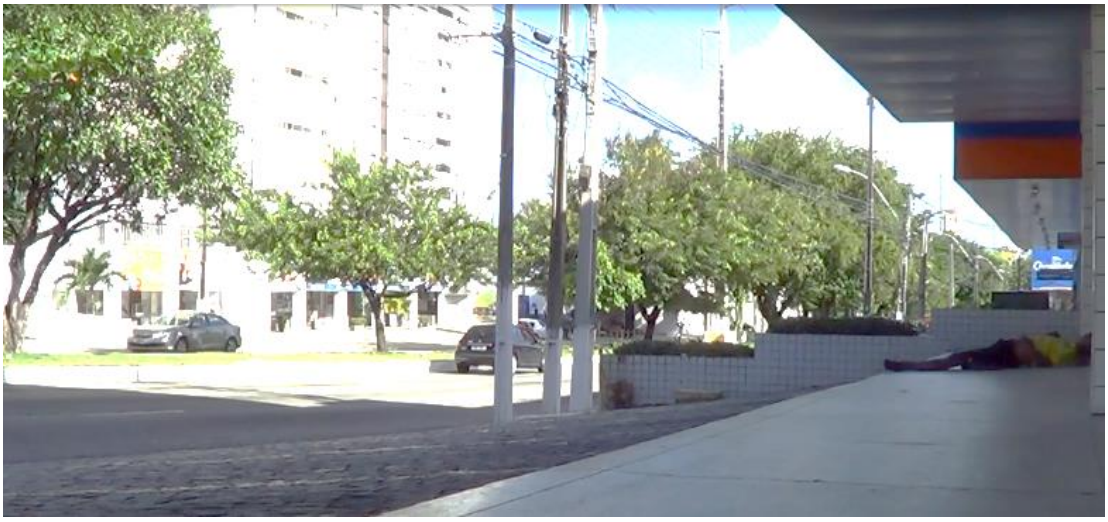
Posteriormente, conheci Leandro, 32 anos, natural de Fortaleza. Contou que está em Natal faz 12 anos e que veio por causa de uma promessa de emprego, que acabou não dando certo. Disse que pastora carros durante o dia e assim consegue algum dinheiro. Leandro falou sobre as injustiças sociais que vivenciam, e disse que queria organizar uma passeata, com outros que estão *situação de rua*, para poder reivindicar seus direitos. Leandro estava indignado, pois, além da falta de endereço fixo, ele havia perdido seus documentos o que dificultava conseguir ser atendido no posto de saúde.

Nessa calçada conheci pessoas com muita consciência política e social, pessoas cientes das injustiças sociais que vivenciam, assim como dos seus direitos negados, pessoas entristecidas pelo fato de não conseguirem se sustentar praticando o ofício que aprenderam durante a vida. Fiquei muito entusiasmada em conhecê-los e poder ouvir suas histórias, que desmistificaram algumas noções que havia em mim – de que praticamente todas as pessoas em *situação de rua* seriam analfabetas, por exemplo. Esse entusiasmo foi tomando o lugar do medo que eu tinha, de sair à noite pelas ruas do centro.

[38] O "bate-gute", mencionado por várias pessoas, localiza-se também no centro, próximo a "Calçada do Sopão".

Apesar da receptividade das pessoas que conheci nesse local, após quatro visitas que fiz, tendo como dificuldade reencontrar os mesmos sujeitos[39], optei por migrar para a "Calçada da Miranda", pois algumas pessoas do Consultório de Rua avisaram-me que, até certo ponto, se tratava de um espaço com maior permanência desses sujeitos. Tendo isso em vista, dei continuidade a minha observação participante nesse novo lugar.

(II) "Calçada da Miranda":



Fotografia 6: "Calçada da Miranda": dia – Natal/RN (Fonte: autoria própria).



Fotografia 7: "Calçada da Miranda": noite – Natal/RN.
(Fonte: autoria própria)

[39] O que é muito comum, tendo em vista que a perambulação constante é um traço característico dos que vivem em *situação de rua*.

A relação das pessoas em *situação de rua* com a calçada em frente à loja da Miranda se diferencia do primeiro local por, entre outras questões, encontrar uma diversidade maior de pessoas: além dos homens – sempre em maior quantidade – havia algumas mulheres e pessoas que se reconheciam como travestis. Ademais, pude perceber a presença de idosos. Cada um parecia ter sua área delimitada pelo papelão, por uma manta estirada ou mesmo pelos mínimos pertences marcando um pedaço do chão, que parecia ser disputado. Certo dia observei dois colchões pendurados entre os galhos de uma árvore em frente a calçada da Miranda, logo imaginei que seria de alguma pessoa que dormia naquele local. Quando voltei à noite me avisaram que os colchões eram do "Rei"[40].



Fotografia 8: "Calçada da Miranda": Colchões do "Rei" guardados na árvore –Natal/RN. (Fonte: autoria própria)

[40] Não consegui conversar com o "Rei", pois ele estava dormindo quando eu cheguei. Não quis acordá-lo.



Fotografia 9: “Calçada da Miranda”: O “Rei” dormindo – Natal/RN. (Fonte: autoria própria)

Apesar do grupo populacional em questão viver transitando pelas ruas da cidade e entre as cidades, percebi que a maioria das pessoas que conheci nesse pedaço tinham essa calçada como local favorito para dormir, de modo que ocupavam quase sempre a mesma parte do chão. Por estar localizado numa avenida bastante movimentada, este local é privilegiado na oferta de alimentos e demais doações – nele também distribuem sopas, sobras de comida dos restaurantes próximos e roupas.

Certo dia, durante meus percursos em campo, um grupo de fiéis da Igreja Católica de Neópolis trouxe marmitas, uma mesa e alguns bancos, para que as pessoas em *situação de rua* não comessem no chão. No entanto, todos comeram sentados na calçada – cada um levantava-se apenas para pegar o alimento. Um desses fieis disse que esse é um lugar tranquilo: *“As pessoas não ficam se drogando o tempo todo, por isso gosto de vir aqui trazer um prato de comida e uma palavra de Deus”* – dessa maneira percebi a existência de critérios para doações.

Observei a relação que eles estabelecem no espaço, à exemplo a organização para manter o espaço limpo: jogam os objetos descartados – copos plásticos e papeis – dentro de uma caixa de papelão. Recipientes como vasilhas e garrafas pet são lavados e reutilizados para guardar comida, água ou bebida, respectivamente. Além disso, constantemente varrem a calçada. Dessa forma conseguiam permanecer nesse espaço sem maiores conflitos com os estabelecimentos comerciais e moradores do local – inclusive alguns moradores e comerciantes diziam que as pessoas em *situação de rua* que ficam por ali ajudam a proteger a

área, por isso não se incomodavam com a presença deles, desde que não houvesse brigas e confusões, que as vezes acontecem por rixas internas.

Cheguei um dia nesse local e só encontrei dois homens que eu nunca tinha visto. A equipe do consultório de rua me informou que ocorreu uma briga entre o grupo dos que ali estavam em *situação de rua* e por este motivo muita gente se dispersou do lugar. Observei que muitos que ficavam em frente à Miranda estavam ocupando a calçada da loja ao lado. Essas confusões acabam gerando mal-estar e intensificação do uso de substâncias psicoativas, além de que reconfigurar tais grupos por causa das inimizades.

Inicialmente conheci Ana Paula, 34 anos, travesti. Ela disse que resolveu sair de casa por causa de desentendimentos familiares – sua família não aceitava sua opção sexual: *"Vivo a dois anos e meio na rua. Acabei de vir a pé de Ponta Negra"*. Ana Paula disse que achou difícil viver em Ponta Negra, porque lá ficava mais exposta à violência e não conseguia ter tanto acesso a comida como tinha ali no centro da cidade. Ana Paula falou: *"Como já tinha ficado aqui na calçada da Miranda, resolvi voltar e trouxe Josival, que também estava em Ponta Negra"*. Josival, 35 anos, natural da Paraíba, contou ter chegado em Natal a poucos dias em busca de emprego, mas logo que chegou perdeu seus documentos e sem recurso financeiro passou a dormir nas ruas.

Conheci também Nicarla, 31 anos, uma das pessoas que fiquei mais próxima e que encontrei inúmeras vezes. Nicarla expôs a seguinte fala: "Vivo a mais de dez anos na rua. Já fui internada seis vezes no Giselda[41] e duas vezes no João Machado[42]". Ela, que sempre me relatava a saudade que sentia dos filhos, me pediu um caderno para que pudesse escrever sobre sua vida. Pediu-me também revistas e livros de autoajuda. Nicarla fez questão de me apresentar ao seu melhor amigo, seu Francisco, mais conhecido como "poeta".

O "poeta", senhor de 60 anos – e metade desse tempo vivendo em *situação de rua* – conversa recitando, com voz muito baixa, quase não conseguia escutá-lo. Ele fica na calçada da loja ao lado da Miranda, meio isolado. Ao perguntar porque ele não ficava próximo à Nicarla ele me disse: *"prefiro ficar aqui, não gosto de me misturar com os outros. Gosto de*

[41] Refere-se ao Hospital Giselda Trigueiro (HGT), instituição de caráter público, localizado no bairro das Quintas em Natal/RN. Caracteriza-se por ser um serviço de assistência especializada de nível terciário à saúde, sendo referência para o Estado do Rio Grande do Norte em: Doenças Infecciosas, Informação Toxicológica e Imunobiológicos Especiais. Mais informações disponíveis em: http://www.portal.rn.gov.br/contentProducao/aplicacao/sesap/guia_saude/gerados/hospitalgiseldatrigueiro.asp

[42] Refere-se ao Hospital Colônia Doutor João Machado, maior hospital psiquiátrico do estado do RN, localizado na cidade de Natal.

ficar no meu canto". Outra pessoa foi Júlio César, 51 anos vive há 40 anos pelas ruas do mundo. Disse que saiu do Uruguai e foi para o Rio de Janeiro. Lá foi passista de uma escola de samba, se casou e teve filhos. Ele foi embora e passou por diversos lugares do Brasil até chegar em Natal – *"Gostei da vida mais tranquila em Natal"*. Júlio César disse que gosta de viver nas ruas e que se vira para conseguir um trocado, catando latinhas, fazendo malabarismo nos sinais e *pastorando* carros.

Outras duas pessoas que conheci foram Fábio Alexandrino e Luiz Fernando. Fábio, de 26 anos e a uma semana em Natal, veio de São Paulo, através de carona. Falou sobre o desejo em sair do país. Perguntei se ele morava naquela calçada, mas logo percebi que havia feito a pergunta errada, pois ele me respondeu: *"não moro, vivo em situação de rua".* Conversamos muito, pois Fábio demonstrava muito interesse em saber sobre mim, sobre meus interesses musicais, sobre meus estudos, etc. Ele me contou que morava num bairro de periferia em São Paulo: *"me meti com coisa ruim lá, queria comprar roupa legal, sapato bacana, queria impressionar"*. Além de realizar pequenos furtos, Fábio disse que já teve problemas com drogas enquanto ainda era menor de idade, e por isso foi preso na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM[43]). Quando foi solto ele não teve coragem de procurar seus familiares, por isso foi embora da cidade e passou a viver nas ruas.

Já Luiz Fernando, 40 anos, é natural de Baraúnas. Contou que vive nas ruas há vinte anos e que já ficou preso um bom tempo por ter praticado um homicídio. Disse que de vez em quando dorme na Igreja Batista do Regulo Tinoco[44], pois lá consegue uns "*bicos"* como eletricista.

Houve um dia em que cheguei nessa calçada e todos estavam alcoolizados. Percebi que havia algo estranho e fui perguntar a Nicarla o que estava acontecendo. Ela me disse que o carro do lixo havia passado e levado os poucos pertences do grupo que estava ali, inclusive um caderninho que eu tinha lhe dado para que ela escrevesse sobre sua vida. Por causa de episódio violência todos estavam muito tristes. Nicarla e Ana Paula brigaram – depois desse dia Ana Paula apareceu menos no local.

[43] Atualmente denominada por Fundação Casa/SP. Sua função é executar medidas socioeducativas aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos com idade de 12 a 18 anos incompletos, onde podem cumprir reclusão até no máximo a idade de 21 anos completos, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_CASA

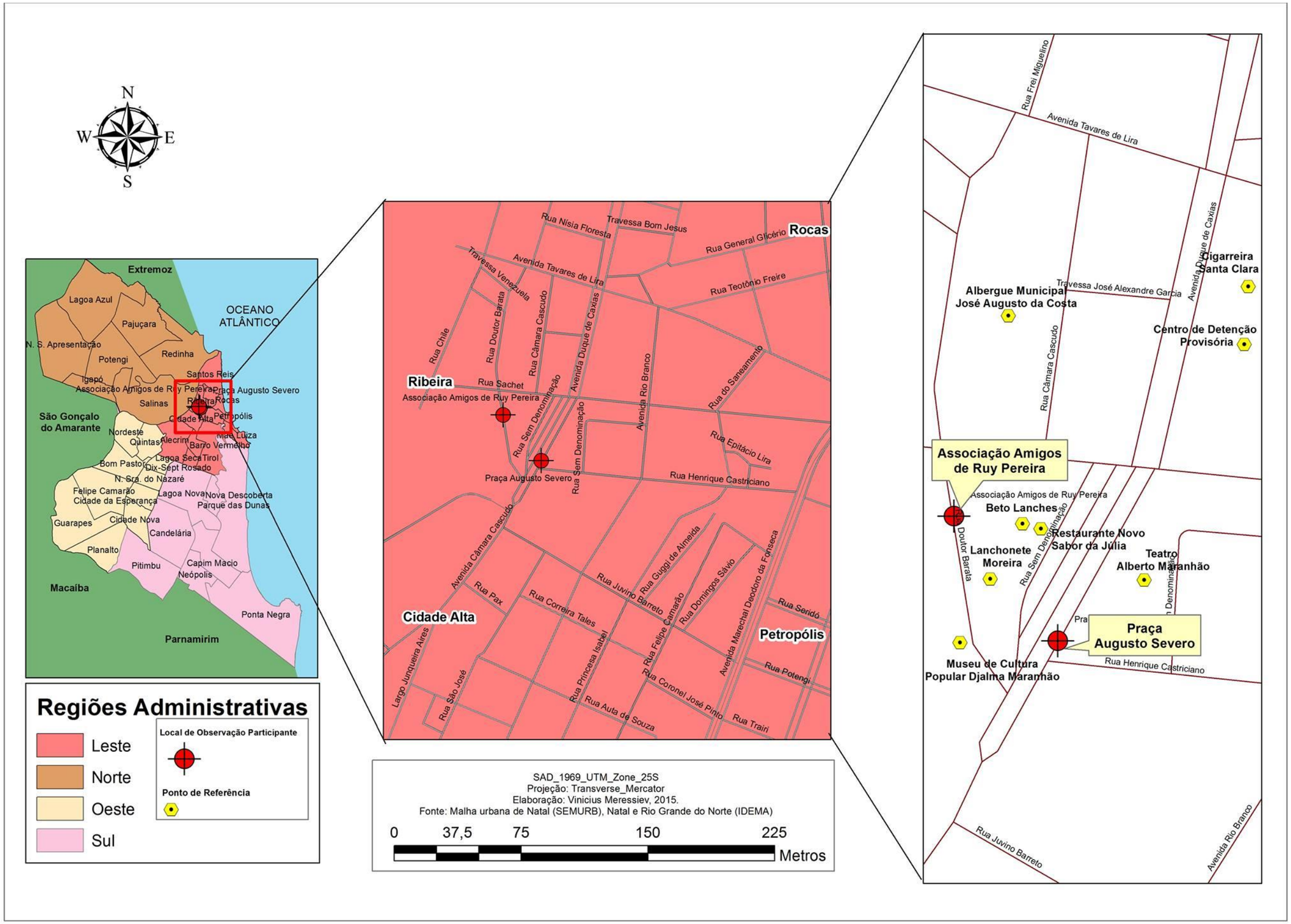
[44] Localizado no bairro Barro Vermelho, região Central da Cidade.

Em um *segundo momento* da pesquisa, após conhecer Vanilson Torres e ter sido informada sobre o trabalho desenvolvido pelo CRDH junto à população em *situação de rua* na cidade, retomei minhas investigações empíricas em novos lugares, contudo ainda na região central de Natal/RN. Estes locais foram: III) "Praça Augusto Severo" e, simultaneamente, IV) "Espaço Ruy Pereira", local cedido para o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) de Natal realizar encontros, discussões e planejamento de atividades. Próximo a esses dois espaços, durante o maior tempo do meu processo de pesquisa, localizava-se o Albergue Municipal José Augusto da Costa[45], que tem como público alvo pessoas em *situação de rua*.

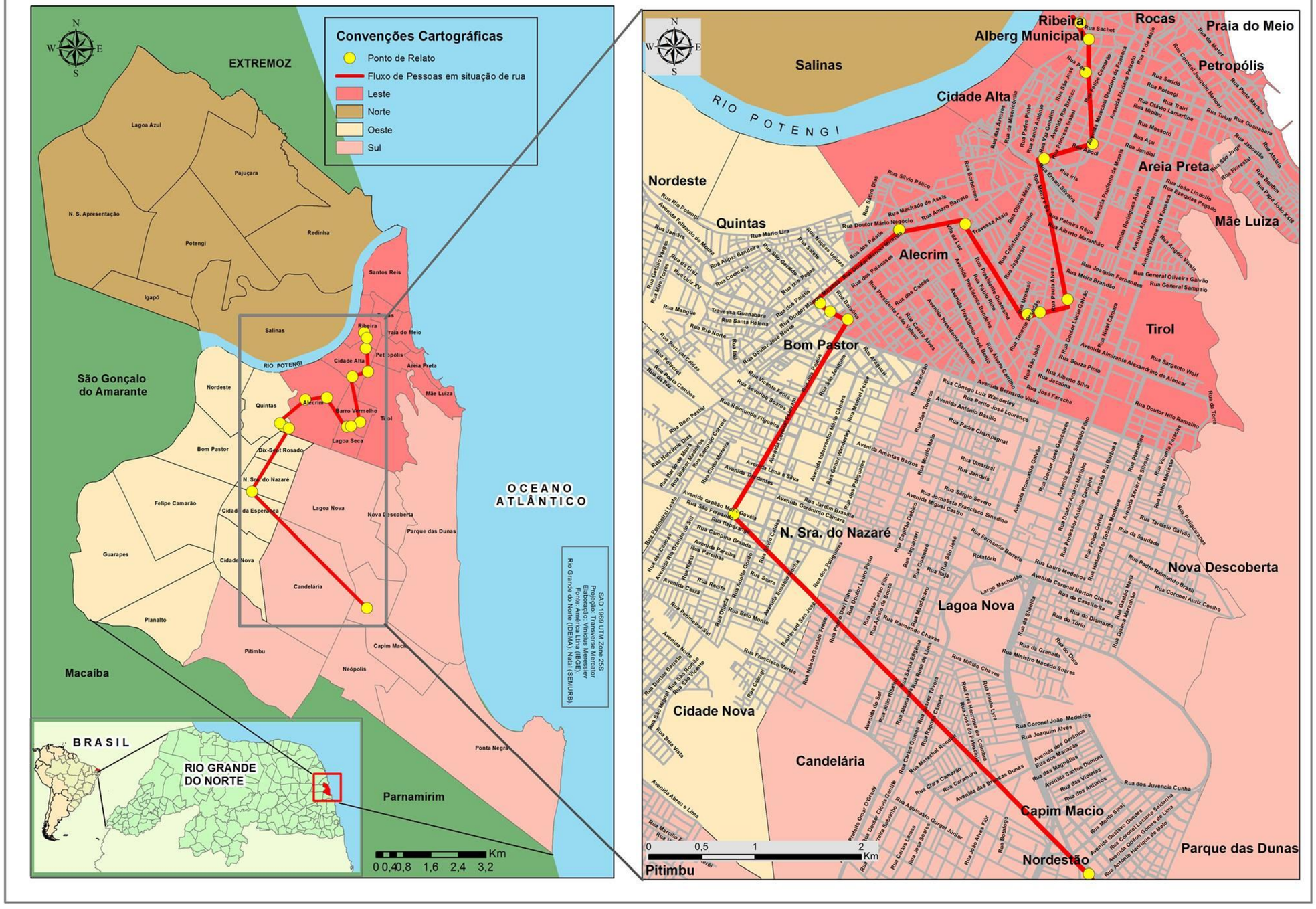
Da janela do "Espaço Ruy Pereira" dá para enxergar a "Praça Augusto Severo" e vice-versa. Já o Albergue Municipal situava-se na rua perpendicular ao "Espaço Ruy Pereira". Diferente do período de pesquisa precedente, em que realizei observação participante durante a noite, neste novo momento a observação participante aconteceu, principalmente, durante o dia. Essa mudança aconteceu em decorrência das novas dinâmicas que se apresentavam, entre elas as reuniões do MNPR que aconteciam semanalmente à tarde; além dos Fóruns, Eventos, Seminários e Audiência pública, que ocorreram também durante o dia. Dessa forma tive a oportunidade de contrastar esses dois momentos do cotidiano – dia/noite.

Na sequência, exponho dois mapas: o **mapa 3** afim de facilitar a visualização dos espaços referentes ao segundo momento de pesquisa; o **mapa 4** para demonstrar o fluxo dos sujeitos em *situação de rua* na cidade de Natal, a partir dos locais que foram mais relatados durante a realização desta pesquisa.

[45] Recentemente o Albergue Municipal José Augusto da costa foi transferido para outro endereço próximo, localizado no bairro da Cidade Alta.



Mapa 3: Localização – III) Praça Augusto Severo IV) Espaço Ruy Pereira.



Mapa 4: Fluxo de pessoas em situação de rua em Natal/RN

(III) “Praça Augusto Severo”:



Fotografia 10: Praça Augusto Severo – Natal/RN (Fonte: autoria própria).

Essa praça é bastante conhecida entre os residentes da cidade de Natal, pois ao seu redor situam-se o Teatro Alberto Maranhão (TAM), o Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão, o Colégio Salesiano, a Igreja Universal, o terminal com ônibus interurbano, além de um número significativo de prédios públicos (Companhia Brasileira de Trens Urbanos – CBTU; Departamento Estadual de Imprensa – DEI; etc.) e de estabelecimentos comerciais de pequeno porte (como bares, lanchonetes, restaurantes populares, oficinas, lojas de matérias de construção, etc.). Por tais particularidades, esta praça é assiduamente frequentada por uma gama variada de transeuntes, como estudantes e trabalhadores do comércio local e pessoas em *situação de rua*.

Como mencionei anteriormente, durante o maior tempo em que realizei observações participante nessa área o Albergue Municipal localizava-se bem próximo à esta praça, como consta no mapa acima. Esse fato, agregado as especificidades locais, contribuía para uma maior circulação desses sujeitos na praça, especialmente durante o dia. Já a noite o movimento diminui, muitos dormem na calçada da Igreja Universal que fica ao lado, onde podem se proteger contra a chuva, e se sentirem mais protegidos, pois na praça esses sujeitos ficam mais expostos, além dos conflitos com os guardas municipais que ficam no local.

Nota-se nesse espaço que a presença dos homens em *situação de rua* também é predominante em relação às mulheres. Seu José 48 anos e há três anos vivendo nas ruas de Natal, por exemplo, é um deles: *“Durante o dia fico a maior parte do tempo nessa praça e na*

calçada do Albergue Municipal". Edson, 30 anos, disse: *"Levo uma vida tranquila e acho que as pessoas que passam e me veem aqui na praça descansando tem inveja disso"*. A fala de Edson adquire sentido quando pensamos no valor conferido ao trabalho na sociedade capitalista, que consome praticamente todo o tempo dos sujeitos durante o cotidiano, não sobrando espaço para vivenciar momentos de ócio.

Em menor proporção, conheci também mulheres e travestis em *situação de rua* que circulam nessa praça – e arredores. Observei que enquanto alguns aproveitam para dormir nos bancos de pedras de granito, que ficam debaixo de árvores antigas, oferecendo sombra, outros se reúnem para conversar e, ou, compartilhar algumas substâncias, como a bebida e o tabaco, que são mais "toleradas" para o consumo em local tão exposto como é a praça Também tem aqueles que preferem ficar sozinhos, e sem saber o que fazer, veem o dia passar.

Essa praça é muitas vezes utilizada para realização de eventos – shows, exposições, etc – tanto por inciativa do Governo do Estado e Prefeitura, como por instituições privadas. Nas ocasiões em que ocorrem tais eventos, muitos dos que estão por ali, em *situação de rua*, conseguem fazer "bicos" trabalhando temporariamente e informalmente, carregando e montando a estrutura necessária para tais eventos. Além disso, quando ocorre algum espetáculo ou solenidade no teatro (TAM) essas pessoas aproveitam para *"pastorar"* os carros que são estacionados nas mediações e assim angariam algum trocado.

Durante os finais de semana a vida cultural noturna nessa região é mais intensa, o que propicia tanto possibilidades de *"bicos"* também à noite, como uma oportunidade de ouvir uma música, conseguir um gole de bebida alcoólica e outras substancias psicoativas que geralmente são consumidas nessa área. Algumas pessoas em *situação de rua* aproveitam essas ocasiões como um momento de lazer. Já observei inúmeras vezes pessoas nesta *situação* dançando em frente a casas de shows e bares da região; pegando latinha de cerveja jogada no chão e ingerindo os últimos resquícios da bebida – outros apenas catam para reciclagem. Já presenciei também alguns recebendo cigarro ou *"baseado"* como pagamento por ter vigiado um carro, entre outros fatos.

Em agosto de 2013, aconteceu nessa praça o I Ato da População em Situação de Rua, que contou com a presença da coordenadora nacional do MNPR. Várias representações foram convidadas, como: comissões de direitos humanos da OAB/RN, Conselho Regional de Psicologia (CRP), vereadores, deputados, entre outros. Este ato teve como objetivo levantar e

encaminhar algumas reivindicações do MNPR além de conferir visibilidade as pessoas em *situação de rua* que ali estavam presentes, oportunizando se expressarem e serem ouvidas.

Esse foi um dia em que tive a oportunidade de intensificar minhas investigações empíricas na praça. Aproveitei para conversar com algumas lideranças do MNPR e com pessoas em *situação de rua* que estavam no local observando com curiosidade o movimento por causa do ato.



Fotografia 11: Coordenadores do MNPR no I Ato do MNPR/RN na Praça Augusto Severo, Natal/RN. (Fonte: autoria própria)



Fotografia 12: Pessoas em *situação de rua* no I Ato do MNPR/RN – Praça Augusto Severo. (Fonte: autoria própria)

Ao final do evento foi marcante para mim o momento em que uma pessoa em *situação de rua* alcoolizada e com uma bengala na mão, por conta da deficiência física na perna, pega

o microfone e diz: *"eu não sou uma pessoa que tem algo a oferecer a vocês, mas a minha experiência, quiser escutar você escute vei! Aos seus ouvidos... eu tenho uma latinha, tem para mim e para vocês... eu tenho um cachimbo..."*. Nessa parte cortam o som do microfone, mas ele continua segurando-o, mesmo desligado, e segue falando sobre a latinha e o cachimbo, objetos que fazem menção ao uso do crack – substância de uso muito recorrente entre os sujeitos em *situação de rua.*



Fotografia 13: Homem em *situação de rua* no I Ato do MNPR/RN - Praça Augusto Severo, Natal/RN. (Fonte: autoria própria).

As pessoas pediam para ele parar de falar, e tentavam desviar a atenção que incialmente tinham dado a ele. Outra pessoa chega querendo pegar o microfone desligado da mãe dele, todavia ele continua cantando uma música, como se falasse consigo mesmo, pois seu olhar não foca em lugar algum. Ele finge que não percebe que os outros não lhe dão atenção, ou talvez já esteja acostumado a ser ignorado. Lembro que enquanto todos ficavam constrangidos, talvez por medo daquela situação deslegitimar o ato que estava acontecendo, Maria Lúcia pediu para o deixarem falar, para que ele pudesse expressar sua realidade.

Percebi que até naquele momento, onde se discutiam sobre a invisibilidade que este grupo populacional sofre, a maioria das pessoas ficou constrangida ao vê-lo naquela situação e preferiram ignora-lo e cortar sua voz, o que reificou a invisibilidade social que todo o grupo populacional em *situação de rua* vivencia cotidianamente. Ainda com o microfone na mão e

sentado no chão ele continua a falar, até que ligam o som novamente, e ele canta: *"Viva, viva, viva a sociedade alternativa!"*. Andrea, também em *situação de rua*, coloca o braço no ombro dele e começam a cantar juntos.

Assim como fiz em outros *pedaços*, nos dias de encontro do Movimento da População de Rua (MNPR), que aconteciam semanalmente no "Espaço Ruy Pereira", eu procurava chegar mais cedo do que o horário combinado para poder conversar. Nessa praça, assim como em outras localidades e esferas onde pude realizar observação participante, o mais importante foi poder ouvi-los atentamente e fazer as anotações posteriormente, pois sabia que eu poderia não os encontrar mais.

Nem todos que estavam na praça participavam das reuniões do MNPR. Ao longo desses diálogos percebi que, em meio a particularidade de vida de cada um, eles traziam questões muitas vezes comuns aos que eu já havia escutado em outros lugares, como: as perambulações constantes e intermitentes pela cidade, contextos familiares conflituosos; o uso de substâncias como o fumo, a bebida e psicoativos; os casos de conflitos e estigma vivenciado nas ruas e nas instituições por onde passavam; os locais que costumam dormir e se alimentar; como praticam a higiene pessoal, entre outros fatos e situações.

IV) "Espaço Ruy Pereira" (Espaço de reuniões do MNPR):



Fotografia 14: Fachada do "Espaço Ruy Pereira" – Natal/RN. (Fonte: autoria própria).

A participação de pessoas em *situação de rua* nos encontros acontece de forma irregular – devido a própria realidade instável vivenciada na rua – no entanto, com o passar do tempo, algumas pessoas foram se envolvendo mais e frequentando as reuniões com maior constância. Alguns acontecimentos (como os atos públicos que ocorreram, bem como as viagens[46] para outros estados) contribuíram para o envolvimento de alguns sujeitos em *situação de rua*, como também despertou o desejo de outras pessoas que vivenciam esta situação a integrar e colaborar junto ao movimento.

Essas reuniões acontecem com o intuito da população em *situação de rua* poder se colocar e reivindicar seus direitos. Mas como fazer isso, se é difícil suprir as necessidades básicas particulares? Durante as reuniões os moradores em *situação de rua* aproveitavam para desabafar suas histórias de vida, suas dores e seus desejos. Requisitavam ajuda diante algumas situações específicas. Denunciavam alguns casos de violência e violações. O que mais me impressionou foi perceber a forma articulada que esses sujeitos apresentam a realidade vivenciada.

Apresento, a seguir, algumas fotografias que registrei durante a observação participante no espaço Ruy Pereira e demais lugares onde houve movimentações do MNPR/RN:

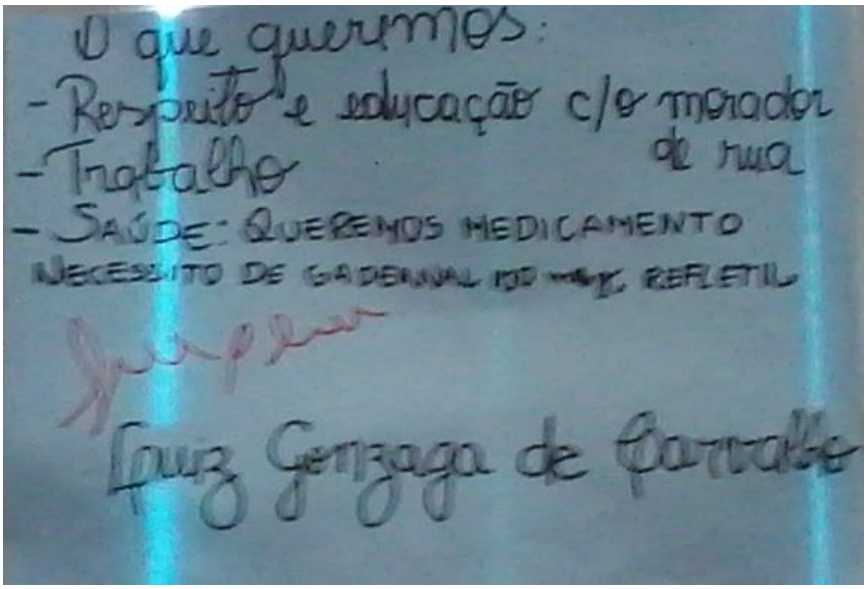


Fotografia 15: Dinâmica realizada com pessoas em *situação de rua* no espaço Ruy Pereira (1). (Fonte: autoria própria).

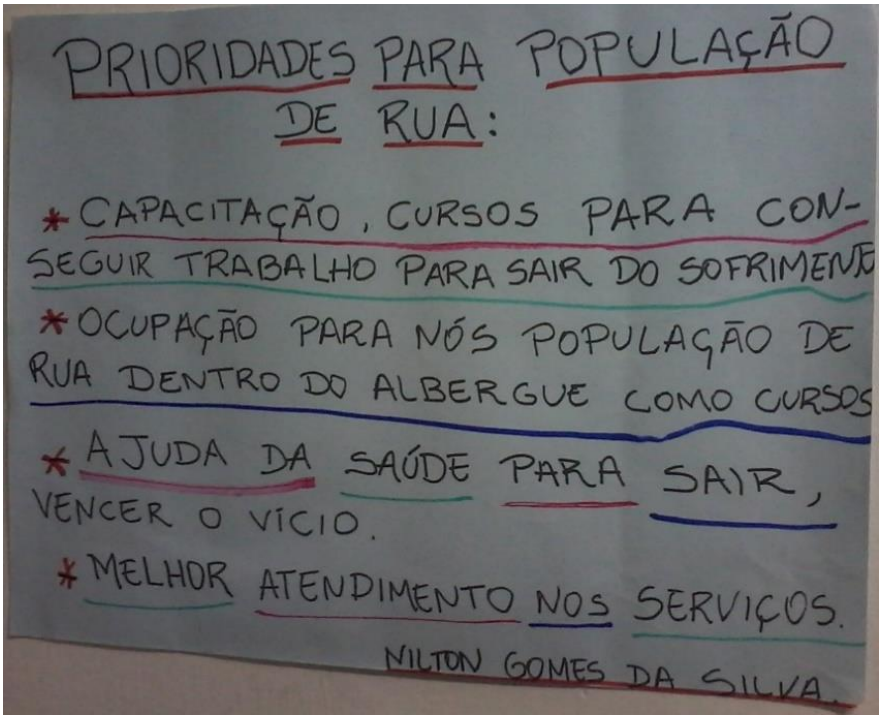
[46] Por exemplo, houve uma viagem para Curitiba, para discutir políticas públicas, em que foi uma delegação de dez moradores em *situação de rua* da cidade de Natal, apesar das dificuldades que houve para isso se tornar possível.



Fotografia 16: Dinâmica realizada com pessoas em situação de rua no espaço Ruy Pereira (2). (Fonte: autoria própria).



Fotografia 17: Cartaz elaborado por pessoas em *situação de rua* para o I Seminário Potiguar de População em Situação de Rua em Natal/RN (1). (Fonte: autoria própria).



Fotografia 18: Cartaz elaborado por pessoas em *situação de rua* para o I Seminário Potiguar de População em Situação de Rua em Natal/RN (2). (Fonte: autoria própria).



Fotografia 19: Comemoração dos aniversariantes do mês no espaço Ruy Pereira. (Fonte: MNPR/RN)



Fotografia 20: II Ato do MNPR na Praça dos Três Poderes, em Natal/RN – 19 de agosto de 2014.

Por fim, gostaria de dizer que pretendi expor neste capítulo fragmentos da minha trajetória em campo, bem como procurei registrar situações que poderão contribuir no desenvolvimento das partes seguintes.

CAPÍTULO 4



Fotografia 21: Os pés – suporte para o cotidiano de sobrevivência no *meio da rua.* (Fonte: domínio público)

O Andarilho.

[...] Meu nome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
[...] Para crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papeis usados.
[...] A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
[...] Eu pertenço de andar totalmente.

(Manoel de Barros)

4 NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS

> Tenho 43 anos ... briguei com a mulher e sai de casa ... já faz uns 8 anos que vivo nessa situação... perdi o contato com meus filhos ... tenho 2 filhos ... Nasci em São Luíz/MA e tô em Natal faz uma semana ... já passei por muitos cantos... Fortaleza, Mato Grosso, Salvador, Recife, João Pessoa, agora Natal .... Cheguei aqui e perdi meus documentos .... Me sinto muito triste (...) já tive vontade de me suicidar. Já trabalhei de carteira assinada como cozinheiro, mas hoje é difícil conseguir alguma coisa né?! Não tenho endereço fixo ... Mas eu me viro .... No começo eu achava bom ... conheci muitos lugares ... mas muitas vezes fico triste. Já fiz muitos amigos e inimigos, quem vive na rua tá sujeito a qualquer coisa ... tem que lidar com todo tipo de gente ... eu não vou mentir pra você que não uso drogas. Já procurei ajuda, já andei muito procurando tratamento ... mas é difícil a pessoa não ter uma ocupação... não gosto de ficar sem fazer nada, tem horas que dá uma agonia na mente ... mas nem todo mundo que tá na rua usa drogas, tem gente que passou a usar quando chegou na rua ... Não gosto de ficar no albergue, teve uma vez que não me deixaram entrar por que eu tinha bebido. Mas nem tava embriagado ... não deixaram de ruindade, tava até chovendo no dia. Já me acostumei a ficar na rua, mas se eu tivesse um emprego certo eu não tava na rua não ... não sou vagabundo, sempre me ocupo fazendo alguma coisa ... cato latinha, flanelo, sei cozinhar ... todo mundo sabe fazer alguma coisa ... mas acham que todo mundo que tá na rua é malandro ... (Luís Neto[47]).

O depoimento acima é um entre as inúmeras narrativas que registrei durante meu percurso em campo, com as pessoas em *situação de rua* na cidade de Natal/RN. Como apresentei no capítulo anterior, circulei por alguns espaços com o objetivo de poder captar seus discursos e perceber possíveis situações que me revelariam sobre o cotidiano vivenciado na rua, bem como as decorrências deste modo de vida. Por causa da entrada privilegiada que tive no campo – através do Consultório de Rua e, em seguida, por meio de articulações com o CRDH e o MNPR/RN – sempre fui muito bem recebida.

Devido ao fato dessas pessoas experienciarem um cotidiano marcado pelo isolamento social, decorrente do estigma e perda de diversos vínculos sociais – circunstância constantemente relatada e aqui evidenciada na fala de Luís Neto – a minha escuta e olhar atento para esses sujeitos significava um momento de visibilidade em suas vidas - que se estenderá através deste trabalho – como também uma oportunidade de reconstituir sentidos para a sua trajetória (FRANGELLA, 2009) à medida que a memória é acionada durante produção do discurso.

[47] Depoimento feito durante pesquisa de campo na Praça Augusto Severo.

Trazer tais relatos para esta pesquisa é como montar um quebra-cabeça extenso, que não tem propriamente um modelo padrão, pois se tratam de narrativas diversificadas, apresentadas de maneira fragmentada e por vezes repetitiva, entrelaçando e trazendo à tona lembranças, sentimentos e episódios. Houve ocasiões em que tive dificuldade para compreender o que estava sendo dito, por causa da voz baixa, da fala rápida ou pela maneira expressada, além de que tive de lidar com relatos que se contradiziam ou se apresentavam de forma desconexa.

Mas compreendo que tais situações fazem parte do oficio do pesquisador, de garimpar as informações bem como lidar pacientemente com as especificidades do contexto trabalhado e as limitações dos envolvidos. É nesse sentido que Sarah Escorel (1999), ao analisar trajetórias de exclusão social por meio de uma etnografia com pessoas em situação de rua, coloca que:

> Todo o trabalho [do pesquisador] é o de um restaurador que não conta com todas as peças do objeto quebrado e é levado a intuir reentrâncias, saliências, a partir de outras experiências, outros campos (SILVA E MILITO APUD ESCOREL, 1999, p. 98).

Muitas questões são enunciadas ao longo das narrativas, sendo algumas muito recorrentes, como: as interações e conflitos familiares; as andanças na cidade e entre as cidades; o uso de álcool e substâncias psicoativas; as situações de estigma, violência e violações dos direitos; as enfermidades do corpo e da mente; a necessidade de ocupar-se de alguma maneira e os meios de viração – "*Mas eu me viro*" – que desenvolvem na rua para poder sobreviver. As histórias são contadas, em geral:

> [...] em uma cronologia irregular, costurando fatos que parecem trazer a essas pessoas uma inteligibilidade para o seu deslocamento [...] Ainda que essas narrativas revelem uma heterogeneidade de circuitos anteriores à situação de rua, o reconhecimento da passagem para esta se faz quase sempre da mesma maneira" (FRANGELLA, 2009, p. 32/33).

Sarah Escorel (1999) se refere em sua pesquisa a uma "história de perdas" definida por Girola (1996), que são histórias sucintas, geralmente elaboradas de maneira semelhante como "perda do trabalho, divórcio, perda da moradia, o álcool, a rua". São histórias que tem como ponto de partida um "grande acontecimento, o dia em que tudo desmoronou e o elemento

comum era sempre a perda, o abandono". Entretanto, ao deslocar-se com os sujeitos da pesquisa entre os espaços urbanos Girola (1996) observou que, paralelo a "história de perdas" existe também uma "história adaptativa", expressada pela habilidade em encontrar soluções de sobrevivência diante situações de extrema dificuldade.

Tendo como base a minha observação e os depoimentos que registrei durante as conversas informais estabelecidas ao longo do processo de pesquisa, pretendo neste capítulo tratar sobre as principais questões que permeiam o cotidiano dos sujeitos que vivenciam a situação de rua: o nomadismo; as estratégias de sobrevivência e práticas de viração: alimentação, banho, necessidades fisiológicas, trabalho; o uso de substâncias psicoativas, bem como as situações de estigma, violência e violações dos direitos que perpassam esse cotidiano.

4.1 A CIRCULAÇÃO INTERMITENTE NA CIDADE E ENTRE AS CIDADES: VIDAS *NÔMADES* URBANAS.

> Sai de casa com 20 anos, hoje eu tô com 36. Sou da Paraíba, João Pessoa. Eu vivo aqui (numa calçada da av. Alexandrino de Alencar) e Ponta Negra né?! Aqui e lá, lá e cá. Fico um tempinho aqui, aí quando eu vejo que tá muita covardia, ai eu pego e vou para o lado de lá, depois volto para o lado de cá, tá entendendo?! É assim. (Alexandro Gomes)

Alexandro Gomes expõe uma prática que permeia todo o cotidiano de sobrevivência dos sujeitos que estão em *situação de rua*: o *nomadismo.* O ato de deslocar-se incessantemente *"aqui e lá, lá e cá"* desempenha e atribui um caráter muito particular ao modo de vida desses sujeitos, quando os relacionamos a sociedade sedentária (MAGNI, 1995) e as representações desse universo, portador da lógica de domesticação do meio urbano, no que se refere à regulação do tempo, dos espaços e práticas subjacentes.

O movimento itinerante acontece tanto pela busca incessante de recursos para sustentar a própria vida – comida, abrigo e segurança, oportunidade de realizar um *"bico",* locais apropriados para satisfazer as necessidades fisiológicas e de higiene, como tomar um banho e lavar a própria roupa, etc. – como também é decorrente das expulsões constantes dos

lugares onde repousam. Dessa forma, ao vivenciar a *situação de rua* é necessário apreender as estratégias de sobrevivência possíveis diante o espaço em que vivem – a rua.

Alexandro Gomes, por exemplo, falou sobre as estratégias para tomar banho: "[...] *pronto... amanhã (domingo), é mais fácil tomar um banho, nas torneiras que tem numa clínica, numa loja ... tá entendendo?! E pra tomar banho, meio da semana, tem que acordar às 5 horas da manhã né?! Por que daqui a pouco passa gente no meio da rua, tá entendendo?! Mas geralmente só tem que tomar banho de bermuda, de todo jeito né?! Porque não é fechado né?! É tudo aberto (a rua)...".*

Além de tais questões, a circulação errante é consequência da necessidade em ocupar o tempo, pois muitos relatam que, pela falta de atividade produtiva, em vários momentos não sabem o que fazer e por isso seguem *"sem destino".* Antônio Velho, por exemplo, relatou que a pior dificuldade para quem se encontra em *situação de rua* é a *"falta de afazer"* e acrescentou dizendo que *"se tivesse vaga na Universidade ou curso profissionalizante as coisas melhorariam"*.

Em certa ocasião, enquanto estava sentada na Praça Augusto Severo, conversando com Daniel e Artur, perguntei o que eles tinham a me dizer sobre a vida que levam na rua. Eles ficaram pensativos, e então Daniel disse: *"A rua é uma aventura [...] às vezes a pessoa tem um plano do que vai fazer, que vai numa direção, e quando vê já tá em outro canto, fazendo outra coisa"*; Artur em seguida falou: *" pra você ver, teve um dia que eu fiquei rodando aqui na praça, sem saber o que fazer e acabei voltando para o mesmo canto"***.** Sobre tais questões Sarah Escorel (1999) coloca que:

> Para os moradores de rua, o caminhar cotidiano tem objetivos precisos, e o ponto de chegada é não apenas importante, mas por vezes até vital. Entretanto, há também um caminhar ritual, em que o importante é estar em movimento, no deslocamento que ocupa sua jornada, uma maneira de passar o tempo e evitar conflitos, até mesmo por que não tem onde permanecer (ESCOREL, 1999).

Seu Inácio, que também conheci e conversei na Praça Augusto Severo, em outro momento, disse-me viver na rua por mais ou menos dois anos. Pergunto de onde ele é, e ele me responde*: "Eu sou de Recife. Vim do Recife para Campina Grande, João Pessoa... João Pessoa tamo por aí né?!... até... um dia Deus abençoar e botar eu no canto... por que eu, eu deixei as drogas, né?! Deixei, já faz um ano e quatro meses, graças a deus... Eu vim de João*

Pessoa... passei seis dias. Eu saí na quarta-feira e cheguei segunda, agora... vim sem destino... eu chego nas cidades sem destino.... Assim, como eu quero ir para qualquer lugar.... Eu vou, chego nos cantos".

Seu João, outro sujeito em *situação de rua* que estava ao meu lado enquanto eu conversava com seu Inácio, interrompe a conversa e *diz "Já fui para Santa Catarina e São Paulo, vim a pé e carona... Tô aqui graças a Deus..."*. Em certa ocasião, ao conversar com Vanilson, coordenador do MNPR/RN, ele disse: *"quem tá na rua, não tem essa história de distância, quem tá na rua anda mesmo, e conhece a cidade como ninguém"*.

Assim como seu Inácio, seu João e Vanilson evidenciam em suas narrativas, as pessoas em *situação de rua* caminham muito, circulam praticamente por toda a cidade de Natal e suas adjacências, por vezes estendendo esse deslocamento até outros municípios, como é o caso do seu Geraldo, que vive em *situação de rua* pelas ruas na Zona Sul da capital, mas que eventualmente o encontro transitando em estradas fora da cidade. As caminhadas tomam quase todo o dia e a energia desses sujeitos, geram muito cansaço e dores no corpo, por isso é bastante comum problemas de saúde relacionados à essa pratica, como varizes, inchaço nos pés e dores musculares na perna.

Ainda durante a conversa que tive com seu João ele disse: "*Às vezes, quando eu vou para Parnamirim, eu chego aqui com as pernas tudo assim ó (mostra as pernas tremendo)".* Nesse dia seu João tinha caminhado bastante até chegar ao centro da cidade – local onde estávamos. Ele contou-me que estava muito cansado e pretendia dormir no Albergue Municipal de Natal para a população em *situação de rua.* No entanto, o Albergue encontrava-se temporariamente fechado por falta de água. Seu João ainda tinha esperança de que a situação fosse resolvida logo, para ele poder repousar e recuperar a energia que tinha perdido durante o longo trajeto de caminhada. Seu João falou: *"Se tiver água nós vamos dormir lá. Em nome de Jesus, eu tô pedindo a deus para descansar... por que o corpo da gente se sente pesado"*.

Desse modo, ao constituírem suas experiências cotidianas caminhando pelas ruas na cidade e entre as cidades, essas pessoas estabelecem uma relação com o espaço urbano de maneira bem particular. Esses deslocamentos são realizados em sua maioria a pé, primeiro pelo motivo mais evidente, que é o desprovimento de recursos para utilizar qualquer outro meio de locomoção que não seja o próprio corpo, segundo porque também vivenciam

rotineiramente situações de estigma ao fazerem uso de transporte público, quando possível. Aqui segue alguns depoimentos sobre a questão:

> Tenho 22 anos, sou solteiro, evangélico e sei ler e escrever. Cursei até o 1° ano do ensino médio e nasci em Cerro Corá (RN). Estou a quase dois anos em situação de rua. Estou nessa situação por causa do uso de drogas e por não ter uma renda para me manter fora da rua. **Já fui impedido de entrar em estabelecimento comercial e transporte público** (João Lázaro).
>
> Tenho 25 anos, sou evangélico, estou solteiro e sou alfabetizado. Cursei até a 5° série. Já fiz curso de "promoção de vendas" no SENAI em Ilhéus (sul da Bahia). Também fiz o curso básico de teologia no IDERP. Sou de Ilhéus. Estou em Natal a pouco tempo e em situação de rua a 3 anos. Já cheguei a morar em Belo Horizonte/MG, além de vários outros estados, que são tantos que não vou citar. **Uma coisa muito comum é as pessoas me olharem feio no supermercado, loja, transporte coletivo e shopping** (Marcos Vinicius).
>
> Tenho 23 anos, sou negro, não tenho religião, sou alfabetizado e sou solteiro. Estudei até a 7° série/ 8° ano. Nasci em Extremoz (RN), mas vivi toda a minha vida, praticamente, em Natal. Estou a 2 anos em situação de rua. Os motivos para eu ter ficado em situação de rua foi o uso de drogas, a perda de vínculo familiar e a falta de condições financeiras. **Teve uma vez em uma van aqui em Natal que me expulsaram com um colega meu porque estávamos de blusão. Expulsaram dizendo: 'Tá com frio é boy?'. Nós já havíamos pago a passagem** (Kaio Rocha).

Diante de tais questões, ao utilizar o próprio corpo como meio principal de locomoção, essas pessoas acabam conhecendo cada ângulo da cidade melhor do que qualquer outro habitante local e é dessa forma que constroem "a partir de baixo" signos identitários marcados por "uma história afetiva e pessoal" na rua. A antropóloga Cláudia Turra, que realizou pesquisa com os *habitantes da rua* coloca que:

> Excluída de um mercado de trabalho rentável, frequentemente sem vínculo ou apoio familiar, induzida a optar por morar em aglomerados subabitacionais ou a viver na rua, esta população acaba por fazer da *mobilidade*, não apenas um período transitório, como ocorre com a migração, mas *uma forma de vida*, mantida ao longo dos anos (MAGNI, 1997, p.1).

Por esta razão, em lugares como Barcelona e Londres existem moradores em *situação de rua* sendo contratados como guias turísticos, através de projetos de reinserção no mercado de trabalho. Os circuitos turísticos realizados por essas pessoas privilegiam mostrar o mapa afetivo destes com a cidade, passando por esquinas e lugares escondidos que geralmente são desconhecidos:

> Quem nos procura não quer saber, por exemplo, a diferença entre o Gótico barcelonês e o Gótico francês, essa informação está na web e na biblioteca. Aqui a história é contada a partir do coração. Fazemos turismo responsável (**Ramón Holgado, 64 anos[48], em situação de rua)**

A intensidade dessa circulação varia conforme as condições diversificadas de ajuste desse segmento social ao espaço urbano (FRANGELLA, 2009), como por exemplo as condições climáticas; a realização de eventos e possibilidade de rendimento através da coleta de lixo; o aumento da visibilidade do local; os dias da semana e respectivos horários – do abrir e fechar das lojas, da distribuição de comida e doações nas instituições diversas, etc.

As situações de violência e disputa também favorecem a itinerância, como consta na fala de Alexandro Gomes, quando ele vê que *"tá muita covardia"* em determinado lugar, ele se desloca para outro canto. Assim como ele, tantos outros precisam se deslocar constantemente devido à ameaças e brigas que acontecem entre o próprio grupo que vive em *situação de rua*. Muitas pessoas relataram não frequentar determinadas áreas da cidade por causa da existência de alguns inimigos, como é o caso de João Neto, 33 anos e 24 vivendo nas ruas, com quem pude conversar na calçada da Miranda:

> Vim pra rua com 9 anos ... hoje eu tô com 33 ... nasci aqui em Natal mesmo. Fico aqui, em Ponta Negra e no Nordestão (supermercado) aí... A maioria eu fico aqui, ou fico em Ponta Negra... tem um grupo em Ponta Negra, outro alí em frente a CEASA .... Eu fico mais em Ponta Negra, eu venho mais aqui pra pegar comida... Em cada canto tem uns grupos, aí uns já tinha raiva dos outros... aí vai ... uns as vezes pega dormindo, dá uma pedrada na cabeça, amassa a cabeça da pessoa ... vários tem a cabeça amassada já ... em Candelária, em Ponta Negra tem uns já disso aí .... Não dormi no albergue nenhuma vez .... o povo fala mas eu nunca fui não, não gostei não ... nunca fui não ... e só tem esse do lado de cá, e eu tenho uns inimigos pra cá, aí eu não vou não ... Ponta Negra não tem nenhum (albergue), parece que só tem um do lado de cá, aí eu tenho uns inimigo por lá aí eu não vou não... Se tivesse em Ponta Negra muitos iam em Ponta Negra também (João Neto)

Por medo de se envolver com brigas e mal-entendidos na rua, muitos me relataram que evitam conversar com outros que estão na mesma situação. No entanto, existe àqueles que como Edson, que acha melhor ser cordial para preservar-se: *"a pessoa em situação de rua tem que se relacionar com todo mundo: bandido, prostituta, psicopata ... até com quem não quer. Se eu não falar podem fazer o mau comigo depois".*

[48] Disponível em: http://www.oultimoblog.com.br/tag/guias-turisticos-moradores-de-rua/

Ao mesmo tempo em que a circulação pela cidade, ou entre a cidade, é prática rotineira entre as pessoas que vivem na rua, na tentativa de arranjar uma ocupação ou mesmo algo que lhe garanta a sobrevivência e satisfação das necessidades básicas, esses deslocamentos contínuos refletem um cotidiano de instabilidades e desintegrações. Claudia Turra Magni (1997), ao fazer referência ao termo *trecheiro,* utilizado por alguns moradores em situação de rua para se auto designarem, coloca que:

> O termo *trecheiro* [...] é bastante sugestivo: refere-se àquele que vive no "trecho", parando nos caminhos e se deslocando com muita frequência. No constante recomeço, em que quase nada é estável ou permanente, a fragilidade de seus vínculos com o trabalho, a família, a moradia, revelam uma vida marcada pela fragmentação (MAGNI, 1997:01).

Através dos depoimentos dos sujeitos dessa pesquisa, pude perceber que cada um estabelece um trajeto de circulação para atender as demandas diárias, como por exemplo: para alimentar-se; para conseguir algum trabalho que geralmente é informal; para tomar banho e lavar a própria roupa; para encontrar-se com os amigos da rua e poder sociabilizar com outros que estão na mesma situação, para dormir e cumprir suas necessidades fisiológicas e de higiene, etc.

Alguns locais da cidade foram recorrentes nas falas dos sujeitos com quem conversei e por isso percebi esses lugares como partes do circuito. Destaco o Albergue Municipal, o Serviço Social do Comércio (SESC), a Casa do Cidadão, a Praça Augusto Severo (conhecida por praça do Teatro Alberto Maranhão ou praça da Rodoviária Velha) e algumas Igrejas, como os locais mais frequentados durante o dia, como pode ser observado nos fragmentos abaixo:

> [...] Fico no SESC: acesso a internet (só falo com as pessoas que conheci antes quando quero... não falo dos meus problemas e nem eles falam dos deles), leio livros, corto o cabelo [...] (Júlio César).
>
> [...] Fico o dia na praça, na biblioteca do SESC e na Casa do Cidadão procurando emprego [...] (Antônio Velho).
>
> [...] Passo a maior parte do tempo do dia trabalhando, pedindo ou na Igreja Católica São Francisco de Assis [...] (Fernando Vieira).
>
> [...] Fico em muitos lugares durante o dia: praças, sinaleiras, estacionamento, rodoviária, ponto de ônibus, calçada em frente a comércio e pelas ruas perambulando [...] (Marcos Vinicius).
>
> [...] Passo a maior parte do tempo em estacionamentos e bares (Fernando).

> [...] Durante o dia fico a maior parte do tempo na praça do Teatro Alberto Maranhão e na calçada do Albergue Municipal (José Edson).
>
> [...] Durante o dia fico em praças e em abrigos, bibliotecas públicas e alguns lugares com internet grátis (Adelal).
>
> [...] Durante o dia fico na praça da Rodoviária Velha e na mercearia de um amigo (Antônio Marcos).
>
> [...] Eu passo o tempo durante o dia lavando carro em um Lava Jato de um amigo do meu marido ou vendendo algumas coisas; na calçada do albergue e na Igreja Cristolândia na Rio Branco (Flaviana Silva).
>
> [...] Durante o dia fico em praças, pontos de ônibus, calçadas e perambulando (Diego Correia).

Para satisfazer as necessidades fisiológicas, os lugares mais recorrentes foram o albergue, casa de amigos ou parentes, terrenos baldios, rio, e banheiros públicos, como pode ser observado nas narrativas que seguem:

> [...] Quando eu preciso fazer xixi, cocô e tomar banho eu uso o albergue, a casa da minha filha, que também é minha e a rua (Aline).
>
> [...] Para fazer xixi e cocô e tomar banho uso o albergue, a rua ou algum camelô na cidade alta (João Lázaro).
>
> [...] Para fazer as necessidades fisiológicas básicas utilizo a rua/mato, o albergue e a casa de parentes ou amigos (quando viajo para Açu) (Fernando Vieira).
>
> [...] Faço as necessidades básicas no rio, no mato, construção... (Marcos Vinicius).
>
> [...] Faço minhas necessidades básicas no estacionamento de uma loja de carro, na Coronel Estevão (Kaio Rocha).
>
> [...] Utilizo bastante o banheiro da Rodoviária Velha, além do Albergue e de terrenos baldios (Marcela).
>
> [...] Para fazer as necessidades fisiológicas uso o albergue, a rua ou pago no Posto de gasolina para deixarem eu usar o banheiro (5 reais) (Fernando).
>
> [...] Quando preciso uso o mato, embaixo do viaduto, o banheiro público da praça do Teatro e o Albergue (José Edson).
>
> [...] Quando preciso fazer minhas necessidades fisiológicas vou nos bares, albergues e abrigos (Adelal).
>
> [...] Para fazer minhas necessidades fisiológicas utilizo o amigo da mercearia (para fazer xixi), o banheiro público da Rodoviária Velha, algum canto reservado ou o Albergue (Antônio Marcos).
>
> [...] Utilizo a rua, um prédio abandonado e um banheiro público perto dos camelôs no Centro da Cidade. Para fazer as necessidades não paga. Já para tomar banho paga 2 reais. Atualmente também uso o banheiro do albergue (Edson Silva).
>
> [...] Eu uso o Lava jato do amigo do meu marido para fazer as necessidades fisiológicas. Ele libera para mim e meu marido usar porque trabalhamos lá (Flaviana Silva).
>
> [...] Eu uso o banheiro do Albergue, da Casa do Cidadão, no SESC e qualquer restaurante também que deixe (Antônio Velho).

Quanto aos locais de alimentação o Albergue Municipal, e os restaurante *"Barriga Cheia"* (restaurante popular) figuram como espaços principais no circuito dos sujeitos em *situação de rua* na cidade de Natal. No entanto, o Albergue é um recurso oferecido apenas à noite, e mesmo assim não consegue dar conta de todos os sujeitos em *situação de rua*, pelo número limitado de atendimentos. Dessa forma, esses sujeitos precisam descobrir outros locais mais propícios para conseguirem se alimentar:

> Vou ao restaurante Barriga Cheia no Alecrim. Consigo comer três vezes ao dia ... já cheguei a ficar sem comer algumas vezes, ou só comi umas duas vezes (Kaio Rocha).
>
> Se nesse dia não tivesse achado uma laranja no lixo não tinha matado minha fome (José Edson).
>
> Já fiquei várias vezes sem comer porque tenho vergonha de pedir (Ricardo Teixeira).
>
> Às vezes tenho dificuldade de conseguir comida quando peço (Edson Silva).
>
> Consigo comer duas vezes, geralmente, mas algumas vezes já passei o dia todo sem comer (Aline).
>
> Eu como nas casas, tem que pedir nas casas...aqui não tem dinheiro pra comprar né?! Eu não vivo roubando, né?! Não tem um estacionamento certo, um trabalho certo né?! Aí o único recurso é pedir nas casas (Alexandro Gomes).
>
> As vezes não como nada durante o dia, mas a maioria das vezes consigo comer três refeições (Marcos Vinicius).
>
> Você acha que vivemos de quê? Aproveitamos o que vocês jogam fora! Sabe aquela biscoite que você não quis comer e passou da validade e jogou no lixo? Eu abro o saco e pego (Lucas)

Alexandro Gomes contou que no domingo é mais complicado para conseguir comida, pois o comércio é fechado e, segundo ele *"a maioria vai pra praia, pra casa de uma família.....mas tem os parceiros que quando descobre comida em algum canto repassam a informação...ou então encaminha pra cá".* Sarah Escorel fala sobre uma *rede de sobrevivência*: "Informações relativas à rede de sobrevivência são compartilhadas entre os moradores, e vários relatos reiteram que depois de um tempo na rua aprenderam onde distribuíam comida" (ESCOREL, 1999, p. 229/230).

Através da *rede de sobrevivência* que existe entre os sujeitos em *situação de rua* são compartilhadas não só informações referentes à alimentação, como também referentes à questão de locais de abrigo. Ao conversar como seu João, perguntei como ele ficou sabendo sobre o ato que ocorria na Praça Augusto Severo, realizado pelo MNPR. Seu João não me

responde exatamente o que eu queria saber, preferiu falar sobre como ficou sabendo do Albergue:

> Foi que eu tava lá no Alecrim andando por lá e conheci um menino de rua também avisado... desse albergue aqui, que é só uma pessoa só pra o jantar, dormir, tomar café e ir de dia, ir procurar o que fazer né, um documento ... procurar as melhora, pronto, que a gente possa sobreviver né? Fazer união e conhecer vocês também, pra poder, cada vez mais, trazer força pra gente né?! (João)

Segundo Claudia Turra Magni (1995) por se constituir apenas como espaço de pernoite, e não de moradia, os Albergues Municipais tornam-se mais um estímulo à mobilidade, apesar de configurar uma alternativa emergencial de abrigo:

> A apresentação de documentos exigida por alguns deles, a proibição da entrada de pessoas drogadas ou alcoolizadas, o veto ao uso de bebidas, drogas e fumo, e à aproximação entre sexos no pernoite são alguns dos motivos que desestimulam muitos moradores de rua a procurarem albergues (MAGNI, 1995, p. 12).

Cristina, por exemplo, relatou que não costuma dormir no albergue *"No albergue disseram que eles puxam a ficha da pessoa, por isso eu não vou lá mais não. Também não gosto daquele povo que dorme lá"*. Fernando, outro sujeito nesta mesma situação falou: *"Já fui impedido de entrar no albergue quando eu tava bêbado"*. Vanilson, coordenador do MNPR/RN disse: *"Nos sentimos como gados ao entrar no albergue, pois o albergue não tem estrutura nenhuma"*. Apresento abaixo algumas narrativas dos sujeitos em *situação de rua* sobre o local onde costumam dormir:

> Durante a noite vou para o Albergue (no começo também frequentei hotéis baratos). Tratam a gente como se estivéssemos em uma prisão. Muito autoritarismo dos educadores (Júlio César).
>
> Costumo dormir em terrenos baldios e no Albergue Municipal (Fernando Vieira).
>
> Durmo com mais frequência em praças e no albergue. Também costumo dormir dentro do mato em Natal e ficar observando o céu (Marcos Vinicius).
>
> Eu costumo dormir na calçada de alguma loja na Alexandrino de Alencar e no albergue (Kaio Rocha).
>
> Durmo com mais frequência no Albergue e nos camelôs do Alecrim (Fernando).
>
> Em casa e prédios abandonados, albergues e abrigos (Adelal).

> Durmo em praças, calçadas ou na casa de amigos. Há pouco tempo estou dormindo no albergue. Isso está sendo muito bom porque já fiquei três dias sem comer, só bebendo água (Antônio Marcos).
>
> Desde que cheguei aqui durmo no albergue (Antônio Velho).

Embora tais relatos mencionados acima cite o Albergue Municipal como espaço onde costumam dormir, existem muitos sujeitos que preferem repousar em outros locais, e isso deve-se, entre os diversos motivos, pelo fato de que no albergue é proibido a entrada de pessoas que consumiram substâncias entorpecentes – o que contradiz com o cotidiano vivenciado nas ruas.

4.2 USO DO ÁLCOOL, CRACK E OUTRAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

> "(...) Seus amigos são um cachimbo e um cão. Casa de papelão
> Olhos nos olhos, preste atenção. Olha a ocupação
> Não de foice ou faca, esquartejada a alma amarga, amassa lata
> Estoura pulmão
> Toda pedra acaba, toda brisa passa. Toda morte chega e laça.
> São pra mais de um milhão
> Prédios vão se erguer e o glamour vai colher, corpos na multidão
> (...)E quantos segredos não foram guardados nessa maloca?
> Flutuar no céu poluído da cidade e beber toda a sua mentira
> Esperança à míngua, torneira sem água. Moeda? É religião que alicia.
> Vamos cantar para os nossos mortos. Vamos chorar pelos que ficam.
> Orar por melhores dias. E se humilhar por um novo abrigo"
>
> Casa de Papelão
> (Criolo)

A relação íntima entre a vida na rua e a necessidade do uso de substâncias como o álcool, o crack, ou qualquer outra coisa que possa alterar os sentidos, é um tema bastante recorrente durante as conversas que estabeleci com os sujeitos em *situação de rua*[49]. Alexandro Gomes, por exemplo, falou: *"Olha, você não está se drogando, que nem eu não tô agora, mas noventa por cento dos moradores de rua que eu conheço, a maioria usa cachaça e droga, cachaça e droga ... quando chega numa praça (ouve) 'Alex, bora tomar uma', vê já o cara morrendo né?! ... mas não oferece um prato de comida".*

Apesar de que houve algumas pessoas que relataram não fazer uso de tais substâncias, na maioria das falas é marcante o consumo do álcool, do crack e da maconha – sendo as duas

[49] Alguns interlocutores desta pesquisa colocaram essa questão de forma tímida, inicialmente, temendo uma posição de julgamento que pudesse vir da minha parte, no entanto fiz questão de deixar claro que meu posicionamento não era julga-los e sim compreender a realidade vivenciada por eles nas ruas.

primeiras de mais fácil acesso devido ao custo menor – como é demonstrado pelas seguintes mulheres:

> Faço uso de maconha, crack e cigarro (Aline).
>
> Já faz três dias que não durmo porque estava bebendo. Eu já usei crack, hoje uso mais não. O crack é hóstia do cão (Cristina).
>
> Uso álcool, crack, cocaína, cigarro, cola e bomba (mistura de cachaça com Rivotril) também conhecida por Maria Louca. Já fui controlada pelas drogas. Hoje em dia eu me controlo mais. Nos últimos tempos estou indo ao CAPES, porém atualmente estou esperando me inserir novamente, pois precisei faltar algumas vezes e perdi a vaga (Marcela).

Diego, 28 anos, relatou-me que faz uso de crack, mas que prefere a maconha, no entanto esta seria mais cara e mais difícil de conseguir. Diego disse que consome essas substâncias em alguns momentos, como uma forma de *"preencher o tempo"*. Segundo Diego, quando ele, ou os demais usam o crack, geralmente não aparecem para pegar o *"sopão"* que é distribuído ao lado da Catedral – local onde o conheci. Ele disse que fica *"mais ligado"* e que não sente tanto apetite. Fato confirmado também por Edson Silva, 30 anos: *"Já cheguei a ficar 4 dias sem comer fumando crack. Não dá fome".*

Esse estado de maior atenção, descrito por Diego, ao usar o crack, pode ser interpretado também como uma maneira de autoproteção, em certa medida, pois, de acordo com Diego, quando eles dormem estão expostos à violência, que pode ser praticada por outro morador em *situação de rua* – quando existe alguma rixa, ou disputa – ou ser realizada por outras pessoas que o enxergam com *"maus olhos"*. Atentos, conseguem proteger seus bens mais importantes, que são os documentos pessoais, segundo as palavras de Diego. No entanto, Diego disse que se tivesse oportunidade, preferia não fazer uso do crack, mas, segundo ele *"na rua é difícil, sempre tem uma alma sebosa que chega oferecendo, acabamos sentindo necessidade".*

Segundo dados da pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) dentre as 223 pessoas em situação de rua estimadas na cidade de Natal – no período de 2007 a 2008 – pelo menos cinquenta e cinco por cento já fez uso drogas[50]. Percebi que as pessoas acima de 40 anos de idade consomem mais o álcool, enquanto os mais novos preferem o crack, além de fazer uso de mais de uma substância ao mesmo tempo. Nicarla, 31

[50] Informação disponível em: http://www.natal.rn.gov.br/notícia/ntc-5182.html

anos e a mais de 10 anos em *situação de rua*, com certa frequência bebe álcool do posto de gasolina que fica próximo à calçada da Miranda, local que costuma frequentar e dormir.

Entre o grande número de pessoas que são usuárias dessas substâncias – no qual é recorrente se autodenominarem como *dependentes* – alguns me relataram ter sido esse uso que motivou a situação em que vivem ou, que, quando o uso já era existente, este passou a intensificar-se na rua. Outros, disseram que se habituaram a consumir essas substâncias durante o cotidiano de sobrevivência nas ruas. Desta maneira, o posicionamento desses sujeitos sobre o uso das *"drogas",* frente à situação vivenciada, aparece em posições distintas "por vezes como um dispositivo que dá início ao processo de vida na rua, em outros momentos, como uma tentativa de atenuar determinadas perdas que levam à rua ou as dificuldades para nela permanecer" (MELO, 2011, p. 43).

Não pretendo aqui apontar se o consumo ou não dessas substâncias são causadoras da *situação de rua*. A problemática consiste em compreender qual o papel que esse uso assume, uma vez estando em *situação de rua* e, quais as consequências que esse consumo acarreta, tendo em vista o estigma já sofrido, e a inexistência de políticas da saúde, realmente eficientes, que possam oferecer uma assistência que considere a realidade dessas pessoas, ao invés de criminaliza-las. Quanto a isso, a fala de Maria Lúcia[51] durante a sua participação no I Ato do MNPR em Natal/RN, que aconteceu na Praça Augusto Severo, tem muito a esclarecer:

> 'Ah Lúcia, mas a galera toma um goró disgramado!'. Ah, eu também tomei. Eu bebi durante muito tempo. Mas gente, às vezes a bebida termina sendo nosso escudo. Termina as vezes, sendo a nossa defesa, pra gente não ver a situação desgraçada que tá vivendo. A bebida, muitas vezes tira de nós o medo, a vergonha....tira de nós o frio, a fome...porque quando a gente começa a tomar goró simplesmente, daqui a pouco, para de sentir fome. E diga de verdade, não é muito mais fácil a gente dá uma dose pro amigo do que a gente dá um prato de comida?! É muito mais fácil! Não é muito mais fácil a gente culpar o outro do que culpar a nossa sociedade, ou os nossos governantes?! [...] Nós somos sim pessoas que as vezes fazem uso de substâncias psicoativas... Somos anjos? Não! Somos profanos? Não! Somos seres humanos! Simplesmente seres humanos! Ou você vai me dizer que dentro... é ... da elite da sociedade, não existem pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas? Ou gente que não toma umas duas...só que a diferença é que quem tá na rua toma caninha e quem tá lá em cima toma uísque, mas o teor de álcool é a mesma coisa!

Essa colocação de Maria Lúcia, associada à fala de Diego e Edson Silva, de que o uso das "drogas" é uma forma de *"preencher o tempo"*, de ficar mais *"ligado"*, de inibir à fome,

[51] Maria Lúcia, coordenadora do MNPR no Brasil

demonstra como essa prática encontra-se associada às especificidades do cotidiano vivenciado em *situação de rua*. De acordo com essa perspectiva, Walter Varanda[52] (2012) reitera sobre a representação das substâncias lícitas e ilícitas pode na vida dos que estão em situação de rua:

> Os rituais de uso estão associados à sociabilidade, às relações de parceria, proteção e segurança. A vida nas ruas é recheada de códigos, 'de jeitos' que tornam o crack para uns e a bebida para a maioria uma opção interessante, sem falar na disseminação da maconha, que permeia o uso de outras drogas [...] O uso abusivo, na situação de rua, é mais intenso que em outras situações em que o sujeito convivesse com algum controle social [...] também a taxa de usuários se deve à intervenção neuroquímica das substância que alivia, conforta, estimula, anestesia, diminui a autocensura, relaxa o autojulgamento e permite certa maleabilidade da autoimagem, principalmente aquela que o sujeito não gosta [...] Outro fator que pode ajudar a entender esse fenômeno é a questão do histórico da população de rua na cidade, já que mais da metade dos moradores foi internado em alguma instituição, predominando casas de detenção, clínicas de recuperação de álcool e outras drogas, e Febem (VARANDA, 2012, p. 21).

Seu Inácio, que se apresentou como ex-usuário dessas substâncias, disse ter conseguido parar de usar sozinho, sem precisar de internação. As palavras de seu Inácio foram:

> Eu entrei para as drogas e aí saí do meu jeito, do jeito que eu entrei eu saí... eu não precisei de internamento não, tá entendendo? Eu procurei a deus, sabe? Sempre as palavras, né... eu fui e graças a Deus eu tô aqui. Não tenho nada contra a ninguém que usa, tudo pra mim é meu amigo, que eu fui... eu sou igual a eles aí, não sou melhor do que ninguém, agora... eu pego a minha diferença né... tem que se afastar né?! Tem que se afastar de muitos porque senão, se envolve, e eu não quero me envolver mais não. Porquê mataram minha mãe por causa das drogas né?! Eu saí de lá porque assim... acho que deus tocou meu coração para eu não morrer também.

> Uma vez uma pessoa que conheci que foi do "Manassés" me disse que ele tinha que vender 200 canetas por dia. Quando não vendiam davam bronca e até mesmo diminuíam a quantidade de comida. Ele saiu da Manassés e denunciou em uma rádio o que tavam fazendo. Ele disse que tavam querendo passar cerol nele (matar). Eu mesmo que não quero ir pra uma coisa dessas. Não ia me adequar.

4.3 SOBRE O ACESSO AO SISTEMA DE SAÚDE:

[52] Walter Varanda é psicólogo e pesquisador sobre população de rua e uso de drogas da Faculdade de Saúde Pública da USP.

Viver em *situação de rua* acaba favorecendo o aparecimento de doenças, além de piorar as previamente existentes (BRASIL, 2009). Esse fato deve-se as circunstâncias degradantes e de extrema escassez que essas pessoas vivenciam durante o cotidiano no *"meio da rua"*. Relaciona-se às condições insalubres de trabalho, geralmente informais; à alimentação insuficiente, inclusive em termos nutricionais; às práticas que consomem o corpo – as andanças, o uso de substâncias que alteram o sentido, as noites "em claro"; a ausência de um abrigo que ofereça proteção contra o frio, contra o medo e violência, enfim, são muitos os aspectos que podem ser elencados.

Diante desse contexto, entre os problemas de saúde acarretados e ou agravados pela vida nas ruas, encontram-se: as disfunções respiratórias – pneumonias e tuberculoses; as complicações dermatológicas; lesões externas por atropelamentos, brigas e outras formas de violência; a presença do HIV/AIDS; as perturbações psíquicas; além da hipertensão arterial, diabetes e outras mais comuns entre a população brasileira (BRASIL, 2009). De fato, problemas relacionados à saúde foram bastante relatados entre a população em *situação de rua* que circula pela cidade de Natal/RN:

> Já tentei ir ao médico para fazer uns exames, mas não consegui ficha em Brasília Teimosa. O que eu sei é que estou com uma doença de pele, fico muito triste constantemente, algumas vezes tenho dificuldade de respirar, tenho hepatite, pressão alta e tô com problemas nos dentes (Aline).
>
> Quando preciso de medicamento tenho conseguido com o coordenador do albergue: Rafael. Estou triste constantemente e tenho problemas nos dentes (João Lázaro).
>
> Quando preciso de remédio tenho que comprar na farmácia porque não tem no posto. Tenho depressão, problema respiratório e nos dentes e pressão altas. (Fernando Vieira).
>
> Para conseguir medicamento eu peço, pois falta investimento do governo. Sou dependente químico, tenho problema nos dentes e tenho uma deficiência física no braço (Marcos Vinicius).
>
> Quando preciso de medicamento peço a uma dona de um bar nas Quintas que me dá. Atualmente, estou com o braço quebrado e com problemas nos dentes. Uso cigarro e maconha. Não possuo nenhum documento. Inclusive, essa é a razão para eu não pegar medicamentos no posto de saúde (Kaio Rocha).
>
> Já me internaram (a família) em um hospital particular daqui de Natal, para me tratar da dependência química. Já faz tempo. Fiquei menos de um mês. Os profissionais de saúde nem conversavam comigo. Fiquei dopada. Odiei (Marcela).
>
> Estou com um fungo na pele, problemas nos dentes, tristeza direto, dependência química e com a clavícula e o pulso doendo (a primeira por causa de uma queda de uma árvore e a segunda por causa de uma briga na rua) (Marcela).
>
> Já cheguei a ir para o Walfredo Gurgel pela SAMU quando passei mal. Alguém da rua ligou e eu fui atendido no hospital. Estava com infecção intestinal; Com relação

> a saúde fico triste direto, sou dependente químico, de vez em quando meu coração dá aquela apertada e estou com problema nos dentes (Fernando).
>
> Há muito tempo fiquei doente e utilizei o Hospital dos Pescadores. Quando preciso de medicamento peço dinheiro nas casas pra comprar. Não pego na rede pública, porque é a maior luta. Não tem remédio. Eu fico irritado muito fácil, um médico já me disse que tenho problema psiquiátrico (José Edson).
>
> Quando fico doente uso o posto de saúde e o Hospital dos Pescadores. Com relação a medicação, se não consigo na rede de saúde pública (por falta) compro pedindo dinheiro. Tenho muitas doenças. Fico triste direto, bebo muito, tenho diabetes, pressão alta, problema nos dentes tem um olho cego, um braço quebrado, hérnia de disco, bursite, clavícula torada, água no joelho e um dedo torado (Antônio Marcos).
>
> Estou indo para o CAPES para tratar da minha dependência e da minha tristeza (Júlio César).
>
> Nos outros estados utilizava muito o CREAS POP. Como está fechado aqui em Natal estou com dificuldades de arranjar emprego, pois fica difícil acessar a internet e o telefone (Adelal).

O movimento sanitarista definiu o conceito de *saúde* como algo resultante das condições de:

> Alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde. É assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis da vida (BRASIL APUD BRASIL 2009, p. 111).

Tendo em mente esse conceito ampliado de saúde, no qual sua garantia depende além da atenção médica, Sarah Escorel (1999) aponta que as pessoas em *situação de rua* sofrem a experiência da exclusão social em diferentes dimensões, e entre essas dimensões penso que a garantia à saúde, bem como o acesso de equipamentos e serviços de saúde, é uma das experiências de exclusão que foi evidenciado em diversos relatos desses sujeitos. A esse respeito Maria Lúcia expôs algumas questões de como, no dia- dia acontece essa exclusão:

> Dentro da constituição diz que todo ser humano tem o direito à saúde como um todo, correto? Mas o morador em situação de rua não consegue acessar um posto de saúde, porque tá sujo, porque não tem documento... e assim sim, tá, tudo bem... a pessoa tá suja. Então me amostra onde é que ele pode tomar um banho?! Ele tá sem documento. Tá. E onde é que ele vai guardar esse documento? E quando não a polícia muitas vezes, de madrugada toma esse documento, rasga esse documento.

Diego, por exemplo, relatou-me certa situação: Disse que estava com uma dor na perna muito forte, já fazia algum tempo, e que por isso foi à procura de atendimento. Chegando lá ele tinha que preencher uma ficha, colocando endereço, assim como outros dados pessoais, que não tinha como responder. Ele contou-me que muitas vezes tentava ser atendido no posto, mas *"davam uma desculpa"* dizendo que não tinha médico para atendê-lo, ou então, diziam que ele precisava de um agendamento para ser atendido, mas que mesmo pegando a ficha de atendimento que lhe davam, quando chegava o dia marcado, o mandavam voltar em outro momento.

São muitos os relatos desses sujeitos quanto à dificuldade que enfrentam ao tentar serem atendidos nos postos de saúde, primeiro porque a situação da saúde no Estado do Rio Grande do Norte é muito precária; segundo, por que comumente é exigida apresentação de documentos que muitas vezes eles não possuem; terceiro, por causa do preconceito. Quando conseguem ser atendidos, outra dificuldade que se apresenta a esses sujeitos é conseguir os medicamentos que são prescritos, além da dificuldade de administrar o uso de tais remédios durante o cotidiano de sobrevivência na rua.

Isaac, morador em *situação de rua* há cinco anos e natural da Bahia, relatou-me precisar tomar medicamento prescrito pelo CAPS, para tratamento de dependência química, mas que esse medicamento lhe causa muita sonolência. Por isso ele não toma, pois não tem condições de ficar dopado na rua, além de que precisa trabalhar, fazer os *"bicos"* que consegue.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento é a parte entre o autor e o leitor.
Todo autor mata-se procurando com que agradar o leitor.
Qual a porcentagem mundial de autores realizaram-se
concretizando este sonho?

"O condicionado"[53]

A itinerância errante que caracteriza a *situação de rua* implica uma condição de instabilidade e exclusão do mercado de trabalho. Desta forma, esses sujeitos encontram nos dejetos da sociedade inclusa uma possibilidade de sobrevivência e resistência no meio urbano.

Nesta condição, não só o espaço é (re) utilizado como também muito do que é descartado é reaproveitado para fins práticos e imediatos. A alimentação é instantaneamente consumida; os objetos recicláveis são vendidos ou transformados em artesanatos também para venda; o dinheiro recebido, que é pouco, logo é empregado em outra coisa. Diante das inúmeras necessidades, geralmente a compra de substâncias psicoativas parece ser o mais proveitoso, ao amenizar a tristeza, a dor, a fome, o medo.

Na rua, não existe espaço nem para a fixação nem para a acumulação, pois o que se carrega é a penas o necessário e imprescindível: geralmente uma mochila com os documentos pessoais – quando ainda o possui – alguma muda de roupa e um cobertor. Diante de tais questões, Magni coloca que (1995, p. 36), "a acumulação de bens materiais, que para os sedentários é uma compulsão, para os nômades deixa de fazer sentido – mesmo quando é ambicionado". O único bem físico que possuem é o próprio corpo, e nele não conseguem carregar tantas coisas durante as perambulações que se fazem constantes nesta situação.

A prática errante dos sujeitos em *situação de rua* reflete as inúmeras perdas de vínculos sociais, comumente relatadas como motivadoras da situação, que é intensificada à medida que o tempo na rua passa a ser maior. O vínculo empregatício com o trabalho formal, por exemplo, torna-se cada vez mais complicado, tendo em vista o preconceito pela inexistência de endereço fixo, pela aparência e a própria representação que esses sujeitos possuem no imaginário social ao longo de séculos.

[53] "O Condicionado" é a assinatura de Raimundo Arruda Sobrinho, homem e poeta que nasceu na zona rural de Goiás e viveu por quase 19 anos – em *situação de rua* – em um canteiro da Avenida Pedroso de Moraes, em São Paulo, local designado por ele como a "ilha". Disponível em: http://ocondicionado.blogspot.com.br/

Dessa forma, as pessoas em *situação de rua* vivenciam o dia-dia marcado por uma lógica bem especifica ao modo de vida que levam na rua: o cotidiano não é rigidamente controlado pelo relógio que marca um tempo domesticado pela produção humana (MAGNI, 1995, p. 37). A temporalidade experienciada na condição de rua relaciona-se a outros marcadores, como os horários em que o comércio abre e fecha, as diferenças na dinâmica sócio-espacial que decorrem durante os dias da semana - especialmente as diferenças entre a semana e os fins de semana; o horário de funcionamento do Albergue Municipal; os horários dos locais alternativos que possibilitam a sobrevivência – o horário do sopão, do bate-gute, etc. – o transito de carros. Cada momento torna-se profícuo para determinada prática: dormir, alimentar-se, conseguir um bico, lavar a roupa, etc. Essas práticas ao mesmo tempo em que se apresentam como adequações simbolizam uma forma de resistência.

Pelo fato de sobreviverem da rua e na rua, (re) significando espaços, materiais e a própria forma de se apresentarem diante o modelo de vida socialmente imposto, estas pessoas subvertem a ordem legitimada e por isso são percebidos como uma ofensa moral, corporal e higiênica ao exercerem publicamente as suas privacidades e confrontarem o padrão classificatório dos cidadãos sedentário ao viverem de seus restos e rejeitos (MAGNI, 1995, p. 37).

Á vista disso, o modo de vida itinerante dos que habitam as ruas promove uma visão de mundo própria, bem como uma maneira diferente desses sujeitos experienciarem a cidade. Localizam-se inteiramente do *lado de fora*, no *meio da rua*, no espaço aberto, que é provisório; no território que conhecem mais do que qualquer outro habitante sedentário possa conhecer, mas que, no entanto, não possuem um centímetro de calçada. Neste espaço vivenciam a exposição paralelamente à invisibilidade. São visíveis no momento em que são expulsos, violentados e enxergados pelo olhar do desprezo, quando não da caridade e piedade. São invisíveis quando requerem oportunidade de inserção, quando reivindicam um espaço, um abrigo, um alimento, um trabalho digno. Porque dizem “não”?

Esta pesquisa procurou, antes de qualquer coisa, proporcionar visibilidade aos sujeitos em *situação de rua*, ao trazer depoimentos e narrativas reveladoras sobre o cotidiano vivenciado na rua, ou simplesmente pôr a questão em evidência. No entanto durante o percurso de pesquisa foi muito difícil equacionar, formatar e traduzir a experiência vivida – por mim, por eles, e por nossa relação. Considerando que traduzir é interpretar, aqui ofereço pistas e interpretações a partir da minha experiência junto à esse grupo populacional.

Por fim coloco aqui uma citação que muito me identifiquei sobre este momento, de desligar-me da trajetória em campo – mesmo que temporariamente – para escrever e entregar a versão sobre tudo que foi vivido e analisado:

> "Esta é uma parte árida do trabalho e que encerra um risco: mergulhando nas palavras, noções, conceitos ou categorias, perder de vista os seres humanos e suas condições de vida cotidianas. Nessa hora em que escrevo e busco elucidar os termos empregados, conferir-lhes estatutos teóricos, onde andam os meus entrevistados? Tomaram café? Estão de ressaca? Vão lavar a roupa na praia de Botafogo? Brigaram ontem à noite, estão machucados, feridos? Saíram para garimpar, apareceu algum serviço, tem dinheiro no bolso? Estão deprimidos ou animados? Que dias os espera? Está chovendo? Encontraram abrigo, estão agasalhados? O risco da (necessária) busca por precisão conceitual é acabar erguendo um muro suficientemente alto que impossibilite visualizar a realidade vivida e sentida cotidianamente pelos excluídos e, invertendo as prioridades, conduzir a um trajeto onde já não teria importância de quem estamos falando e sim do que estamos falando, processo que não deixa de ser uma forma de transformar seres humanos em objetos". (ESCOREL, 1999, p. 34)

Enfim, espero que essa experiência antropológica sirva, de algum modo, para expandir e aprofundar nosso autoquestionamento.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A. K. de M. A; NOBRE, M. T; COUTINHO, A. F. J; GOMES, F. E. S. **Entre canteiros e nuvens, perigos e guarda-chuvas: a experiência de uma pesquisa-intervenção com pessoas em situação de rua**. [S. l. :s.n.]; p. 1-18. 2014.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos** / Michel Argier; tradução Graças Índias Cordeiro; prefácio à edição brasileira Graças índias Cordeiro, Heitor Frúgoli Jr. Editora: Terceiro Nome (Antropologia Hoje). São Paulo, 2011.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Companhia das letras, São Paulo, 1986.

BEZERRA, Floriza Soares. **"Eu quero é botar meu bloco na rua!"** – A organização do Movimento Nacional de População de Rua em Natal: Trajetórias, lutas e desafios. Monografia (Graduação em Serviço Social) – 113 f. UFRN. Natal, RN, 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Sumário Executivo. **Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua**. Meta Instituto de Pesquisa e Opinião. Abril, 2008.

_____. **Rua**: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. – Brasília, DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral – 8° ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 183-191, 2006.

BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua:** nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo:** olhar, ouvir e escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. 2 ed. São Paulo: editora UNESP, Paralelo 15, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Trad. Ephraim F. Editora Vozes, Petrópolis, 1998. 3° edição. 1998.

COSTA, Ademir Araújo da. **A verticalização e as transformações do espaço urbano de Natal-RN.** Tese (Doutorado em Geografia) – Rio de Janeiro: UFRJ. PPGG, 2000.

COSTA, Ana Paula Motta. **População em Situação de Rua:** contextualização e caracterização. Revista Virtual Textos & Contextos, n°4, dez, 2005.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV:** Espaço e sociabilidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

_____. **O de cima sobe e o debaixo desce na Cidade do Sol.** Os Urbanitas – Revista de Antropologia Urbana. Ano 5, Vol. 5, n° 7, julho de 2008. Disponível em: http://www.osurbanitas.org/osurbanitas7/Coradini2008.html

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua.** Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro, 5° edição, 1997.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao Léo: trajetórias de exclusão social.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

_____. **Vivendo de teimosos:** moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, M. (Org.) No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos urbanos errantes:** uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Être Affecté.** In: Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie, 8, pp. 3-9, 1990.

FRÚGOLI, Heitor. **O urbano em questão na antropologia:** interfaces com a sociologia. Revista de Antropologia. [online]. Vol. 48, n° 1, pp. 133-165, (ISSN 0034-7701; http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012005000100004), 2005.

_____. **Sociabilidade urbana.** Coleção PASSO-A-PASSO. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GIROLA, C. M. **Rencontrer des personnes sans abri:** une anthropologie reflexie Politix, (34):87-98, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada [tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes]. – 4 ed. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOVERNO FEDERAL. **Política Nacional de Inclusão Social da População em Situação de Rua.** Brasília/DF, Maio de 2008.

GREGORI, Maria F. **Viração:** experiências de meninos nas ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Editora: 34, 152 p. (Coleção TRANS), Rio de Janeiro. 1994.

LESSA, Carlos. **Os ovos da serpente.** IN: *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*/ Marcel Bursztyn, organizador. – Rio de Janeiro, 2000.

LIMA, Bruna Massud de. **"Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir":** direito à cidade e população em situação de rua em Natal/RN. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – 244 f. UFRN. Natal, RN, 2014.

MAGNI, Claudia T. **O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes da rua.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 141-149, jul. /set.1995.

_____. **Povo da Rua:** um estudo sobre nomadismo urbano. Cadernos da Cidade. Porto Alegre: v.2, n.4, p.1-41. 1995.

_____. **Habitantes de rua:** um caso de nomadismo urbano. IN: *Travessia*. Revista do Migrante. São Paulo, n.27: Nomadismos, Gráfica e ed. Peres, Ltda: 1997.

_____; BRUSCHI, Mauro. **A imagem nômade:** o uso da foto no trânsito entre a antropologia e a arte. In: Etienne Samain. (Org). O fotográfico. São Paulo: Hucitec, p. 185-197, 1998.

MAGNI, C. T. **Sem-Domicílio Fixo, de objeto a sujeito de imagens**: oficina de vídeo em uma associação parisiense. Cadernos de antropologia e imagem, Rio de Janeiro. V.15, p 91-100, 2002.

_____. **A Oferenda do Sabiá**: Produção Fílmica em uma Oficina para Pessoas Sem Domicilio-Fixo em Paris. In: MICHELON, F. F., SENNA, N. DA SILVA, U. (Org.) Gênero, Arte e Memória. Ensaios Interdisciplinares. Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH/UFPel, FAPERGS-Pelotas: Ed. da UFPel, p. 169-178, 2009.

_____. **Nova pobreza e paradoxos da política de inclusão social Francesa:** considerações a partir de uma oficina de cerâmica no Socorro Católico. Revista Antropolítica, n° 29, indb 55, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana.** (Versão revista e atualizada do artigo "A rua e a evolução da sociabilidade", originalmente publicada em Cadernos de História de São Paulo 2, jan/dez 1993, Museu Paulista - USP). 14 págs. 2000. Disponível em: http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf . Acesso em 27 de abril de 2015.

_____. **Festa no Pedaço:** Cultura popular e lazer na cidade. 3° edição. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003.

_____ (Org.); Souza, Bruna Mantese (Org.). **Jovens na Metrópole:** etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

MELO, Tomás Henrique de Azevedo Gomes. **A rua e a sociedade:** articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – 194 f. UFPR. Curitiba, PR, 2011.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo/SP: Hucitec, 2000.

NATAL. **Anuário Natal 2013.** Natal: SEMURB, 2013.

OLIVEIRA, Dijaci David de. **Migração, redes e projetos:** os moradores de rua em Brasília. In: No meio da rua – nômades excluídos e viradores/ Marcel Bursztyn, organizador. – Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

OTNER, Sherry B. **Uma atualização da teoria da prática**. In: Conferência pronunciada na 25° Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, Brasil. 2006.

RIAL, Carmem. **Rodar:** a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. Horizontes Antropológicos. Vol° 14, n° 30. Porto Alegre, julho / dezembro 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de Rua:** Estudo de Antropologia Urbana. Revista Iluminuras – Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais – NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/ UFRGS. V. 4, n° 7, 2003.

_____; _____. **Antropologia da e na cidade:** interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 296 p, 2013.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo/SP. Brasiliense, 2004.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. **Quando a Rua vira Casa:** a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3° Ed. São Paulo, Projeto, 1985.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Notas sobre a dinâmica socioespacial da população em situação de rua:** estratégias de adaptação, sobrevivência e o manejo dos recursos disponíveis no meio urbano. In: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. -- Brasília, DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

SILVA, Maria Lúcia Lopes. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no** Brasil 1995-2005. Tese (Doutorado) – Brasília: Programa de Pós-graduação em Política Social, Universidade de Brasília. 2006.

SIMMEL, George. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Coleção: Artigos LUSOSOFIA. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

TELLES, V. S. **A cidadania inexistente:** incivilidade e pobreza: um estudo sobre o trabalho e a família na Grande São Paulo. São Paulo. Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.

TOSTA, Tania Ludmila Dias. **Memória das ruas, memórias da exclusão.** In: No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. 2° ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas:** ação simbólica na sociedade humana/ Victor Turner; Tradução de Fabiano de Morais. Niterói; Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

WACQUANT, Loic. **A zona.** In: BOURDIEU, Pierre. (coord.) A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes. 2003.

_____. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro, Revan/Fase, 2001.

VARANDA, Walter. **Moradores de uma terra sem dono.** In: Sociologia – Ciência & Vida (revista). Editora Escala. Ano III – Ed. 32 – Dezembro, 2012.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência:** uma crítica da patologia social. 2° ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Individualismo, anonimato e violência na metrópole.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 6, n° 13, p. 15-29, Junho, 2000.

_____. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Gilberto Velho. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ZALUAR, Alba. **Pesquisando no perigo:** etnografias voluntárias e não acidentais. *Mana.* 2009, vol.15, n.2.

IBGE: http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=240810. Site visitado em 21/05/2015.

BOCA DE RUA: **vozes de uma gente invisível**. Documentário (10 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5TtoMSiRn0w Porto Alegre. 2013.

EU EXISTO. Documentário produzido pelo Centro Acadêmico XI de Agosto (110° Diretoria) da Faculdade de direito da USP. (16’46 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dW_SGHrlIjc São Paulo. 2012.

O CONDICIONADO. Documentário. Diretor: Michael Marantz. Diretor de Fotografia: Tim Sessler. (4’30 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2jqAHUhiFmg 2014.

ANEXOS

ANEXO 1 – ARTIGO 60 (REVOGADO) DA LEI DE CONTRAVENÇÕES PENAIS.

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO-LEI Nº 3.688, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941.

Vigência

(Vide Lei nº 1.390, de 3.7.1951)
(Vide Lei nº 7.437, de 20.12.1985)

Lei das Contravenções Penais

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o artigo 180 da Constituição,

DECRETA:

PARTE ESPECIAL

CAPÍTULO VII

DAS CONTRAVENÇÕES RELATIVAS À POLÍCIA DE COSTUMES

~~Art. 60. Mendigar, por ociosidade ou cupidez:~~ (Revogado pela Lei nº 11.983, de 2009)
~~Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses.~~ (Revogado pela Lei nº 11.983, de 2009)
~~Parágrafo único. Aumenta-se a pena de um sexto a um terço, se a contravenção é praticada:~~ (Revogado pela Lei nº 11.983, de 2009)
~~a) de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento.~~ (Revogado pela Lei nº 11.983, de 2009)
~~b) mediante simulação de moléstia ou deformidade;~~ (Revogado pela Lei nº 11.983, de 2009)
~~c) em companhia de alienado ou de menor de dezoito anos.~~ (Revogado pela Lei nº 11.983, de 2009)

GETULIO VARGAS.
Francisco Campos.

LEI Nº 11.983, DE 16 DE JULHO DE 2009.

Revoga o art. 60 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 - Lei de Contravenções Penais.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É revogado o art. 60 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 - Lei de Contravenções Penais.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 16 de julho de 2009; 188º da Independência e 121º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Tarso Genro

ANEXO 2 – XXVI “OS OLHOS DOS POBRES” CHARLES BAUDELAIRE

Ah! Você quer saber porque eu a odeio hoje. Será, certamente, menos fácil para você compreender do que para mim, explicar; porque você é, creio, o mais belo exemplo de impermeabilidade feminina que se possa encontrar.

Tínhamos passado juntos um longo dia que me parecera curto. Nós nos tínhamos prometido que todos os nossos pensamentos seriam comuns a um e ao outro e que nossas duas almas não seriam mais do que uma só – um sonho de que nada tem de original, uma vez que, afinal, é um sonho sonhado por todos os homens, mas nunca realizado por nenhum.

À noite, já um pouco fatigada, você quis sentar-se em frente a um café novo, na esquina de um bulevar também novo, ainda cheio de cascalhos, mas já mostrando gloriosamente seus esplendores inacabados. O café brilhava. Mesmo as simples tochas de gás revelavam todo o ardor de uma estreia e iluminavam, com todas as suas forças , as paredes de uma brancura ofuscante, exibindo a sequência de espelhos, o ouro das molduras e dos frisos, mostrando pagens rechonchudos arrastados por cães nas coleiras, senhoras rindo com os falcões pousados em seus punhos, ninfas e deusas trazendo frutas em suas cabeças, patês e caças diversas, as Hebes e Ganimedes apresentando, com seus braços estendidos, a pequena ânfora com creme bávaro ou obelisco bicolor de sorvetes coloridos; enfim toda a história e a mitologia postas a serviço da glutonaria.

Bem em frente de nós, na calçada, estava plantado um homem de bem, de uns quarenta anos, de rosto cansado, de barba grisalha, tendo numa das mãos um menino e sobre o outro braço um pequeno ser ainda muito frágil para andar. Ele cumpria o papel de uma babá e trazia seus filhos para tomar o ar da noite. Todos em farrapos. Esses três rostos estavam extremamente sérios e seus seis olhos contemplavam fixamente o novo café com igual admiração, mas, naturalmente, com as nuances devidas às idades.

Os olhos do pai diziam: “Que beleza! Que beleza! Dir-se-ia que todo o ouro do pobre mundo fora posto nessas paredes”. Os olhos do menino diziam: “Que beleza! Que beleza! Mas é uma casa onde só podem entrar pessoas que não são como nós! ”. Quanto aos olhos do menor, eles estavam fascinados demais para exprimirem outra coisa senão uma alegria estúpida e profunda.

Os cancioneiros dizem que o prazer torna a alma boa e amolece o coração. A canção tinha razão nesta noite relativamente a mim. Não somente eu estava enternecido por essa família de olhos, como me sentia envergonhado por nossos copos e nossas garrafas, maiores que nossa sede. Virei meus olhos para os seus, querido amor, para ler neles “o meu pensamento”; mergulhei em seus olhos tão belos e tão bizarramente doces, nos seus olhos verdes, habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: “Não suporto essa gente com seus olhos arregalados como as portas das cachoeiras. Será que você poderia pedir ao *maîttre* do café para afastá-los daqui?

É tão difícil o entendimento, meu caro anjo, e tão incomunicável é o pensamento mesmo entre as pessoas que se amam.

Fonte: http://pequenospoemasemprosa.blogspot.com.br/2011/01/os-olhos-dos-pobres.html